

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Departamento de História

**Gestão de Sustentabilidade Ambiental em Eventos Culturais: O Caso  
dos Festivais**

Maria João Malheiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Empreendedorismo e Estudos da Cultura  
Vertente: Gestão Cultural

Orientador:  
Doutor Vasco Moreira Rato, Professor Associado,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de História

**Gestão de Sustentabilidade Ambiental em Eventos Culturais: O Caso  
dos Festivais**

Maria João Malheiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Empreendedorismo e Estudos da Cultura  
Vertente: Gestão Cultural

Orientador:  
Doutor Vasco Moreira Rato, Professor Associado,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

## **Agradecimentos**

O longo e intenso caminho percorrido para realizar este trabalho teve o apoio de um conjunto de pessoas que admiro e às quais devo agradecer.

Quero agradecer ao Professor Doutor Vasco Moreira Rato, orientador da dissertação, pelo interesse que despertou desde o início. Por todos os conselhos fundamentais e estimulantes, que me encaminharam para um trabalho mais completo e rigoroso.

À Professora Doutora Maria João Vaz, pela colaboração, disponibilidade e, principalmente, pela relação de amizade que mantém com os seus alunos.

À Professora Doutora Rosário Mauritti, por acompanhar os primeiros passos da investigação.

Ao Pedro Norton de Matos, ao Hernâni Silva e à Filipa Pereira, por colaborarem com entusiasmo e receptividade, pelo conhecimento que me transmitiram e que tanto me inspirou para este e futuros trabalhos.

Aos colegas e amigos que estiveram sempre disponíveis para me aconselhar e apoiar.

Quero agradecer à minha família, em particular à minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional e pela educação privilegiada que me proporcionam sempre. À minha tia Isabel, pela ajuda atenta e preciosa. Para terminar, pela força e motivação que me dão todos os dias, agradeço aos meus avós Edite e António, e avó Teresa.



## **Resumo**

Num festival, a adoção de estratégias de gestão promotoras da sustentabilidade ambiental reduz a sua pegada ecológica e valorizam-no enquanto evento ambientalmente responsável. Paralelamente, os festivais destacam-se pela sua capacidade de sensibilização, por via da comunicação e das intervenções que estimulam a consciência ecológica. A gestão ambientalmente sustentável é indissociável dos pilares económico e social da sustentabilidade. Por sua vez, potenciam-se resultados positivos nas regiões e comunidades envolventes. A presente dissertação pretende observar o impacto dos festivais, no sentido de desenvolver formas de mitigação dos mesmos e contribuir para a educação não formal dos participantes. Para complementar empiricamente a investigação, são estudados três festivais portugueses: Greenfest, Rodellus e Tradidanças.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Gestão Sustentável; Festivais; Impacte Ambiental; Sensibilização.



## **Abstract**

The adoption of management strategies that promote environmental sustainability at a festival reduces its ecological footprint and enriches the event as being environmentally responsible. At the same time, festivals stand out for their capacity to raise awareness, through communication and interventions that enhance ecological consciousness. Environmentally sustainable management is inseparable from the economic and social dimensions. In turn, positive results are fostered in the surrounding areas and communities. The following dissertation aims at observing the festivals' impacts, as a way to mitigate them and contribute to the non-formal education of participants. In order to empirically complement the research, three Portuguese festivals are studied: Greenfest, Rodellus and Tradidanças.

**Keywords:** Sustainability; Sustainable Management; Festivals; Environmental Impact; Awareness.



## ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
<b>CAPÍTULO 1 – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 Introdução .....	1
1.2. Âmbito e objetivos.....	2
1.2. Metodologia .....	3
1.3. Estrutura do trabalho.....	4
<b>CAPÍTULO 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS ...</b>	<b>7</b>
2.1. Crise ambiental .....	7
2.2. <i>Desenvolvimento Sustentável</i> : conceito e evolução .....	9
2.3 <i>Sustentabilidade</i> : dimensão económica, social e ambiental .....	13
2.4. <i>Educação para o desenvolvimento sustentável e educação ambiental</i> .....	15
2.5. Estudo dos eventos .....	17
2.5.1 Eventos e festivais sustentáveis .....	20
2.5.2 ISO 20121 .....	24
<b>CAPÍTULO 3 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O IMPACTE AMBIENTAL DOS FESTIVAIS .....</b>	<b>29</b>
3.1. Os festivais portugueses.....	31
3.2. Transportes.....	35
3.3. Local e comunidade .....	38
3.4. Gestão de resíduos.....	41
3.5. Alimentação .....	49
3.6. Parcerias e cooperação .....	51
3.7. Água e saneamento .....	53
3.8. Gestão de energia e emissões de gases com efeito de estufa .....	55
3.9. Comunicação e transmissão da mensagem ecológica .....	58
<b>CAPÍTULO 4 – CASOS DE ESTUDO .....</b>	<b>61</b>
4.1. Recolha de dados qualitativos.....	61
4.2. Greenfest.....	61
4.2.1. Organização geral .....	61

4.2.2. Transportes.....	62
4.2.3. Local, comunidade e estruturas.....	63
4.2.4. Gestão de resíduos .....	64
4.2.5. Alimentação .....	64
4.2.6. Água e saneamento .....	65
4.2.7. Comunicação e educação .....	65
<b>4.3. Rodellus.....</b>	<b>66</b>
4.3.1. Organização geral .....	66
4.3.2. Transportes.....	67
4.3.2. Local, comunidade e estruturas.....	67
4.3.3. Gestão de resíduos .....	68
4.3.4. Alimentação .....	68
4.3.5. Água e saneamento .....	68
4.3.6. Comunicação e educação.....	68
<b>4.4. Tradidanças.....</b>	<b>69</b>
4.4.1. Organização geral .....	69
4.4.2. Transportes.....	70
4.4.3. Local, comunidade e estruturas.....	70
4.4.4. Gestão de resíduos .....	71
4.4.5. Alimentação .....	72
4.4.6. Água e saneamento .....	73
4.4.7. Comunicação e educação .....	73
<b>4.5. Discussão dos resultados .....</b>	<b>73</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>83</b>

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 Estrutura gradual desde eventos até festivais. ....	17
Figura 2 Sistema de gestão de sustentabilidade para eventos presente na ISO 20121. ....	25

## CAPÍTULO 1 – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

### 1.1 Introdução

A indústria dos eventos, na qual se incluem os festivais, provoca impactos no meio ambiente, podendo marcar uma posição na área da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável (Saayman, 2012: 62), dada a capacidade de sensibilizar os seus espectadores. A linha de orientação do presente trabalho segue os princípios de que: 1. é necessário adotar um sistema de gestão ambientalmente sustentável em festivais; 2. a educação não formal do público tem capacidade para alterar comportamentos e sedimentar conhecimentos na área ambiental, transmitida através de meios de comunicação ou atividades promovidas pela entidade organizadora do evento.

O setor dos eventos tem diversas ramificações, repartindo-se conforme o seu domínio, dimensão, função, carácter artístico-cultural ou comercial, entre outros (Getz, 2007: 18-30). De qualquer forma, a transmissão de valores e a transparência dos métodos de gestão são transversais a toda a indústria.

A sustentabilidade é observada em três pilares: económico, ambiental e social. Esta triangulação é universalmente conhecida por *Triple Bottom Line* e visa atingir a prosperidade económica, a qualidade ambiental e a justiça social (Elkington, 1997: 397). Ao ser incorporada na educação e introduzida como matéria no âmbito cultural, nomeadamente nos festivais, resulta em benefícios para a indústria dos eventos e para o campo da educação para a sustentabilidade.

No presente trabalho, são aprofundados os aspetos considerados essenciais ao processo de gestão sustentável, e são investigados os possíveis obstáculos e desafios, benefícios e competências inerentes à vertente ambiental dos festivais. Neste quadro, serão fornecidas referências tanto a nível teórico e conceptual, como no âmbito empírico.

Com o intuito de explorar as características, os métodos de gestão e as prioridades dos festivais em Portugal – cujo foco seja assente na sustentabilidade ambiental e na conjugação com a sensibilização do público –, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a três casos, todos com histórico de apoio do programa “Sê-lo Verde” do Fundo Ambiental. Seguem abaixo brevemente enunciados.

O Greenfest, com entrevista a Pedro Norton de Matos, mentor do festival, que se realiza em Carcavelos, na Nova SBE, e em Braga, no Mosteiro de Tibães. O evento dura cerca de 4 dias em cada local, é dedicado ao tema da sustentabilidade e concentra atividades, conferências,

conversas e negócios sustentáveis em espaços fechados e ao ar livre. O Rodellus, que acontece em Ruílhe (concelho de Braga), com entrevista a Hernâni Silva, membro da equipa de produção deste festival de *rock*. O evento de 3 dias acontece num ambiente rural, explora o campo e a agricultura biológica, contribuindo ativamente para a sustentabilidade ambiental do ecossistema que reabilitou e que ocupa todos os verões. Por fim, o Tradidanças, que tem como temática principal a dança, com grande dedicação à oferta local, promoção da comunidade envolvente e a sustentabilidade ambiental da região, com entrevista a Filipa Pereira, produtora do festival em Carvalhais.

Em 2020, o normal funcionamento dos eventos culturais sofreu alterações com a pandemia causada pelo vírus COVID-19, que afetou Portugal no decorrer do presente trabalho. As limitações impostas aos festivais e eventos similares fizeram aumentar o investimento em experiências digitais – fenómeno que pode ter impactes positivos no meio ambiente.

A presente dissertação propõe-se a fazer uma análise holística da sustentabilidade ambiental no campo dos festivais. Inclui, portanto, os pilares social e económico da gestão de eventos, que apresentam entre si uma relação de interdependência. Por sua vez, é indispensável partir dos eventos enquanto objeto de estudo, onde os festivais se inserem.

Como limitações do presente estudo, destacam-se:

1. No estudo dos eventos e da sustentabilidade existem divergências entre autores, sendo complexo encontrar concordância na definição de alguns conceitos;
2. Os casos selecionados para análise apresentam diferenças entre si; porém, dada a amplitude do setor dos eventos sustentáveis, determinados aspetos têm uma abordagem menos aprofundada.

Assim, parte-se de uma abordagem geral de conceitos fundamentais, seguindo para as problemáticas centrais da tese: os impactes ambientais dos festivais e a sensibilização para a sustentabilidade.

## **1.2. Âmbito e objetivos**

São vários os avanços teóricos e empíricos dos últimos anos na área da sustentabilidade ambiental e dos festivais. A interligação dos dois campos compõe o estudo da vertente ambiental dos festivais, sobre o qual a presente dissertação se desenvolve. O trabalho parte de duas questões: como se gere um festival para que este tenha o menor impacte ambiental possível? De que forma essa gestão pode contribuir para a sensibilização de participantes?

Neste sentido, com base em trabalhos anteriores que fundamentam a revisão bibliográfica, a dissertação tem como objetivo:

1. Contribuir para o conhecimento da gestão dos festivais sustentáveis, passando por uma contextualização do estudo da sustentabilidade e do estudo dos eventos;
2. Fazer um levantamento dos componentes que contribuem para os impactos ambientais dos festivais;
3. Caracterizar procedimentos de gestão ao longo das várias fases e componentes dos festivais;
4. Sustentar empiricamente o trabalho com três casos de festivais portugueses.

Relativamente ao último ponto dos objetivos de investigação, a tese pretende tomar os casos de estudo como exemplos práticos de festivais portugueses que procuram e promovem a sustentabilidade. Não se tenciona posicionar os eventos quanto ao desenvolvimento da sua vertente ambiental; mas sim, observar o seu processo de gestão e analisar um percurso com investimento, imprevistos e prioridades estabelecidas.

## **1.2. Metodologia**

O processo metodológico adotado assenta em três planos, que vão progressivamente aprofundando o objeto de estudo:

1. Contextualização e definição dos conceitos essenciais que fundamentam o estudo. Intercalação entre três domínios:
  - a. A crise ambiental, o desenvolvimento sustentável, as dimensões da sustentabilidade, a educação para o desenvolvimento sustentável e a consciência ecológica.
  - b. A indústria dos festivais em Portugal e o estudo dos eventos.
  - c. A convergência dos dois domínios anteriores: eventos e festivais sustentáveis e o sistema de gestão de sustentabilidade para eventos delineado pela norma ISO 20121.
2. Caracterização e análise dos impactos ambientais dos festivais, percorrendo as dimensões e componentes que causam impacto, respetivas ferramentas de gestão e sensibilização.
3. Análise de três casos de estudo: três festivais portugueses que se enquadram no objeto de investigação. Cruzamento analítico das dimensões e componentes estudadas no plano anterior. Discussão dos resultados.

A presente dissertação identifica-se como estudo exploratório. A conceptualização e revisão de bibliografia presentes no primeiro e segundo planos visam criar uma base científica para análise do objeto de estudo, com o objetivo de retirar conclusões fundamentadas (Babbie, 1989: 114). Deste modo, os temas abordados são resultado de um trabalho de investigação contínuo, delineados ao longo da exploração do objeto de estudo. De acordo com Almeida (1995: 198), a estratégia de investigação identifica-se como intensiva, dado que se trata “*de analisar em profundidade as características*” de um determinado fenómeno e em que se isolam “*problemáticas que se estudam intensivamente*”.

Para analisar o objeto de estudo, foram recolhidos dados qualitativos através de entrevistas semiestruturadas, com combinação entre questões abertas e fechadas. O processo de seleção dos três casos baseou-se em requisitos como: reconhecimento (nacional ou internacional) de integração da sustentabilidade ambiental no sistema de gestão, apoio de programas como o “Sê-lo Verde” do Fundo Ambiental e variedade de temáticas entre os casos.

Segundo Yin (1994), o fenómeno e contexto estudado está fora do controlo do investigador e, na mesma lógica, é possível afirmar que se adotam métodos presentes na estratégia de *multiple case holistic design* – vários casos na mesma unidade de análise (Yin, 1994: 38-39), sendo a unidade de análise a vertente ambiental dos festivais. Por serem estudados três casos, são reduzidos os níveis de subjetividade e potenciados resultados contrastantes e similares (Harrison et al., 2017).

No tratamento dos dados qualitativos foi adotada a análise de conteúdo de Bardin, pela qual se “*utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*” (Bardin, 2018). Deste modo, a análise de conteúdo dividiu-se em três fases: a transcrição *ipsis verbis* das entrevistas; a análise detalhada e categorização dos dados (inferência); e a interpretação dos significados e o cruzamento dos resultados com a literatura estudada.

### **1.3. Estrutura do trabalho**

Seguindo a metodologia acima apresentada, a presente dissertação encontra-se dividida em capítulos e subcapítulos que abaixo seguem brevemente descritos, à parte da bibliografia e anexos.

Capítulo 1 – Introdução, enquadramento, âmbito e objetivos, metodologia e estrutura da dissertação.

Capítulo 2 – Revisão Bibliográfica de Conceitos Fundamentais. Contextualização da crise ambiental. Os conceitos de *desenvolvimento sustentável* e de *sustentabilidade*, bem como as

suas dimensões económica, social e ambiental. Abordagem breve à *educação para o desenvolvimento sustentável* e à *educação ambiental*. Introdução ao estudo dos eventos, definições e tipologias; eventos e festivais sustentáveis e a norma ISO 20121.

Capítulo 3 – Revisão Bibliográfica: O impacte ambiental dos festivais. A indústria dos festivais em Portugal. Levantamento dos vários componentes que causam impactes em festivais e considerações sobre o processo de gestão de sustentabilidade ambiental: transportes; local e comunidade; gestão de resíduos (com foco no plástico); alimentação; parcerias e cooperação; água e saneamento; gestão de energia e emissões de gases com efeito de estufa; comunicação e transmissão da mensagem ecológica.

Capítulo 4 – Casos de estudo. Recolha de dados qualitativos de três casos de estudo: Greenfest, Festival Rodellus e Festival Tradidanças. Em cada caso de estudo são analisados sete aspetos: organização geral; transportes; local, comunidade e estruturas; resíduos; alimentação; água e saneamento; comunicação e educação. Termina-se o capítulo com a discussão dos resultados.



## CAPÍTULO 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS

### 2.1. Crise ambiental

A preocupação com questões ambientais marca a atualidade. Apesar de o assunto já ter sido introduzido no campo político e científico na segunda metade do século XX, é no novo milénio que a consciência ecológica se transforma num movimento social. A sociedade moderna tornou-se consideravelmente mais consciente para a conservação da natureza, e não apenas focada na sua exploração, em especial a partir da década de 80 – integrando, assim, a questão das alterações climáticas na sua cultura enquanto assunto prioritário (Sharpley, 2018). De acordo com Soromenho-Marques (2005a: 2), é fundamental alterar o sistema de governação internacional e encontrar soluções a nível global. Todos os aspetos associados à consciência ambiental implicam, por parte das organizações, alterações no planeamento e gestão das suas atividades. Parte da responsabilidade social de um produtor de eventos culturais é, aliás, encontrar modelos sustentáveis de organização, que promovam a sensibilização das diferentes partes envolvidas, acrescentar valor e contribuir para uma sociedade mais consciente, com respeito pelo meio ambiente. O modo como o humano se relaciona com a natureza está a esgotá-la e é urgente que se adotem novos métodos (Soromenho-Marques, 2005a:1).

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change)<sup>1</sup> – organização fundada em 1988 no âmbito do Programa das Nações Unidas para o Ambiente e da Organização Meteorológica Mundial –, é inequívoco entre cientistas que os seres humanos são a principal causa das alterações do clima, a partir da década de 50 do século XX. Estas mudanças observam-se na concentração de gases com efeito de estufa, causadores do aquecimento da atmosfera, cujas consequências residem, nomeadamente, na diminuição do gelo nos polos e, conseqüentemente, na subida do nível dos mares e oceanos (Qin et al., 2014:4).

De seu lado, a atividade económica depende, cada vez mais, de recursos naturais (Barrett et al., 2018). A exploração massiva das espécies e dos solos (através, por exemplo, da agricultura intensiva), conectada com o consumo excessivo, está a conduzir ao declínio progressivo da biodiversidade, e as alterações climáticas apresentam-se como uma das maiores ameaças existentes (Barrett et al., 2018). Além disso, também se enfrentam desafios relacionados com a degradação do solo, cujo impacte no ecossistema e no bem-estar dos seres humanos é nefasto; a ameaça a polinizadores, em especial as abelhas; a poluição; a degradação

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.ipcc.ch/>, consultado a 2 de maio de 2020.

dos oceanos (em grande parte decorrente da produção e consumo de plástico) e a fragmentação de habitats (Barrett et al., 2018).

A atividade humana causou o aquecimento global nos últimos anos (situado entre 0,1°C e 0,3°C, a cada década). Entre a segunda metade do século XIX e o período de 2006-2015 verificou-se uma subida de 0,75°C a 0,99°C. No Ártico, o aquecimento tende a ser duas a três vezes maior. (Allen et al., 2018:7).

Se a temperatura global aumentar 1,5°C até 2100, antecipa-se uma subida média do nível do mar de 0,26m a 0,77m (Allen et al., 2018:10). Os riscos da elevação do nível do mar são mais evidentes para zonas costeiras e ilhas, podendo prejudicar profundamente os ecossistemas. Se o aumento da temperatura global for de 2°C, os danos provocados serão irremediáveis, deixando pouca margem para a adaptação humana (Allen et al., 2018:11).

As populações vulneráveis estão mais expostas às consequências do aquecimento global, nomeadamente povos indígenas e comunidades agrícolas, em especial nas regiões do Ártico, zonas áridas, pequenas ilhas e países em desenvolvimento (Allen et al., 2018:12). A saúde é uma esfera particularmente afetada: acentua-se a propagação de doenças, aumenta a mortalidade, degrada-se a qualidade da alimentação e reduz-se o acesso a recursos hídricos (Allen et al., 2018:12).

A percepção de que se vive uma crise ambiental irreversível pode ser complexa nos países desenvolvidos, pois a sua visibilidade está essencialmente presente em notícias, movimentos sociais e algumas alterações no mercado, como o desenvolvimento de projetos e produtos sustentáveis. Isto é, as necessidades do quotidiano acabam por ser supridas em estabelecimentos com produtos provenientes de todo o mundo, dando a ilusão de que a crise ambiental não é uma realidade confirmada de imediato pela vivência dos cidadãos (Soromenho-Marques, 2005b:13).

Neste sentido, a consciência ecológica foi crescendo e refletindo-se em protestos, organizações, manifestações e outros movimentos pró-ambiente. Aqui, é exigida intervenção política para mitigar as consequências das alterações climáticas, bem como modificações na escala e nos formatos de produção. Para além das conferências internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), observam-se movimentos civis, maioritariamente protagonizados pelas faixas etárias mais jovens, que são um claro exemplo da crescente preocupação ecológica na sociedade.

Os movimentos sociais de ativismo ambiental surgem como crítica aos resultados das conferências internacionais, tendo vindo a crescer ao longo do século XXI. Em setembro de

2019 deu-se a terceira Greve Climática Global<sup>2</sup> (*Global Climate Strike*), organizada pela campanha *Fridays For Future* (FFF)<sup>3</sup>. Este tornou-se o maior evento de protesto climático a nível global (de Moor et al., 2020: 4), mobilizando 6.000 manifestações em 185 países, perfazendo um total global de 7,6 milhões de participantes. A campanha de protesto FFF iniciou-se em agosto de 2018, por iniciativa da jovem ativista climática Greta Thunberg, que se recusou a ir à escola e se manteve no exterior do Parlamento Sueco, como sinal de protesto (de Moor et al., 2020: 6). A partir desse momento, decorreu uma crescente mobilização de estudantes em torno da consciência e do ativismo climático, que acabou por alargar-se a outras faixas etárias.

De acordo com a Comissão Europeia (2019), 93% dos cidadãos europeus consideram as alterações climáticas um problema grave; a mesma percentagem tomou pelo menos uma ação para combater a crise ambiental e; 79% concorda que as medidas para combater as alterações climáticas conduzirão a uma maior inovação. A crise ambiental tornou-se, assim, num assunto de elevada importância na sociedade, sobre o qual se pedem alterações paradigmáticas.

## **2.2. Desenvolvimento Sustentável: conceito e evolução**

O conceito de sustentabilidade e o conceito de desenvolvimento sustentável referem-se a áreas de estudo progressivamente discutidas nos últimos anos. Ambas as áreas apresentam algumas divergências entre autores, existindo, no entanto, um entendimento internacional partilhado pela ONU.

O conceito de desenvolvimento sustentável nasceu na segunda metade do século XX, sendo posterior ao conceito de sustentabilidade. Define-se pela modificação de políticas com vista à sustentabilidade, considerando os impactes globais das atividades individuais e coletivas na vida das atuais e futuras gerações. Parte do princípio de que o consumo de recursos naturais se dá a uma velocidade extremamente superior à da sua reposição (Arowoshegbe et al., 2018).

Em 1972, a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano (Estocolmo) dedicou-se à discussão das questões ambientais, relacionadas com a sustentabilidade da vida no planeta Terra, pela primeira vez. Como resultado, a Assembleia Geral da ONU criou o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA)<sup>4</sup>. Assim, foram dados os primeiros passos na direção

---

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.climatestrike.net/>, consultado a 5 de maio de 2020.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://fridaysforfuture.org/>, consultado a 7 de maio de 2020.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=140>, consultado a 17 de março de 2020.

da preocupação com a sustentabilidade ambiental, económica e social. Na Declaração de Estocolmo (1972), foram definidos 26 princípios, sendo que o primeiro define o mote do conceito de desenvolvimento sustentável: *O Homem tem o direito fundamental à liberdade, igualdade e condições de vida adequadas, num ambiente que permita a qualidade de vida digna e bem-estar, tendo a solene responsabilidade de proteger e melhorar o ambiente para as gerações presentes e futuras*<sup>5</sup>. No sentido de contrariar a destruição dos ecossistemas e apelar à intervenção política, a declaração incluiu as primeiras referências oficiais e internacionais sobre energias renováveis, preservação da fauna e da flora, controlo da poluição, desenvolvimento científico e tecnológico.

Em 1983, Gro Harlem Brundtland (Primeira-Ministra da Noruega) é convidada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas para elaborar um relatório sobre desenvolvimento e ambiente, conhecido por *Nosso Futuro Comum* ou *Relatório Brundtland*, que foi redigido no âmbito da então criada Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento (Brundtland, 1987). Apresentado em 1987, o relatório fixou a definição de desenvolvimento sustentável como um processo que *garante as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras darem resposta às suas próprias necessidades*<sup>6</sup>.

Em 1992, no Rio de Janeiro, dá-se a segunda Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (também tomando a designação de *Cimeira da Terra*). Os seus principais objetivos definiram-se em torno da cooperação mundial, da proteção do sistema global de ambiente e do desenvolvimento, através da fixação de 27 princípios para o desenvolvimento sustentável. Estes 27 princípios foram compilados no documento *Declaração do Rio* - desde então, catalisador para as políticas atuais para o ambiente. Desta conferência resultou a Agenda 21 - documento internacional que estabelece o plano para atingir sociedades sustentáveis, do ponto de vista ambiental, social e económico (Cupeto et al., 2007: 6). A Agenda 21 foi assinada por mais de 170 países. Uma das principais afirmações deste documento está no 36º capítulo e assume a educação como veículo essencial do desenvolvimento sustentável.

No ano 2000, é concebida a Estratégia de Lisboa pela Comissão Europeia, que dá ênfase ao carácter competitivo da Europa no mundo, não comprometendo nunca a coesão social e a

---

<sup>5</sup>No idioma original (inglês): *Man has the fundamental right to freedom, equality and adequate conditions of life, in an environment of a quality that permits a life of dignity and well-being, and he bears a solemn responsibility to protect and improve the environment for present and future generations.* (APA, 1972).

<sup>6</sup>No idioma original (inglês): (...) *ability to make development sustainable to ensure that it meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs.* (Brundtlan, 1987).

sustentabilidade ambiental (Cupeto et al., 2007: 7). No mesmo ano, é adotada a Declaração do Milénio na sede da ONU em Nova Iorque, onde se estabeleceram os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM)<sup>7</sup>. Como prazo para estes objetivos, definiu-se o ano de 2015. Em 2001, foi adotada a Estratégia de Desenvolvimento Sustentável da União Europeia (EEDS), no seguimento da Estratégia de Lisboa, em Gotemburgo, sendo esta apenas aprovada em 2006. A EEDS focou-se nas seguintes prioridades: mitigação das alterações climáticas e dos riscos para a saúde pública, investimento nos transportes sustentáveis e proteção dos recursos naturais (Comissão Europeia, 2001).

Aproveitando o contributo da EEDS, deu-se outra Cimeira Mundial em Joanesburgo, em 2002, com o objetivo de reforçar as metas da Declaração do Rio e da Agenda 21 para o desenvolvimento sustentável. O Plano de Implementação de Joanesburgo foi aprovado, estabelecendo o compromisso dos Estados com a formulação e cumprimento de estratégias nacionais de desenvolvimento sustentável (Comissão Europeia, 2001). O compromisso estendeu-se a intervenientes públicos, privados e à cooperação entre ambos.

Em 2012, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Conferência Rio + 20) teve lugar no Rio de Janeiro, com o intuito de reforçar o compromisso político assente no desenvolvimento sustentável. Um dos resultados foi o documento *O Futuro que Queremos*, que continha objetivos práticos de implementação. Um dos principais focos foi a economia verde: ferramenta para o crescimento económico sustentável e para a erradicação da pobreza, que promove a gestão correta de recursos naturais e a preservação dos ecossistemas. A implementação de políticas de economia verde deve adequar-se ao contexto de cada país (Comissão Europeia, 2014). O *O Futuro Que Queremos* estabeleceu ainda um quadro de ação em áreas transversais, as metas de desenvolvimento sustentável e os meios de implementação. Aqui se iniciou o processo de construção dos objetivos que dariam continuidade aos ODM.

O ano 2015 é marcado pela Agenda 2030, adotada na Assembleia Geral da ONU em setembro, e o Acordo de Paris, alcançado em dezembro, na Conferência de Paris sobre as Alterações Climáticas (COP 21)<sup>8</sup>. O Acordo de Paris foi firmado para limitar o aquecimento global abaixo dos 2°C, dando seguimento ao Protocolo de Quioto de 1997, onde se concordou a redução da emissão de gases com efeito de estufa. A Agenda 2030 estabeleceu, então, os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (juntamente com 169 metas associadas)<sup>9</sup>:

---

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.un.org/millenniumgoals/>, consultado a 17 de março de 2020.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/climate-change/paris-agreement/>, consultado a 18 de março de 2020.

<sup>9</sup>Disponível em: <https://www.ods.pt/>, consultado a 18 de março de 2020.

1. *Erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.*
2. *Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.*
3. *Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.*
4. *Garantir acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.*
5. *Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e raparigas.*
6. *Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos.*
7. *Garantir o acesso a fontes de energia viáveis, sustentáveis e modernas para todos.*
8. *Promover o crescimento económico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos.*
9. *Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.*
10. *Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países.*
11. *Tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.*
12. *Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.*
13. *Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.*
14. *Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.*
15. *Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda de biodiversidade.*
16. *Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis.*
17. *Reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.*

O Pacto Ecológico Europeu<sup>10</sup> foi apresentado a 11 de dezembro de 2019, com o intuito de apresentar uma nova estratégia de transição para a economia moderna e sustentável. Os

---

<sup>10</sup>Disponível em: [https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal\\_pt](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_pt), consultado a 14 de maio de 2020.

objetivos concretos são a neutralidade climática a partir de 2050; a proteção de vidas humanas, animais e das plantas, com a redução da poluição; o investimento em produtos e tecnologias limpas para as empresas; e a transição justa e inclusiva (Comissão Europeia, 2019).

Hoje, vive-se um período decisivo de dedicação à sustentabilidade, sendo que o futuro depende do modo de governação mundial (Soromenho-Marques, 2005b:1). Durante um longo período de tempo tomou-se como verdadeira a ideia de que o crescimento económico (traduzido pelo aumento do Produto Interno Bruto) era indicativo da qualidade de vida da sociedade, consumindo recursos naturais e matérias-primas muito acima da renovação natural do planeta (Soromenho-Marques, 2005a:7). Assim, é urgente e necessário que se contrarie os níveis de produção e consumo que colocam em causa o ecossistema. O processo de construção e cumprimento de um modelo de desenvolvimento sustentável é muito lento e implica profundas mudanças paradigmáticas (Soromenho-Marques, 2005a:14).

### **2.3 Sustentabilidade: dimensão económica, social e ambiental**

É evidente que a crise ambiental que atualmente se enfrenta é marcada pela construção da sustentabilidade (Soromenho-Marques, 2005a:1). John Elkington (1997) afirmou a sustentabilidade como o paradigma emergente do século XXI. Já no século XIX, o economista Thomas Malthus mostrou preocupação com a produção de alimentos e adiantou que os recursos iriam ser, provavelmente, ultrapassados pelo crescimento da população, entendendo já que as matérias-primas são finitas (Brodribb, 1997, *apud* Musgrave e Raj, 2009: 2).

Dado que atualmente se observa uma escassez global de recursos, devido ao excessivo consumo humano - que ultrapassa os limites ecológicos há muito tempo -, a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável têm sido alvo de investigação e vistos como garantia do futuro da humanidade. A bibliografia realizada até à data sobre o tema compõe distintas interpretações do conceito, sendo unânime que a sustentabilidade é irremediavelmente um fator competitivo no mercado, mas também uma urgência universal, seja na dimensão económica, social ou ambiental.

Apesar das diferentes definições a que o conceito de sustentabilidade se associa, é consensual a sua multidimensionalidade e a implicação de uma conexão entre impactes ambientais, inclusão social e crescimento económico. Assim, as decisões a nível político devem ter em consideração as interações entre fatores sociais, económicos e ambientais (Musgrave e Raj, 2009:3).

Tradicionalmente, o sistema económico está relacionado com a geração de lucro através da exploração de recursos naturais e do consumo. No entanto, este tipo de produção direcionada para o negócio é finita e provoca evidentes consequências na renovação natural do planeta (Musgrave e Raj, 2009:3). Assim, observam-se dois conceitos que estão na base do pilar económico da sustentabilidade e que devem prevalecer sobre o modo de produção e consumo da economia tradicional e capitalista:

- O primeiro denomina-se *decrescimento económico* e assenta na dissociação do PIB em relação ao crescimento da economia, visto não ser compatível com a capacidade finita dos ecossistemas. Assim, deve ser encontrada uma alternativa sustentável que não produza e consuma mais do que o planeta consegue suportar<sup>11</sup>. Neste sentido, é necessário melhorar as condições ambientais e o bem-estar da sociedade, perspetivando um futuro de *prosperidade sem crescimento* (Jackson, 2009).

- O segundo é o conceito de *economia circular*, que se define enquanto um sistema assente na reutilização, reciclagem e regeneração de materiais, com o objetivo de prolongar o ciclo de vida dos recursos. Na economia linear, a vida dos produtos é tipicamente curta – este sistema está a chegar ao seu limite (Butterworth et al., 2014). A economia circular é, portanto, um veículo importante para atingir o *decrescimento económico*. Assim, diminuem-se resíduos e acrescenta-se valor aos materiais. Para tal, são necessárias mudanças em todas as partes envolvidas em cadeias de valor (Comissão Europeia, 2014).

O pilar ambiental diz respeito, essencialmente, ao impacte sobre a biodiversidade e os ecossistemas (Musgrave e Raj, 2009: 3). A sobre-exploração de recursos naturais é prejudicial ao bem-estar e à saúde da sociedade. As consequências da sobre-exploração variam entre a escassez de bens essenciais (como produtos alimentares e água) e desastres naturais (Barrett et al., 2018).

O pilar social assenta em conceitos como a igualdade, a repartição da riqueza, o direito a condições dignas de habitação, saúde e educação, visando contribuir para uma sociedade justa e interligando-se com os pilares económico e ambiental (Musgrave e Raj, 2009: 3).

A repartição do conceito de sustentabilidade em três dimensões é conhecida por *Triple Bottom Line*, primeiramente estudada por John Elkington em 1994 – fundador da consultora britânica *SustainAbility*. *Triple Bottom Line* define-se pela tese do triângulo da sustentabilidade, composto pelos pilares económico, social e ambiental (lucro, pessoas e planeta/*profit, people and planet*). À triplicidade do conceito pode ser acrescentado um quarto elemento: político-

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://degrowth.org/definition-2/>, consultado a 1 de Abril de 2020.

institucional, dado que a sustentabilidade só será atingida mediante entidades políticas e institucionais que a promovam (Soromenho-Marques, 2005b: 11), trabalhando ativamente para a criação de condições que permitam a mudança de comportamentos e o estabelecimento de metas.

Atualmente, os três pilares da sustentabilidade têm um papel importante dentro das organizações. Neste sentido, o conceito de responsabilidade social corporativa representa a responsabilidade tomada por determinada entidade sobre os impactos das suas atividades, consoante os interesses da sociedade (Smith-Christensen, 2009: 24), contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

A triplicidade da sustentabilidade pretende, acima de tudo, potenciar a dimensão económica e social sem prejudicar o meio ambiente, gerando benefícios nos três âmbitos. Como em qualquer atividade, as organizações pertencentes à indústria dos eventos devem perspetivar objetivos sociais, ambientais e económicos a longo prazo, permitindo um espectro mais alargado de benefícios. Sendo a cooperação um dos valores do processo de sustentabilidade, a colaboração entre a indústria dos eventos e outras organizações que partilhem os mesmos objetivos estabelece fatores de sucesso no alcance de uma sociedade mais justa em termos económicos, sociais e ambientais.

#### ***2.4. Educação para o desenvolvimento sustentável e educação ambiental***

Em 1972, na Conferência da ONU para o Ambiente Humano em Estocolmo surge a primeira referência à educação direcionada para a questão ambiental. Seguidamente, em 1975 é promovido o Encontro de Belgrado pela UNESCO, no qual se formulou princípios para um programa de *educação ambiental* (EA). Em 1977 é organizada a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilissi, pela UNESCO e pelo Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), na qual se estabeleceram objetivos e estratégias concretas, passando a ser considerada um marco decisivo na história da EA (Lima, 1999: 138). Esses objetivos consistiram essencialmente em: sensibilização para os problemas ambientais; desenvolvimento da compreensão básica do ecossistema; mudança de atitudes, valores e comportamentos para a participação ativa na proteção do ambiente; aquisição de competências para identificar e resolver problemas ecológicos; participação em grupos sociais (Martins et al., 2006: 31).

Segundo Reigota (2010) a EA é uma ferramenta que permite a intervenção de cidadãos tanto na justiça e ética social, como na relação dos humanos com a natureza. A educação não

formal promovida por entidades culturais tem um papel importante na sensibilização de participantes (Marandola Jr. e Ferreira, 2002: 284). Deste modo, as entidades culturais têm uma posição ativa na partilha de conhecimento e ferramentas necessárias à preservação da qualidade ambiental ao desenvolvimento da consciência social (Dias, 1992: 128).

Rieckmann (2017) defende que o desenvolvimento sustentável requer uma transformação paradigmática na forma como a sociedade pensa e age. A introdução dos valores da sustentabilidade no quotidiano de cada cidadão requer conhecimento e habilitações, que são adquiridos através de educação formal e não formal (Rieckmann, 2017: 7). De acordo com o mesmo autor, promover apenas o crescimento económico conduz e/ou aumenta padrões de consumo insustentáveis. Por outro lado, abordagens bem fundamentadas e direcionadas para o desenvolvimento sustentável possibilitam a tomada de decisões e ações informadas e responsáveis.

Assim, a educação para o desenvolvimento sustentável tem que ser integrada como parte de todo o processo educativo: formal (onde se inserem os sistemas tradicionais, como escolas e universidades), não formal (iniciativas de ensino fora do contexto escolar ou académico, onde se pode contar com os eventos) e informal (que se adquire ao longo da vida). Qualquer entidade deve assumir a responsabilidade de desenvolver competências indispensáveis para enfrentar os desafios do presente e do futuro (Rieckmann, 2017: 7).

O entendimento da relação entre a EA e a *educação para o desenvolvimento sustentável* (EDS) é discutido entre diversos autores: existe a defesa de que a EDS é uma nova geração da EA; a argumentação de que a EDS é parte integrante da EA; e a alegação de que ambas têm similaridades, mas que se devem manter agendas diferentes (Freitas, 2006: 139).

Independentemente das divergências ideológicas, a EA e a EDS são um caminho para atingir a consciência ecológica. Ao conscientizar coletivamente os cidadãos, o seu foco desloca-se para a sua relação com o ecossistema, para a perceção dos problemas ambientais, para a interdependência com a natureza; por conseguinte, desenvolve-se uma visão holística do meio ambiente (Marandola Jr. e Ferreira, 2002: 290-291).

A experiência de um festival potencia a capacidade de aprendizagem em coletivo, provocando mudanças profundas em cada participante. Os gestores de eventos têm a responsabilidade de incorporar conteúdos e atividades que desenvolvam a consciência ecológica dos espectadores. Ao fazê-lo, simultaneamente, valorizam a sua imagem e a área envolvente. Por um lado, a transmissão de comportamentos ambientalmente sustentáveis passa a ter um papel fulcral na *educação ambiental* do público. Por outro lado, a formação da equipa

do evento promove competências e ferramentas necessárias para o sucesso da gestão sustentável – sendo este um fator competitivo (Martins et al., 2006: 35).

## 2.5. Estudo dos eventos

Os eventos marcam ocasiões. A organização de eventos coletivos para assinalar determinado momento é algo que acompanha a evolução dos seres humanos: rituais religiosos, celebrações de Ano Novo, de Natal, de aniversário, entre outros. São encontros organizados, aos quais se pode chamar de eventos.

Atualmente, a produção de eventos abrange as mais diversas áreas, dimensões e propósitos. Independentemente do seu cariz, os eventos são cruciais na promoção de imagem das empresas, instituições, organizações, associações e outros (Bowdin et al. 2011: 3); bem como oportunidades de contacto entre os seres humanos e a natureza (Gibson and Wong, 2011: 96). A indústria dos eventos é um motor do desenvolvimento económico e social, e toma grande parte do tempo de lazer e do entretenimento das sociedades contemporâneas.

A presente dissertação concentra-se em eventos planeados – nos quais se inserem os eventos culturais e, seguidamente, o principal foco: os festivais. Para além destes, existem os eventos não-planeados (Getz, 2007: 18). A figura abaixo representa a categorização gradual que a presente dissertação assume para a investigação.

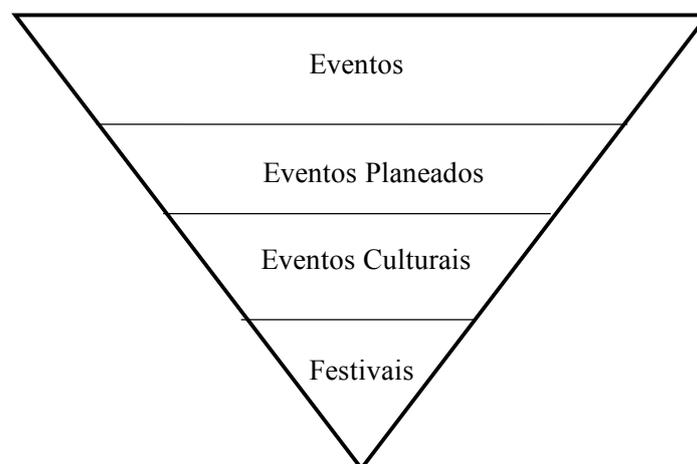


Figura 1 Estrutura gradual desde eventos até festivais.

Definem-se por eventos planeados, aqueles que são produzidos de modo a obter determinados resultados económicos, culturais, sociais e ambientais. Procuram um tema específico e proporcionam uma experiência ao público e entidades envolvidas (Getz, 2007: 21).

Segundo o mesmo autor, um festival é uma celebração com determinada temática, simbolismo e estimulação emocional.

*“Evento: uma ocorrência em determinado local e momento; um conjunto especial de circunstâncias; uma ocorrência singular.”*<sup>12</sup> (Getz, 2007: 18)

De acordo com as definições presentes no *Guia Para Eventos Sustentáveis* produzido pelo Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (BCSD Portugal), um evento é um *“encontro planeado relativamente ao tempo e ao local onde é criada uma experiência e/ou comunicada uma mensagem”* (Martins et al., 2014).

Apesar das diversas interpretações da definição de evento, fornecidas pela bibliografia até hoje redigida sobre o assunto, conclui-se que qualquer tipo de evento é um acontecimento irrepetível. Isto é, dois eventos não se realizam de forma igual. É apenas possível um evento ser organizado nos mesmos moldes de edição para edição.

O conceito de *indústria dos eventos* representa o conjunto de eventos planeados, que tomam forma num vasto campo de acontecimentos: festivais, casamentos, cerimónias, conferências, eventos desportivos, exposições, concertos, entre outros. A larga amplitude do conceito de *indústria dos eventos* dificulta o consenso na sua delimitação.

Apesar de ser variável entre autores, é congruente que se podem caracterizar, pelo menos, consoante a escala (classificação dependente de aspetos como a dimensão da área do evento e a quantidade de participantes) e o conteúdo (tipologia, temática e contexto).

Bowdin et al. (2011) classificam os eventos quanto à sua escala e função da seguinte forma:

- *Major events*: com um número significativo de participantes, benefícios económicos e atração mediática; por exemplo, festivais de música como o NOS Alive, o Boom Festival ou o Vodafone Paredes de Coura;
- *mega events*: de grande escala e com contribuições para a economia, têm atratividade e destaque mediático muito significativo, como os Jogos Olímpicos ou grandes exposições internacionais;
- *hallmark events*: bastante associados à região onde se realizam, atraem turismo e constituem parte da identidade do local; por exemplo, o Carnaval do Rio de Janeiro;
- eventos locais ou de comunidade: produzidos essencialmente para pequenas comunidades e normalmente organizados por ONGs – potenciam a coesão, entretenimento e valor social, como é o exemplo do Festival Tradidanças<sup>13</sup>, em Portugal.

---

<sup>12</sup>Tradução livre da autora. No idioma original (inglês): *“Event: an occurrence at a given place and time; a special set of circumstances; a noteworthy occurrence.”* (Getz, 2007: 18).

<sup>13</sup>Disponível em: <http://www.tradidancas.pt/>, consultado a 2 de março de 2020.

Os mesmos autores definem três tipos de eventos quanto à sua forma ou conteúdo: eventos culturais, eventos desportivos e eventos de negócio.

Os eventos culturais, focados nesta dissertação, são geradores de receitas económicas para a comunidade em que se inserem. Conjuntamente, criam fluxos sociais e turísticos, e contribuem para o entretenimento cultural e inclusão comunitária local (Bowdin et al., 2011: 18). Como catalisador da expressão artística e do coletivismo, cada festival comporta determinadas mensagens e objetivos.

Quanto à estrutura da indústria dos eventos, existem diversas entidades que contribuem para a produção de eventos em diferentes aspetos. Segundo Bowdin et al. (2011), pode-se dividir esta estrutura nos seguintes intervenientes:

- Organizações: organizam o evento ou acolhem-no apenas, deixando a produção para outras entidades;
- companhias de gestão de eventos: compostas por profissionais contratados para se encarregarem da organização de um evento externo;
- fornecedores: inseridos nas mais diversas áreas de um evento, como instalação elétrica e de som, *catering*, transporte, comunicação, entre outras;
- associações profissionais: que contribuem para uma rede de organizadores de eventos, criando ligações dentro da indústria, providenciando possíveis parcerias e concorrência (em Portugal é possível dar-se o exemplo Aporfest);
- organizações e/ou empresas responsáveis pela regulamentação: asseguram-se de que as leis ambientais, de trabalho, de segurança, de alimentação, são cumpridas adequadamente pela organizadora do evento.

Em comparação com as categorizações de Bowdin et al. (2011), Getz (2007: 23-27) enumera uma lista mais extensa de caracterização de eventos consoante a sua forma:

- *Hallmark e Iconic Events*: símbolos de autenticidade, são celebrações associadas a determinadas regiões ou culturas que as recebe;
- *premier/prestige events*: eventos que se posicionam como os mais relevantes de categorias específicas, por exemplo, o Campeonato Mundial FIFA é o evento *premier/prestige* do futebol;
- *mega event*: de dimensões significativas, criam níveis elevados de turismo e atraem os media, têm impactes económicos na região e para a organização;

- *media event*: transmitido *online*, atingindo audiências globais (sendo que a grande maioria dos eventos se pode transmitir remotamente, é considerada uma função e não uma forma);

- *cause-related event*: criados para promover uma causa específica, por exemplo, através de angariação de fundos;

- *corporate event*: produzido por, ou para, entidades corporativas;

- *publicity stunt*: associado a fins políticos, com o objetivo de atrair os media e apoiantes;

- *spectator and interactive events*: os eventos *spectator* têm um caráter mais passivo, sendo que os *interactive* estimulam o envolvimento do espectador na experiência;

- *participant events*: em que os espectadores são necessários para a realização do evento, havendo grande envolvimento do público.

As classificações atribuídas a eventos são notoriamente variáveis. De acordo com Simões (2012: 10) os eventos podem ser caracterizados consoante diversos aspetos, como: tipologia (artes e espetáculos, convenções e congressos, desportivos, económicos, populares e religiosos, multifacetados), dimensão (pequenos, médios, grandes e mega), abrangência (local, regional, nacional e internacional), impactes (económicos, sociais, culturais e territoriais), ocorrência (singular e plural), local (interior e exterior), participação (ativa e passiva) e organização (espontâneo e programado).

Em conclusão, o conceito de festivais pode ser definido como uma celebração cultural pública temática, embora esta definição não embarque toda a diversidade inerente ao conceito (Getz, 2007: 31). “*Os festivais apresentam-se como a mais dinâmica forma de difusão cultural, com capacidade para congregar em espaços, cada vez mais apelativos para o efeito, manifestações, vivências e novas experiências de cultura popular, música, dança, teatro, cinema e tantas outras artes*” (Manso, 2014: 23).

### **2.5.1 Eventos e festivais sustentáveis**

A relação entre a sustentabilidade e os festivais é de interdependência. Os festivais procuram ser sustentáveis para se adaptarem às necessidades do planeta, do público e do mercado. O valor acrescentado da gestão de sustentabilidade reduz custos e atrai novos espectadores. Porém, ultrapassa as barreiras do evento, trazendo benefícios a longo prazo para o ecossistema, a comunidade e economia local. A sustentabilidade beneficia dos festivais devido ao seu pendor educativo, de transmissão não formal de valores e práticas ambientalmente favoráveis. Deste

modo, uma parte significativa da população tem a possibilidade de ficar mais informada e incorporar comportamentos ecológicos no seu quotidiano.

As práticas de sustentabilidade começaram a ser introduzidas nos festivais quando se deduziu os impactes causados por este tipo de eventos: os benefícios no desenvolvimento da economia e comunidade locais, e impactes ambientais negativos (Mokhtar e Deng, 2015: 869). Depreendeu-se, também, que os festivais são um veículo eficaz de influência de comportamentos, sendo instrumentos dos quais se pode beneficiar para sensibilizar os cidadãos (Bowdin et al., 2011). A relação do ser humano com o planeta toma diferentes formas que podem ser influenciadas pela realização de eventos culturais que aproximam a sociedade à natureza (Gibson e Wong, 2011). Para produzir alterações culturais, é necessário introduzir princípios de sustentabilidade, sendo esse trabalho também da responsabilidade do setor dos eventos (Hediger, 2000 *apud* Raj e Musgrave, 2009: 4). Ao mesmo tempo, as preferências de consumo dos espectadores são já direcionadas para serviços e produtos sustentáveis.

Por conseguinte, o antigo sistema de gestão que tomava a dimensão económica como mais importante – do lucro como prioridade – deixou de ser viável. É necessário encontrar formatos de organização que interliguem interesses sociais e ambientais, que sejam rentáveis, sempre com uma perspetiva holística, de longo prazo e de responsabilidade pelos impactes causados.

A gestão de um evento envolve diversas componentes e partes. Assim sendo, os impactes causados são variados e passam por várias fases e entidades. A gestão da cadeia de fornecimento (*supply chain*) é um elemento chave para introduzir e dinamizar os valores sustentáveis de um evento – devem ser estabelecidos objetivos através de uma visão holística da gestão, numa indústria que é regularmente associada ao consumo de materiais e recursos (Raj e Musgrave, 2009: 6).

Nesse sentido, o planeamento é uma das principais ferramentas da gestão de um festival. Planear os objetivos de sustentabilidade permite analisar e avaliar posteriormente os seus resultados, o percurso das atividades e os recursos usados – facilita uma monitorização e melhoria contínuas. Esta tarefa tem importância acrescida num evento sustentável, por garantir que todas as interações cumprem os objetivos de sustentabilidade, em especial no contacto com *stakeholders* (Raj e Musgrave, 2009: 6).

Raj e Musgrave (2009) enumeram 10 elementos estruturais para uma política de eventos sustentáveis, baseados em diversos guias e normas de sustentabilidade:

1. Estrutura da organização: definição de funções; formação; estabelecimento de processos que potenciem atitudes positivas; conformidade com fornecedores, parceiros, equipa e outras partes envolvidas; considerações realistas em relação às balizas temporais e orçamentais.

2. Dualidade: introdução de novas tecnologias e abordagens inovadoras de caráter sustentável.

3. Anulação: estabelecimento de parâmetros de avaliação que procuram analisar a redução de impactos negativos ambientais, sociais e económicos.

4. Envolvimento: investimento em recursos e serviços das comunidades locais, criação de parcerias, participação e acesso da população anfitriã.

5. Eliminação: minimização de desperdícios, redução de consumo de energia e análise do ciclo de vida dos produtos e serviços.

6. Longevidade e transparência: avaliação e comunicação do desempenho, ações e investimento futuro com todos os *stakeholders*.

7. Incentivo: descontos, ofertas de produtos, ou outro tipo de incentivos, a *stakeholders* pela sua colaboração com os valores sustentáveis.

8. Organização estratégica: análise do caminho percorrido e da cadeia de valor, que permita identificar a influência de ações e intervenções, e implementar o pensamento causa-efeito.

9. Educação: educar os participantes, fornecedores, equipa e a comunidade local sobre os princípios de sustentabilidade, partilhar conhecimentos e práticas.

10. Localização: preferência por locais com acessibilidade e com uma política de sustentabilidade já implementada.

O conceito de *festival verde* define-se por um evento que incorpora políticas e/ou práticas de sustentabilidade na sua gestão e realização (Laing e Frost, 2010: 262). Smith-Christensen (2009) identifica três componentes dos quais um evento depende e que interagem entre si – a equipa organizadora, o local e os espectadores –, considera-os igualmente indispensáveis para a sua existência. Adicionalmente, a alocação de recursos é outra das peças fulcrais na organização de um evento: recursos humanos; infraestruturas necessárias para realização e acesso do evento; e financiamento (por entidades públicas ou privadas). Nesta lógica, a autora define o conceito de *eventos sustentáveis* por: “*eventos geridos como um processo cíclico autónomo através da interação entre a organização do evento, a comunidade anfitriã e os participantes, fornecendo recursos humanos, infraestruturas e fundos*”.<sup>14</sup>

A relação entre a responsabilidade social corporativa e os eventos sustentáveis dá origem a um conceito mais abrangente, com amplos benefícios: o *evento responsável*. Este contribui

---

<sup>14</sup>Tradução livre da autora. No idioma original (inglês): *Sustainable events: events managed as an autonomous cyclical process through the interaction between event management, host community and event-goers, providing human resources, infrastructure and funds*. (Smith-Christensen, 2009).

ativamente para o desenvolvimento sustentável, atuando nos três campos da sustentabilidade: maximiza os impactos económicos, otimiza os socioculturais e minimiza os ambientais (Smith-Christensen, 2009: 25).

De acordo com o PNUA (2012: 6), um evento pode ser considerado sustentável se atender aos seguintes critérios:

1. Redução de emissões de gases com efeito de estufa e compensação de emissões inevitáveis (*offset*);
2. Redução do consumo de água, energia, materiais e outros recursos;
3. Avaliação de medidas para minimizar a geração de resíduos, para potenciar a reutilização, reciclagem e/ou redirecionamento de desperdícios inevitáveis;
4. Aquisição de bens e serviços para o evento, em que o seu ciclo de vida ambiental deve fazer parte da tomada de decisão;
5. Princípios sociais e ambientais devem ser aplicados durante a implementação do evento, no sentido de reduzir impactos no ambiente e assegurar a acessibilidade, inclusão e bem-estar de todos os participantes;
6. Medidas para minimizar a disrupção e para desenvolver benefícios económicos, sociais e ambientais para a comunidade local;
7. Conscientizar, informar e envolver todos as partes envolvidas, incluindo participantes, equipa, comunidade local, autoridades regionais e nacionais, patrocinadores, organizações civis e não-governamentais, com a finalidade de cumprir os princípios citados acima;
8. Reportar os processos, iniciativas e resultados, comunicá-los e avaliá-los.

Em tom de conclusão, um evento sustentável tem determinados atributos, e/ou procura concretizá-los de edição para edição (habitual no caso dos festivais, por se repetirem com frequência). Segundo Mokhtar e Deng (2015: 874), essas características sustentáveis são: a adoção de práticas de redução de desperdícios, a gestão eficiente de água e energia, a redução de emissões de carbono, a regeneração de biodiversidade e a conservação do património, o aperfeiçoamento do sistema de transportes, a utilização e/ou construção de infraestruturas sustentáveis, a preferência por recursos locais, o desenvolvimento de uma economia verde e circular, a análise e avaliação de parâmetros de sustentabilidade, a sensibilização e educação do público, a partilha de práticas e conhecimento com os *stakeholders*.

## 2.5.2 ISO 20121

A primeira edição da norma *ISO 20121 Event sustainability management systems — Requirements with guidance for use* data de 15 de junho de 2012, publicada em Génova, na Suíça (sede da *ISO*).

A norma é uma ferramenta prática de gestão de sustentabilidade, destinada a organizadores de eventos, a membros da cadeia de fornecimento, a participantes, às próprias comunidades locais, entre outros. Isto é, o seu destino e utilidade não abrange apenas o proprietário ou o gestor de um evento.

Em termos de estrutura, é possível dividir a norma em quatro partes distintas. A primeira parte do documento, considerada a mais relevante por conter a explicação do processo para um modelo de gestão de sustentabilidade, inicia-se com um esquema representativo dos principais passos a cumprir, representado na figura seguinte.

Melhoria Contínua	<i>Plan</i>	Identificar e comprometer entidades interessadas.
		Determinar alcance do sistema de gestão.
		Definir princípios regentes de desenvolvimento sustentável.
		Estabelecer e documentar políticas de gestão.
		Atribuir e comunicar funções e responsabilidades.
		Identificar e avaliar questões/problemas. Estabelecer objetivos e planos para os atingir.
	<i>Do</i>	Providenciar recursos e garantir competências e conscientização.
		Manter comunicação interna e externa.
		Criar e manter documentação e procedimentos necessários para o sucesso do sistema de gestão.
		Estabelecer e implementar processos operacionais de controlo e gestão da cadeia de fornecimento.

	<i>Check</i>	Monitorizar e avaliar desempenho do sistema, incluindo auditoria interna e revisão do processo de gestão.
	<i>Act</i>	Identificar inconformidades e agir corretamente.

Figura 2 Sistema de gestão de sustentabilidade para eventos presente na ISO 20121.<sup>15</sup>

A primeira fase do processo, denominada de *Plan*, incorpora três aspetos:

- o contexto organizacional, onde se deve entender o contexto da organização, os seus interesses e expectativas das partes envolvidas, determinar o seu alcance, princípios, propósitos e valores;
- a liderança, em que se estabelecem políticas de desenvolvimento sustentável pelos gestores de topo e se documenta toda essa informação, sendo que os mesmos gestores devem adotar um papel de liderança, responsabilidade e compromisso perante o sistema de gestão;
- o planeamento, em que devem ser determinadas as ações para enfrentar os riscos e aproveitar oportunidades, bem como estabelecer objetivos de gestão sustentável e definir formas de os atingir.

Isto é, a primeira parte do processo consiste em documentar, analisar e definir riscos, oportunidades, objetivos, entre outros. Por um lado, é uma fase de cariz pormenorizado e pouco prática; por outro lado, é essencial para partir para as etapas seguintes. A desvantagem evidente reside na possível repetição exaustiva de determinados aspetos.

A segunda fase do processo, denominada de *Do*, diz respeito:

- à estrutura, isto é, os recursos e competências necessárias para implementar um sistema de gestão de sustentabilidade, trabalho de sensibilização, comunicação e documentação de toda a informação;
- ao funcionamento/atuação, em que se implementa e controla o processo necessário para preencher os requisitos, evitar riscos e aproveitar oportunidades, encontrar formas de lidar com modificações de produtos, serviços ou atividades, e gerir a cadeia de fornecimento de forma sustentável (este ponto é fulcral no processo e será posteriormente aprofundado).

<sup>15</sup>Tradução livre da autora. Adaptado de ISO 20121: 2012. Event sustainability management systems – Requirements with guidance for use. 1ª ed. 2012.

A terceira fase do processo, intitulada de *Check*, assenta na avaliação. Compara-se o desempenho com os objetivos definidos na primeira fase e, mais uma vez, a informação documentada põe em evidência a eficácia dos resultados, bem como ajuda a entender os aspetos que devem ser analisados, monitorizados ou modificados. Esta etapa é uma revisão do modelo de gestão com base nos resultados da sua implementação.

A quarta e última fase do processo chama-se *Act*. Consiste, essencialmente, em ações corretivas de falhas detetadas na fase anterior, proporcionando uma melhoria contínua – o empenho num sistema de gestão de sustentabilidade não deve terminar na última etapa, visto que se pretende continuar a avaliar e corrigir possíveis erros, ou seja, as fases descritas são cíclicas.

Seguidamente, a norma aprofunda a gestão da cadeia de fornecimento (*supply chain*). Disponibiliza linhas orientadoras para a gestão sustentável dos fornecedores de um evento – este aspeto é considerado um dos mais importantes para atingir um sistema sustentável. As relações de cooperação e de parceria devem basear-se na partilha de metodologias e objetivos – os esforços coletivos permitem chegar a determinado fim com maior eficácia. Em suma, além da importância de escolher fornecedores e parceiros sustentáveis, é necessário dialogar e influenciar os mesmos, contribuindo para uma maior adesão aos objetivos sustentáveis.

A norma tem como objetivos principais identificar, reduzir e eliminar os impactes negativos dos eventos, maximizando os positivos. Para cumprir estes objetivos, é necessário planeamento, processos de execução e monitorização. A *ISO 20121* promove a sustentabilidade em eventos como um processo contínuo que gera progressivos benefícios, bem como a visão perante o seu impacto na sociedade e meio ambiente. É aplicável a qualquer tipo de evento, sendo que a complexidade vai sempre depender do âmbito, dimensão e outros fatores inerentes à entidade. O sistema de gestão de eventos sustentáveis deve ser integrado no processo de gestão e pressupõe um compromisso de todas as partes interessadas, sobretudo dos cargos de topo.

O documento pode ser usado apenas como linha orientadora para eventos que pretendam desenvolver um sistema de gestão de sustentabilidade, sem se recorrer à certificação.

Em simultâneo, o sistema de gestão promove a redução de recursos e custos, transparecendo credibilidade e acrescentando valor ao evento, através de uma metodologia desenvolvida por consenso internacional, com garantia de resultados positivos. Dada a flexibilidade da norma, esta pode aplicar-se em diferentes âmbitos, contextos e necessidades das mais variadas organizações no setor dos eventos por todo o mundo. Requer-se que a

organização interessada em aplicar a norma não se afaste do objetivo inicial do seu evento, mas que reconheça os impactos da produção no ambiente e comunidade em que se insere.<sup>16</sup>

Os resultados positivos na aplicação do sistema de gestão sustentável dependem do nível de compromisso dos membros da organização envolvidos no processo, pelo que apenas terá sucesso se for integrado totalmente na estrutura organizacional e não simplesmente tomado como um acréscimo, mesmo que o objetivo não seja adquirir a certificação e seja apenas seguir as linhas de orientação que o documento disponibiliza.

No entanto, é necessário analisar as possíveis desvantagens ou falhas deste tipo de norma internacional. Como qualquer outra, as normas têm um caráter muito rigoroso quando aplicado a casos práticos, requer monitorização contínua e detalhada, o que pode criar alguns constrangimentos no processo ou até relutância em iniciá-lo. Do mesmo modo, apesar do modelo garantir sucesso, a escassez de resultados imediatos representa um fator de resistência. A excessiva normatização pode condicionar a criatividade e a procura de métodos alternativos para atingir o mesmo fim.

Existem outros conjuntos de normas e guias a seguir para a gestão de eventos sustentáveis, no entanto, a *ISO 20121* é a mais reconhecida a nível internacional. A norma vem trazer uma uniformização de métodos, modelos e estratégias ao desafio da gestão sustentável, criando uma linguagem comum que reduz impasses, contribuindo para o progresso neste âmbito (Stettler, 2011:26).

---

<sup>16</sup>Disponível em: <http://www.iso20121.org/>. Consultado a 8 de março de 2020.



### **CAPÍTULO 3 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O IMPACTE AMBIENTAL DOS FESTIVAIS**

Cada festival deixa a sua pegada ecológica. Por um lado, é imperativo que a pegada seja minimizada; por outro lado, é possível causar impactes positivos. De um modo simplificado, quanto maior a quantidade de participantes, maior a probabilidade de um festival ser prejudicial ao ecossistema envolvente (Saayman, 2012: 64). No entanto, a pegada ambiental<sup>17</sup> não é linear e tem mais implicações do que apenas a dimensão, a quantidade de espectadores ou a duração do festival. Existem diversos parâmetros, diretos e indiretos, que contribuem negativamente para a sustentabilidade ambiental. Assim, é necessário minimizar, ou mesmo eliminar, sequelas lesivas ao ecossistema e, além disso, potenciar impactes positivos.

Um festival divide-se em fases, cada uma com diferentes níveis de repercussão. Os aspetos que contribuem para a pegada ecológica repetem-se no diverso faseamento do evento. Dificilmente se consegue detalhar os impactes ambientais gerados pela produção e realização de um festival sem abordar os pilares social e económico – dada a sua interdependência.

Existem estratégias de economia sustentável a ser implementadas, que trazem benefícios por períodos mais longos, sem explorar excessivamente recursos naturais, promovendo a identidade comunitária com a criação de emprego e desenvolvimento de comércio (Raj e Musgrave, 2009: 56-57). O Boom Festival, já referido anteriormente, é um exemplo de crescimento económico da região que o acolhe: Idanha-a-Nova. Numa entrevista dada à TSF<sup>18</sup>, Artur Mendes (membro da equipa da *Good Mood*, produtora do Boom Festival) garante que os participantes esgotam a oferta hoteleira durante o festival, tendo “*criado uma alavanca de transformação do tecido social daquela região*”. O desenvolvimento sustentável de festivais permitiu que autoridades locais ou outros intervenientes investissem em eventos culturais, resultando na atração de visitantes a nível nacional e internacional (Raj e Musgrave, 2009: 63).

Do ponto de vista social, os festivais são um veículo de coesão comunitária e relações sociais (Tassiopoulos e Johnson, 2009: 77). O contacto com o público de um evento pode ser benéfico ou prejudicial para a comunidade anfitriã, dependendo das diferenças culturais e da natureza das relações (Tassiopoulos e Johnson, 2009: 77). Os mesmos autores (2009: 79)

---

<sup>17</sup>A presente dissertação assume os conceitos de *pegada ecológica* e *pegada ambiental* como idênticos no seu significado, de acordo com Hammond (2006: 27-36).

<sup>18</sup>Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/boom-festival-com-impacto-economico-de-56-milhoes-de-euros-em-idanha-a-nova-11783245.html>, consultado a 3 de junho de 2020.

reuniram impactes sociais negativos causados pelo turismo, sendo também frequentes consequências dos eventos, dada a abundante circulação de pessoas:

- riscos sanitários que podem provocar a disseminação de doenças;
- processos de perda ou mutação de identidade e diversidade cultural;
- disrupção do estilo de vida local;
- criminalidade e vandalismo.

Por outro lado, são identificados impactes sociais positivos:

- aumento da dignidade e orgulho comunitários;
- conscientização do contexto de outras culturas e ambientes;
- partilha e melhoria de infraestruturas;
- investimento sociocultural, por exemplo de restauro de património, conservação de áreas naturais e apoio social.

Raj e Musgrave (2009: 5) apresentaram um quadro de impactes positivos e negativos de um evento, em cada pilar da sustentabilidade:

#### 1. Social

a. Positivos: Desenvolvimento da comunidade, criação de oportunidades de emprego, orgulho cívico e desenvolvimento de infraestruturas.

b. Negativo: Alteração do quotidiano e estilo de vida local, êxodo de residentes e aumento da insegurança.

#### 2. Ambiental

a. Positivo: Sensibilização para questões ambientais, preservação e conservação do território, aproveitamento e desenvolvimento de áreas com pouca utilização.

b. Negativo: Degradação do local a curto e longo prazo, poluição sonora, produção de resíduos, congestionamento pela deslocação de veículos e consumo de energia e outros recursos naturais.

#### 3. Económico

a. Positivo: Criação de despesa (direta e indireta), valorização de propriedade, desenvolvimento do comércio e negócios, desenvolvimento da construção e comercialização de produtos do evento (fora do período de realização do mesmo).

b. Negativo: Inflação de preços.

Saayman (2012) abordou aspetos ambientais que requerem atenção na gestão de um evento: no planeamento deve-se procurar minimizar todos os tipos de poluição, gerir os recursos disponíveis e incorporar práticas sustentáveis (opções ecológicas de utilização de água,

eletricidade, infraestruturas, alimentação, fornecedores, entre outros); durante o evento aplicam-se e avaliam-se os aspetos referidos anteriormente; depois do evento garante-se que tudo foi gerido corretamente e utiliza-se a informação reunida para edições seguintes.

O movimento mais intenso de pessoas interfere, muitas vezes, com *habitats* naturais e com padrões de alimentação e reprodução da vida animal (Dávid, 2009: 68). Por outro lado, um evento pode ter contribuições positivas para a fauna e flora do local, por via da proteção, conservação, introdução de novas espécies (Dávid, 2009: 68). Para além das precauções destinadas a minimizar a pegada ecológica, é necessário tomar iniciativas que potenciem o local e que, conseqüentemente, desenvolvam uma pegada ecológica positiva. Assim, ao procurar um equilíbrio entre a mitigação de impactes negativos e a geração de impactes positivos, promove-se um festival que se torna parte do ambiente que o acolhe, não sendo prejudicial ao ecossistema em que se insere.

Posto isto, os impactes ambientais negativos são resultado dos recursos utilizados em cada fase de produção de um festival: planeamento, montagem, evento, desmontagem e pós-evento (Martins et al., 2014).

Todos os festivais têm repercussões direta e indiretamente associadas (Dávid, 2009: 66). Uma repercussão direta é, por exemplo, a adesão ao *EcoCopo*<sup>19</sup>. Por repercussão indireta entende-se o que pode derivar de uma decisão do espectador, não sendo controlado pela organização do evento, mas apenas influenciado, como, por exemplo, o transporte até ao local.

Ao longo de todas as etapas são tidos em consideração vários aspetos, nomeadamente: transportes e rede de acessos, local e comunidade, alimentação, parcerias e fornecedores, água e saneamento, gestão de energia e emissões de carbono, produção e gestão de resíduos, modos de divulgação e materiais de comunicação. Os seguintes subcapítulos tratarão com maior detalhe cada um dos pontos, as suas implicações e desafios, possíveis iniciativas e soluções que contribuam para tornar um festival mais sustentável.

### **3.1. Os festivais portugueses**

A indústria dos eventos resulta na grande circulação de turistas em Portugal – como, em particular, a concentração de festivais no verão –, gerando receitas de relevância para a economia nacional e local. Para além de gerar a afluência de turistas estrangeiros, a indústria dos eventos motiva a deslocação de turistas nacionais.

---

<sup>19</sup>Disponível em: <https://ecocopo.copopalhinhas.pt/>, consultado a 7 de junho de 2020.

Entre os fatores que levaram Portugal a tornar-se num país com larga aposta na realização de festivais, figuram o clima – propício à realização de eventos ao ar livre -, o património natural e paisagístico diversificado, e ainda o património histórico e cultural. Estes aspetos são, em grande medida, partilhados com os fatores inerentes ao setor do Turismo, possibilitando o crescimento sustentado da indústria dos eventos. Portugal marcou a sua entrada na indústria dos grandes eventos na segunda metade da década de 90, com a organização da EXPO'98, que atraiu 1,7 milhões de visitantes à cidade de Lisboa, dos quais 800.000 tiveram o evento como motivo principal para visitar a cidade (Costa e Henriques, 2004: 70).

Em Portugal, registaram-se 249 festivais de música no ano de 2016, tendo o total subido em 2017 (para 272), com a mobilização de 2,5 milhões de espectadores<sup>20</sup>. Em 2018 deu-se um aumento para 311<sup>21</sup>. Segundo a Aporfest (Associação Portuguesa de Festivais de Música), 2019 inverteu a tendência com a primeira redução do número de festivais desde 2014, verificando um decréscimo de 7.7% no valor total (287) De acordo com a Aporfest, mais de 70% dos festivais decorrem entre 15 de junho e 15 de setembro, concentrando-se maioritariamente em territórios no litoral. Ainda segundo a Aporfest, em 2019, a média de espectadores é menor que a verificada em 2018: 2,1 milhões. Foi medido o impacto económico dos festivais em Portugal e concluiu-se que estes contribuíram com um valor bruto de 18 mil milhões de euros.<sup>22</sup>

Em 2017, a maioria (54,9%) dos festivais de música em Portugal foram festivais de pequena dimensão (cerca de 1.500 espectadores por dia) e realizados por associações, cooperativas, ou outras entidades públicas ou sem fins lucrativos. Os de média dimensão (entre 1.500 e 10.000 espectadores por dia) representaram 32,2% e os de grande dimensão (mais de 10.000 espectadores por dia) representaram os restantes 12,9%. No mesmo ano, 82,1% dos festivais foram de entrada paga, correspondendo a 16,3% de entrada gratuita e 1,6% de entrada mista<sup>23</sup>.

Em Portugal, o maior número de festivais concentra-se no verão, dedicados maioritariamente à música. Estes eventos movimentam milhares de espectadores e mobilizam públicos, estimulando as economias locais. No Parque da Bela Vista, o Rock in Rio Lisboa

---

<sup>20</sup>Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/festivais-de-musica-tiveram-mais-de-25-milhoes-de-espectadores-em-2017-9034498.html>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>21</sup>Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/festivais-a-abarrotarnos-alive-e-rock-in-rio-sao-os-mais-rapidos-a-captar-bandassao-plataformas-de-excelencia-9094459.html>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>22</sup>Disponível em: <https://www.aporfest.pt/single-post/2017/10/11/257-festivais-portugueses-j%C3%A1-anunciados-para-2017>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>23</sup>Disponível em: <https://observador.pt/2019/03/21/em-2018-realizaram-se-311-festivais-de-musica-em-portugal-mais-39-do-que-em-2017/>, consultado a 4 de maio de 2020.

acolheu 278 mil espectadores em 2018, nos 4 dias de evento<sup>24</sup>. Na Zambujeira do Mar, o MEO Sudoeste recebeu 200 mil espectadores em 2017, ao longo de 5 dias. No Passeio Marítimo de Algés, o NOS Alive recebeu 165 mil pessoas em 2017, em 3 dias de festival. No mesmo ano, o Vodafone Paredes de Coura reuniu 105 mil pessoas, em 4 dias. Observando exemplos de festivais de menor dimensão e com menor afluência de público, sabemos que, em 2017<sup>25</sup>:

- NOS Primavera Sound (90 mil pessoas em 3 dias);
- RFM Somnii (100.000 pessoas em 3 dias);
- Festival Músicas do Mundo (entre 90.000 e 100.000 pessoas em 9 dias);
- Festival do Crato (100.000 pessoas em 6 dias);
- O Sol da Caparica (65.000 pessoas em 4 dias);
- Super Bock Super Rock (56.000 pessoas em 3 dias);
- EDP Cool Jazz (35.000 pessoas em 7 dias);
- Bons Sons (32.500 em 4 dias);
- Neopop (26.000 a 28.000 pessoas em 3 dias);
- EDP Vilar de Mouros (26.000 pessoas em 3 dias) e
- MED (23.000 pessoas em 3 dias).

As considerações anteriores dizem apenas respeito a festivais de música, não incluindo todos os eventos de outro tipo. Os números não incluem, portanto, os festivais de cinema, os festivais de artes performativas e teatro, os festivais literários, os eventos gastronómicos, as festas tradicionais e regionais portuguesas, entre outros.

Realizado bianualmente em Idanha-a-Nova, o Boom Festival<sup>26</sup> é um dos festivais com maior reconhecimento internacional. O seu impacto económico, social e ambiental coloca-o numa posição de destaque no âmbito da presente dissertação. Na edição de 2018, o festival contribuiu com cerca de 55,3 milhões de euros para a economia nacional, segundo um estudo da empresa EY. De acordo com este relatório, 29,4 milhões de euros de valor acrescentado contam para os setores da indústria e do comércio, gerando 30,1 milhões de impacto indireto e induzido, e 6,9 milhões para o setor do turismo (47% dos espectadores do festival prolongam a sua estadia em Portugal). A região de Idanha-a-Nova ganha valor com o festival, que envolve cerca de 41 mil participantes e cria 549 postos de trabalho diretos. Uma das particularidades do

---

<sup>24</sup>Disponível em: <http://www.eventpointinternational.com/pt/item/12-radar/3002-o-rock-in-rio-lisboa-2018-em-numeros>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>25</sup>Disponível em: <https://blitz.pt/principal/update/2017-08-28-Os-numeros-dos-festivais-em-Portugal-em-2017>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>26</sup>Disponível em: <https://boomfestival.org/>, consultado a 4 de maio de 2020.

Boom Festival assenta na atração de espectadores de diferentes países, sendo os mais frequentes os franceses, os alemães, os ingleses e os holandeses (para além de portugueses)<sup>27</sup>. Em 2018, o festival contou com a presença de 147 nacionalidades<sup>28</sup>. O Boom Festival foi reconhecido pela ONG *A Greener Festival*<sup>29</sup> como “*Outstanding Greener Festival Award*”, por seis vezes consecutivas, e, em 2018, esteve nomeado para 5 das 10 categorias de prémios da mesma ONG, tendo ganho a de “*Greener Creative Award*”<sup>30</sup>.

O fenómeno dos festivais de cinema é, também, crescente em Portugal. Este tipo de eventos é um veículo eficaz de atração turística, tendo um impacto menos pronunciado nos ecossistemas, em comparação com os que têm lugar em espaços exteriores. Para além disto, os festivais de cinema têm, genericamente, uma vertente educativa consistente, abrindo muitas oportunidades de sensibilização do público. Os festivais de cinema não se concentram tanto no verão, ao contrário dos de música, encontrando-se mais distribuídos pelo ano. O Instituto do Cinema e do Audiovisual<sup>31</sup> - instituto público que apoia atividades cinematográficas e audiovisuais em Portugal - apoia 20 festivais de cinema no país<sup>32</sup>. Para além destes, existem vários outros, revestidos de outro tipo de apoios. Estes eventos têm, por hábito, uma duração média de uma a duas semanas e objetivos socioculturais, mais do que comerciais (Almeida, 2016: 64). A sua duração mais prolongada e o seu carácter mais erudito permitem a circulação de públicos de forma menos concentrada, contrária à que se verifica nos festivais de música (Almeida, 2016: 66).

Segundo a Estratégia Turismo 2027 – Liderar o Turismo do Futuro (2017), os eventos artístico-culturais representam um dos ativos estratégicos do país, sendo necessário o investimento contínuo numa “*rede de eventos de expressão artístico-cultural, musicais, desportivos e de negócios, que alcançam diferentes públicos, com cobertura ao longo de todo o país, nomeadamente em territórios onde a procura é menos expressiva*”. Acrescentando que “*Portugal dispõe de eventos que já hoje demonstram um inequívoco contributo para a sua*

---

<sup>27</sup>Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/06/p3/noticia/boom-festival-impacto-economico-553-milhoes-euros-1903093>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>28</sup>Disponível em: <https://observador.pt/2018/07/20/boom-festival-comeca-no-domingo-e-espera-30-mil-pessoas-de-147-nacionalidades/>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>29</sup>*A Greener Festival* é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2005, tendo como objetivo principal ajudar eventos e festivais a reduzir os seus impactos ambientais negativos e a tornarem-se mais sustentáveis, através de serviços de certificação, formação e consultoria. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/>, consultado a 3 de abril de 2020.

<sup>30</sup>Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/boom-festival-de-idanha-a-nova-recebe-novo-premio-internacional-de-sustentabilidade-10748978.html>, consultado a 4 de maio de 2020.

<sup>31</sup>Disponível em: <https://www.ica-ip.pt/>, consultado a 5 de maio de 2020.

<sup>32</sup>Disponível em: <https://www.ica-ip.pt/pt/agenda/festivais-em-portugal/>, consultado a 5 de maio de 2020.

*projeção internacional e que, em alguns casos, contribuem, simultaneamente, para dinamizar economias locais em territórios de baixa densidade, concorrendo para alargar o turismo todo o ano e em todo o território”* (Turismo de Portugal, 2018: 49).

De acordo com Arcodia e Whitford (2007: 8), é evidente que os festivais carregam um potencial de valorização económica local, produzindo efeitos comerciais, turísticos e alargando as oportunidades de emprego. Pelo contrário, os festivais podem simultaneamente causar impactes socioeconómicos negativos, como a inflação de preços, o êxodo de residentes e a perturbação do quotidiano da comunidade.

A indústria dos festivais em Portugal contribui com relevo para a imagem externa do país, estimulando significativamente o setor do turismo e do comércio. Esta indústria gera o desenvolvimento de zonas pouco povoadas e alarga a diversificação da oferta de entretenimento e lazer. Num estudo realizado por Silva et al. (2011: 811), conclui-se que o Festival MED<sup>33</sup> é um motor de atração turística para a cidade de Loulé, gerando o *“aumento do consumo no comércio e restauração na cidade e no concelho”*. Deste modo, a economia nacional beneficia com o desenvolvimento dos eventos.

### **3.2. Transportes**

O dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) é um dos gases com efeito de estufa que contribui para as alterações climáticas. No caso dos festivais, as emissões de carbono intensificam-se em comparação com o quotidiano, devido à maior quantidade de deslocações. Em festivais com grande quantidade de espectadores e, principalmente, em locais distanciados de centros populacionais, observa-se a habitual deslocação de participantes por automóvel. Dávid (2009: 68) afirma que o esgotamento de recursos naturais é acelerado pelo uso de combustíveis fósseis utilizados nos transportes.

As deslocações do público são parte de uma complexa “cadeia de escolhas” que, na maioria das vezes, coloca algumas barreiras ao controlo direto da equipa do festival. O trabalho de influência, sensibilização e de incentivo para promover meios de transporte alternativos e menos poluentes deve ser assumido integralmente por todas as partes envolvidas (Packed, 2009: 5). Os obstáculos ao controlo dos modos de transporte dos espectadores podem estar relacionados com motivos económicos, condições climáticas, a conveniência e conforto para transportar bagagem e material de campismo, a localização do festival, o alcance da

---

<sup>33</sup>Disponível em: <http://www.festivalmed.pt/pt/>, consultado a 11 de agosto de 2020.

comunicação com o público e a falta de capacidade para coordenar o modo através do qual os espectadores se deslocam (Packed, 2009: 7).

Um estudo respetivo ao ano de 2007 revelou que o transporte de espectadores produz, anualmente, cerca de 231.000 toneladas de CO<sub>2</sub> apenas em eventos de música no Reino Unido – o correspondente a dois terços do total de emissões de gases com efeito de estufa do setor dos festivais (Bottrill et al., 2008: 42). Em 2014, 93% das emissões de carbono do *Shambala Festival*<sup>34</sup> corresponderam a transportes, sendo 30% deslocações de equipa (incluindo fornecedores, artistas e convidados) e 63% de espectadores (Johnson, 2015: 25).

A *Association of Independent Festivals*<sup>35</sup> no *Six Year Report 2014* analisou o encorajamento via incentivos para o uso de transportes públicos, concluindo que 48,4% dos inquiridos optariam por deixar o automóvel em casa se fosse oferecido desconto em bilhetes de transportes públicos; 30,7% prefeririam que essa escolha lhes permitisse evitar filas de espera com a entrada mais rápida/imediata no festival; e 23,3% sentir-se-iam mais motivados se tivessem tratamento preferencial na zona de campismo (Webster, 2014: 28).

Segundo dados (correspondentes ao ano de 2019) partilhados no site da ONG *A Greener Festival*, em média são percorridos 232 km por cada espectador, estimando-se que a ocupação média de cada automóvel é de 2,83 passageiros. Em festivais urbanos, a deslocação de participantes é distribuída da seguinte forma: bicicleta ou a pé (33%), automóvel (30%) e transporte público (18%). Já em festivais rurais/não urbanos, a escolha do automóvel para deslocação é destacadamente mais frequente (43%), seguindo-se do transporte público (23%)<sup>36,37</sup>.

Segundo o guia para eventos sustentáveis do PNUA (2012: 40) existem duas áreas nas quais se deve atuar para reduzir impactes ambientais causados pelo transporte:

- Localização: priorizar a proximidade e acessibilidade a transportes públicos/coletivos e infraestruturas de acomodação;
- Comunicação e informação: encorajar os participantes a deslocarem-se a pé, de bicicleta ou de transportes públicos/coletivos. Para isso, é necessário disponibilizar os materiais de apoio para as deslocações, como mapas, instruções ou bilhetes de transporte complementares.

---

<sup>34</sup>Disponível em: <https://www.shambalafestival.org/>, consultado a 18 de junho de 2020.

<sup>35</sup>Disponível em: <https://aiforg.com/>, consultado a 18 de junho de 2020.

<sup>36</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/consultancy-research/juicy-stats-2019/>, consultado a 14 de julho de 2020.

<sup>37</sup>Os dados disponibilizados pela ONG *A Greener Festival* correspondem a vários festivais membros da organização, em países como Reino Unido, França, Holanda, Espanha, Bélgica, Eslovénia, Portugal, Itália, Dinamarca, Alemanha, Noruega, Argentina, Tailândia, Austrália, Costa Rica e Hungria.

Os dois pontos anteriores são desenvolvidos nas seguintes medidas:

1. Apelar à utilização de transportes públicos e bicicleta, através de campanhas de sensibilização no evento e/ou nos seus materiais de comunicação e divulgação, disponibilizando as informações necessárias (Martins et al., 2014: 26).

2. Criar parcerias com companhias de transportes, podendo disponibilizar bilhetes com viagens incluídas a um preço acessível, com descontos/incentivos aos espectadores que optem por deslocação ecológica (Martins et al., 2014: 25; ZWS, 2015). O Andanças – Festival Internacional de Danças Populares, em 2011, criou uma parceria com a Rede Expressos, em que se criaram bilhetes com desconto e se transportaram participantes de vários pontos do país (Martins et al., 2014: 25). No mesmo ano, o *Glastonbury Festival*<sup>38</sup> criou a iniciativa *Green Traveller* para incentivar o público a deslocar-se para o evento de transportes públicos, dando acesso exclusivo a chuveiros de energia solar, descontos em refeições, *t-shirts* gratuitas e área de campismo reservada a ciclistas. No mesmo festival, em 2014 foram lançados bilhetes incluídos na viagem de autocarro; no ano seguinte verificou-se que cerca de 50% dos espectadores se deslocaram por meios alternativos ao automóvel (Johnson, 2015: 26).

3. Fornecer os próprios transportes coletivos, partindo de pontos estratégicos e com possibilidade de incluir as viagens no preço do bilhete.

4. No caso de a única opção ser o automóvel, encorajar a partilha (*car-pooling/car-sharing*), visando transportar o máximo número de espectadores no mesmo veículo, reduzindo significativamente o congestionamento junto da zona do festival. Nestas situações, o festival deve facilitar o contacto entre participantes e fornecer um programa de boleias (Martins et al., 2014: 27; ZWS, 2015). Em complemento, a atribuição de custos de estacionamento e oferta desse serviço a carros totalmente ocupados (Packed, 2009: 5). Em 2012, os festivais pertencentes à empresa *Festival Republic*<sup>39</sup> introduziram o *Priority Car Park* para espectadores que tivessem aderido ao sistema de partilha de boleias, localizando esse estacionamento muito próximo do parque de campismo; observou-se um aumento de 57 viagens *car-sharing* em 2012 para 2.267 viagens em 2015 (Johnson, 2015: 26).

Adicionalmente, é importante coordenar viagens, organizar os horários para evitar momentos de maior congestionamento, garantir que existem formas sustentáveis de transporte de participantes em momentos como: início ou fim de determinado evento, deslocações

---

<sup>38</sup>Disponível em: <https://www.glastonburyfestivals.co.uk/>, consultado a 18 de junho de 2020.

<sup>39</sup>Disponível em: <https://www.festivalrepublic.com/>, consultado a 18 de junho de 2020.

coletivas entre aeroportos e eventos, deslocações entre espaços do festival, entre outras (Seers, 2017: 10-11; ZWS, 2015).

De um modo geral, o transporte ferroviário é considerado o mais sustentável, por não consumir tantos combustíveis fósseis e não produzir tantas emissões de gases poluentes; além disso, evita o congestionamento (Chirieleison et al., 2020: 244).

Contrariamente, as viagens de avião causam a maior pegada carbónica – devem ser consideradas outras opções sempre que possível (Dodds e Graci, 2008: 4). Seers (2017: 10) destaca a importância dos eventos virtuais na mitigação dos efeitos associados aos gases com efeito de estufa. A tecnologia permite, tanto a espectadores como a intervenientes, participar e/ou assistir a determinados momentos ou à totalidade do evento de forma digital. O período de isolamento e distanciamento físico atual (causado pela pandemia do vírus COVID-19) alavancou a distribuição virtual de cultura, trazendo para as organizações de festivais a reponderação do modelo de realização dos seus eventos.

No caso das deslocações controláveis pela equipa – as deslocações internas ou de fornecedores, para transporte de materiais ou participantes –, existem formas de mitigar emissões de gases com efeito de estufa. Durante as várias fases do evento, a equipa tem capacidade para optar por deslocações mais sustentáveis. Deste modo, para minimizar a pegada ambiental, é necessário adaptar os transportes às necessidades (evitando deslocações desnecessárias), promover a eficiência, preferir fornecedores locais (evitando deslocações de longa distância), dar prioridade a eco condução (veículos elétricos, híbridos e biodiesel), e permitir que todos os dados associados a transporte de carga e de pessoas sejam calculados para posterior avaliação da pegada ecológica (Martins et al., 2014: 24; ZWS, 2015).

A recolha de dados e cálculo da pegada ambiental é extremamente importante no processo de neutralização carbónica e de *offset*, abordados posteriormente.

### **3.3. Local e comunidade**

Uma parte significativa dos festivais acontece em espaços rurais, sobretudo os que incluem acampamento. A atividade e movimento provocados por um evento deste tipo é o contrário ao que habitualmente se sucede em localidades rurais, podendo provocar consequências, por vezes irreversíveis, no seu solo e na sua biodiversidade.

O aspeto abordado no subcapítulo anterior está bastante relacionado com a escolha do local – dado que os transportes são responsáveis pela maioria das emissões poluentes – a região em que o festival decorre tem um papel importante no seu impacte ambiental (PNUA, 2012: 27).

Assim, no planeamento da zona de realização de um evento, deve ter-se especial atenção à acessibilidade e proximidade a transportes públicos (PNUA, 2012: 27; Martins et al., 2014: 22). Comparativamente, a logística do local torna-se mais facilitada em festivais urbanos, que normalmente têm diversas opções de mobilidade, ao contrário do que acontece em contexto rural, no qual as hipóteses se reduzem substancialmente.

Neste sentido, existem condições a verificar na seleção e gestão do espaço de acolhimento. No caso da utilização de instalações, infraestruturas ou edifícios (já existentes), é necessário:

- certificar que na sua gestão são seguidos planos e políticas de preservação ambiental e de bem-estar social (pode ser confirmado através de certificações oficiais, como a ISO 14001<sup>40</sup> ou EMAS<sup>41</sup>);
- garantir que existe eficiência energética ou medidas de redução na gestão de energia;
- assegurar a recolha, controlo e reciclagem de resíduos, bem como a gestão adequada da água;
- se se pretender realizar atividades ou eventos de modo virtual, encontrar soluções com gastos reduzidos de energia;
- preferir produtos ecológicos para limpezas e evitar tóxicos;
- se integrar serviço de *catering*, preferir escolhas locais, biológicas e variadas (PNUA, 2012: 29-32).

Na eventualidade do local não ter estas características desenvolvidas, deve-se procurar sensibilizar para modificar o seu funcionamento (PNUA, 2012: 30). Todos estes aspetos podem ser aplicados a casos sem acesso a parque de campismo ou acomodação própria; logo, é aconselhável encaminhar os participantes para estabelecimentos (pensões, hotéis, residências, entre outros) que integrem princípios de sustentabilidade na sua atividade, promovendo também opções locais (PNUA, 2012: 31).

Por outro lado, em vários casos existe necessidade de construção de novas infraestruturas, propositadamente para a realização do festival. É imperativo que se realize de acordo com os princípios de eco construção ou construção sustentável e que, preferencialmente, traga benefícios e tenha utilidade para a região e comunidade em que se insere, podendo o evento contribuir para o contexto social (PNUA, 2012: 30). Na necessidade de instalação de redes de eletricidade, Martins et al. (2014: 22) reforça a importância de optar por sistemas de energia

---

<sup>40</sup>Disponível em: <https://www.iso.org/standard/60857.html>, consultado a 24 de junho de 2020.

<sup>41</sup>Disponível em: [https://ec.europa.eu/environment/emas/index\\_en.htm](https://ec.europa.eu/environment/emas/index_en.htm), consultado a 24 de junho de 2020.

renovável, utilizar óleos usados em geradores, priorizar sanitários secos ou reaproveitar águas tratadas – aspetos a serem aprofundados nos subcapítulos seguintes. É de destacada relevância optar por um local que tenha bastante luz solar, não só para aproveitamento da energia proveniente da mesma, mas para que o evento consiga usufruir de luminosidade natural por quanto tempo for possível, evitando alternativas energéticas artificiais.

Simultaneamente, é fundamental assegurar que o local tem capacidade para acolher a quantidade esperada de participantes, tanto em termos de espaço, como em termos de instalações (parque de campismo, chuveiros, casas de banho, serviços de alimentação, entre outros).

A erosão do solo<sup>42</sup> é uma das consequências causadas pela atividade de um festival. Quando se dá a destruição da vegetação, o solo fica desprotegido contra fatores naturais, como a chuva e o vento (GPP, 2010: 2), transtornando a fertilidade do solo, a fauna e a flora. Uma das causas da erosão é a compactação do solo, potenciada pela deslocação pedestre ou de veículos – prejudica a estabilidade dos níveis de água/hidratação (Dávid, 2009: 67). A compactação é acelerada em condições meteorológicas húmidas (Monck, 2009).

Se não existir proteção, a flora pode sofrer danos devido à compactação do solo, isto é, o ar que se encontra em pequenos poros entre partículas desaparece gradualmente, impedindo as raízes de “respirar”, o que pode ter consequências na sua longevidade (Monck, 2009).

Segundo Monck (2009), o planeamento antecipado da disposição do festival tem capacidade para atenuar danos: no caso das árvores, deve ser calculada a área mínima de proteção das raízes, multiplicando o diâmetro do tronco por doze (que deve ser medido a 1,2 metros de altura). O movimento pedestre ou de veículos não deve interferir com a área mínima de proteção, delimitada através de contornos indicativos (Monck, 2009).

A integração da comunidade local é um fator contributivo para a sustentabilidade. Manter relações com as partes envolvidas e criar parcerias consolidadas, valoriza a cadeia de fornecimento e fideliza a população envolvente; em adição, evita possíveis conflitos (Mendes et al., 2009: 152). A realização de um evento deve ser benéfica para a comunidade que o acolhe, com a criação de novas oportunidades e postos de emprego, com o desenvolvimento do

---

<sup>42</sup>“A erosão do solo é um processo de destacamento e transporte de materiais do solo, por agentes designados por erosivos. É um processo sequencial que envolve o destacamento das partículas do solo e o transporte das partículas destacadas. A erosão, ao remover as partículas de solo, reduz os níveis de matéria orgânica do solo, e contribui para a desagregação da estrutura do solo, diminui a profundidade de enraizamento e, portanto, diminui a quantidade de água, ar e nutrientes disponíveis para as plantas, criando, assim, um ambiente menos favorável para o crescimento das plantas” (GPP, 2010: 4).

comércio local e atração de turistas. Porém, é fundamental valorizar a dinâmica cultural e social da região, sem a alienar ou transformar num produto descaracterizado e mercantilizado (resultado que se verifica com frequência com o aumento exponencial do turismo). Segundo Mendes et al. (2009: 153-154), o sucesso da gestão estratégica e sustentável da comunidade anfitriã assenta em três áreas: a liderança (coerência e foco nas intenções e objetivos de sustentabilidade, fator chave para a integração e motivação de todos os intervenientes), o foco nas pessoas (investir em equipas qualificadas e satisfazer espectadores) e a construção de parcerias (envolver fornecedores e outras entidades locais, beneficiando ambas as partes ao partilhar e influenciar objetivos e interesses).

### **3.4. Gestão de resíduos**

Os resíduos representam dos impactes mais visíveis e tangíveis produzidos por um festival, geram custos adicionais (por exemplo, de recolha), têm índices de poluição elevados e estão presentes em todas as fases (desde o planeamento ao pós-evento).

A larga produção de resíduos, para além de contribuir para uma paisagem pouco atrativa visualmente, liberta toxinas para o solo e afeta águas subterrâneas (Dávid, 2009: 67). A grande maioria dos desperdícios são recipientes descartáveis de bebidas e talheres, bem como sobras de alimentos (Dávid, 2009: 70).

A gestão correta de resíduos embarca variadas estratégias na escolha de fornecedores e de materiais. O conceito de *Zero Waste Events*, embora relativamente recente e dificilmente atingido, reúne sugestões que podem resultar na redução significativa dos desperdícios de um evento. A *UK's Waste Reduction Action Program (WRAP)*<sup>43</sup> publicou em 2013 um mapeamento para a indústria dos eventos atingir o desperdício zero pelo ano de 2020 (*Zero Waste Events 2020 Vision*).

No mesmo sentido, a ONG *Julie's Bicycle* (2015: 15) considera que a elaboração de um Plano de Gestão de Resíduos detalhado é um elemento fundamental. O planeamento deve focar pontos como: detalhes do evento; objetivos; distribuição de responsabilidades; áreas funcionais estratégicas (zona de campismo, concessões, bares, zona de produção, *catering*, saneamento, entre outros); avaliação de tipos e quantidade de desperdícios (normalmente junto de *stakeholders*); comunicação/informação e formação (equipa, partes interessadas, participantes, artistas, entre outros) antes e durante o evento; monitorização e avaliação final.

---

<sup>43</sup>Disponível em <https://www.wrap.org.uk/>, consultado a 16 de julho de 2020.

Segundo a mesma ONG (2015: 10-12), é recomendável:

- Realizar uma estimativa (por exemplo, através de um questionário) junto dos fornecedores e outras partes interessadas, a fim de ter uma visão geral dos tipos e quantidade de resíduos esperados;

- disponibilizar a fornecedores e outras partes envolvidas uma lista de materiais banidos do evento e informações sobre o sistema de reciclagem do local;

- fazer uma análise de resíduos de uma edição ou evento anterior, com o intuito de perceber os potenciais desperdícios e as respetivas fontes, dando possibilidade de preparação e melhoria dos sistemas de reciclagem.

Uma compilação de dados fornecidos pela *Julie's Bicycle* (2015), apresenta um quadro dos tipos de desperdícios mais frequentes em eventos, juntamente com aspetos e sugestões de reciclagem:

- Vidro: em menor ou maior quantidade, consoante a política de acesso (muitos eventos não permitem a entrada deste material, por questões de segurança e, por norma, no campismo). É facilmente reciclável;

- Plástico: garrafas, copos, embalagens, material de patrocínio ou decorativo e sinalização. É essencial assegurar a separação dos objetos recicláveis e não recicláveis;

- Desperdício alimentar: de *catering*, áreas de cozinha e de campismo. Deve ser prioritário, dados os seus impactes negativos em aterros, gasto de energia e recursos na sua produção, é importante que não contenha produtos químicos;

- Metal: latas de alumínio, embalagens e detritos de infraestruturas. Materiais dificilmente recicláveis (especialmente se contendo óxido nítrico), devem-se verificar soluções de troca e/ou devolução;

- Madeira: normalmente usada em decoração e construção. Pode ser reciclada e ou reutilizada em outros eventos ou edições – no caso da decoração, deve dar-se prioridade a materiais alugados ou em segunda mão;

- Têxteis: roupas ou decoração. São facilmente reutilizados, doados ou reciclados;

- Material de campismo: tendas e outros utensílios abandonados. Dificilmente recicláveis, podendo-se recorrer a iniciativas de sensibilização e/ou reaproveitamento;

- Matérias perigosas: tipicamente provenientes de latas de aerossol e tinta. Devem sofrer um tratamento cuidadoso de acordo com as indicações legais de reciclagem e separadas dos restantes resíduos;

- Utensílios biodegradáveis para alimentação: predominantemente de *catering* e ou outros espaços de restauração. Quando reciclado com outros resíduos (papel, plástico ou vidro), os

vestígios de alimentos que ficam nos utensílios são prejudiciais ao processo de reciclagem; assim, se não houver possibilidade de lavagem dos materiais, deve-se optar pelos compostáveis. No entanto, a logística associada pode ter dificuldades acrescidas. Neste sentido, pode facilitar a organização, se: os materiais forem adotados ao longo de todo o recinto, facilitando a diferenciação por parte dos participantes; os contentores de separação forem devidamente identificados; instalações de compostagem forem adequadas; for dada atenção à diferença entre os materiais biodegradáveis e os compostáveis, evitar junção dos mesmos;

- Papel e cartão: proveniente de atividades de escritório. Facilmente recicláveis;
- Efluentes: efluentes sanitários e resíduos humanos. Evitar o uso de produtos tóxicos no saneamento e encontrar soluções orgânicas de gestão deste tipo de resíduos;
- Águas cinzentas: resultante de chuveiros e outras lavagens. Priorizar o seu correto armazenamento, evitando a contaminação dos recursos hídricos locais;
- Óleos e gorduras: provenientes de *catering* ou outros espaços de restauração. Não devem ser misturados com águas cinzentas, podem ser reaproveitados para combustíveis;
- Recipientes de gás usados: de *catering* ou outros espaços de restauração, aquecimento de ar e água. Muitas vezes devolvidos ao fornecedor; nos casos de uso por campistas, separados e reciclados como metais (deve existir um depósito visível e identificado para estas situações).

Existem diversos modos de tratamento de resíduos, alguns dos quais são:

- Digestão anaeróbica: processos fermentativos de vários resíduos, gerando biogás (metano) e biofertilizantes. Os resíduos não devem estar contaminados com outro tipo de desperdícios e, por norma, é dificilmente incorporada em eventos (Souza, 1984: 88);
- Compostagem: as matérias orgânicas são decompostas por micro-organismos, de modo oxigenado, sendo o composto final utilizado em agricultura, deixando de ser considerado desperdício (Teixeira et al., 2004: 2). É uma opção bastante viável no contexto dos eventos, devendo-se ter em atenção quais os materiais que podem ser introduzidos no processo (como papel e cartão compostáveis);
- Aterro sanitário: local destinado à decomposição de resíduos orgânicos sem oxigénio, resultando em biogás, por vezes utilizado para energia. O processo liberta toxinas, essencialmente gás metano, que poluem a atmosfera, contribuindo ativamente para o efeito de estufa e consequentes alterações climáticas<sup>44</sup>;

---

<sup>44</sup>Disponível em: <https://www.egf.pt/pt/areas-de-negocio/tratamento-e-valoriza%C3%A7%C3%A3o-de-res%C3%ADduos/deposi%C3%A7%C3%A3o-em-aterro-sanit%C3%A1rio/deposicao-em-aterro-sanitario/>, consultado a 20 de julho de 2020.

- Reciclagem: separação de desperdícios segundo o seu tipo, processando-os de modo a serem de novo matéria prima, criando novos produtos. Este processo assegura que parte da energia incorporada no material<sup>45</sup> é recuperada; ainda assim, é necessário considerar a redução e a reutilização antes de partir para a reciclagem. Processo facilmente incorporado em eventos.

A produção de desperdícios passa, então, por dois níveis da gestão: as escolhas de fornecedores e materiais que entram no espaço do festival; e a sensibilização junto dos participantes, isto é, a transmissão de uma mensagem que apele à tomada de comportamentos ecológicos por parte dos espectadores e convidados (através de incentivos, *workshops*, campanhas, entre outros), bem como a criação de condições que permitam adotar essas práticas. Ter pontos de reciclagem acessíveis e periodicamente limpos é fundamental para que os participantes respeitem a separação dos resíduos. A distribuição destes pontos deve ser estratégica, perto de áreas onde geralmente se acumulam desperdícios e/ou se concentram multidões. A sinalização é um fator de sucesso: esta deve ser visível, clara e apelativa, ser idêntica em todo o espaço e fazer uso de símbolos e ilustrações (Julie's Bicycle, 2015: 24).

No caso de festivais que possuam zona de campismo integrada para acolhimento de participantes, é bastante frequente observar-se uma quantidade considerável de desperdícios no final do evento (incluindo material de campismo abandonado). Novamente, de acordo com dados disponibilizados pela *A Greener Festival*, cada participante produz uma média de 0,70kg de resíduos: 1,92kg num festival com acampamento e 0,45kg num festival sem acampamento. Essencialmente, estes costumam ser madeira, alimentos, lata/metalo, vidro, papel/cartão e plástico<sup>4647</sup>.

Em janeiro de 2018, durante o festival *Eurosonic Noorderslag*<sup>48</sup>, foi formada a *Campsite Roundtable*<sup>49</sup>. A iniciativa foi desenvolvida pela *A Greener Festival*, em conjunto com o *GO Group (Green Operations Group)* – departamento dedicado a questões e projetos ambientais da *Yourope (The European Festival Association)*. O encontro partiu de um problema frequente em eventos que incluem acampamento: o elevado nível de materiais deixados para trás pelos campistas, muitos destes sendo reutilizáveis. Assim, foi criado o fórum de discussão *Campsite*

---

<sup>45</sup>Energia incorporada: energia utilizada em todo o ciclo de vida de um produto. Disponível em: [https://www.appropedia.org/Embedded\\_energy](https://www.appropedia.org/Embedded_energy), consultado a 20 de julho de 2020.

<sup>46</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/consultancy-research/juicy-stats-2019/>, consultado a 14 de julho de 2020.

<sup>47</sup>Os dados disponibilizados pela ONG *A Greener Festival* são respetivos a vários festivais membros da organização, em países como: Reino Unido, França, Holanda, Espanha, Bélgica, Eslovénia, Portugal, Itália, Dinamarca, Alemanha, Noruega, Argentina, Tailândia, Austrália, Costa Rica e Hungria.

<sup>48</sup>Disponível em: <https://esns.nl/>, consultado a 15 de julho de 2020.

<sup>49</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/green-festival-initiatives/campsite-roundtable/>, consultado a 15 de julho de 2020.

*Chaos* (Moore, 2019: 4), no qual são trocadas ideias e experiências no âmbito da gestão de resíduos em acampamentos de festivais, sendo necessário rever o formato em que estes são realizados.

Neste sentido, Teresa Moore, membro da direção da *A Greener Festival*, na conferência *Green Events & Innovations Conference 2018*, apresentou resultados da sua investigação sobre as razões levam o público a abandonar o material de campismo no final de um festival (“*Why don’t audiences clean up their act?*”). Identificou quatro principais perspectivas:

1. os participantes não se sentem confortáveis ao agir de forma diferente, pois essas ações implicam alguma incerteza e é mais seguro adotar comportamentos iguais em todos os eventos;
2. a mudança advém de acontecimentos infelizes ou dramáticos, podendo esta perspectiva ser entendida como uma consequência da primeira;
3. as decisões da generalidade do público são instintivas, seguindo o caminho mais fácil;
4. a quarta teoria é a da normalidade social, ou seja, a tendência natural para adotar os mesmos comportamentos que aqueles que nos rodeiam.

Teresa Moore, na mesma conferência, apresentou o resultado da sua pesquisa de terreno num festival no Reino Unido em 2016 e 2017, que teve como objetivo apurar os motivos de escolha do público face à possibilidade de campismo ecológico. No caso, a área de “campismo verde” representava apenas 5% da zona de acampamento do festival e implicava o pagamento de um bilhete mais caro do que o regular. A amostra incorporou espectadores com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos alojados no campismo regular. Concluiu que apenas 23% dos espectadores inquiridos tinham conhecimento de que existia a possibilidade de “campismo verde”. Ao questionar a razão que os levou a escolher a opção de campismo padrão, mesmo sabendo da existência do espaço campismo ecológico, Teresa Moore concluiu que as motivações foram, maioritariamente, económicas.

Assim, há diversos pontos a trabalhar para combater esta falta de conhecimento por parte do público, bem como a questão económica. Em primeiro lugar, o reforço da comunicação deste tipo de opções, para garantir que a alternativa chega ao conhecimento de todos os espectadores. Em segundo, a transformação da opção ecológica na opção base. Adotar estratégias como a expansão do espaço de campismo ecológico, torná-lo a opção de mais fácil acesso e não penalizar financeiramente os espectadores que fazem essa escolha: “*Precisamos de uma*

*solução mais radical, virando o problema do avesso. Temos que transformar o campismo verde na opção padrão*”<sup>50</sup> (Moore, 2019: 3).

No seguimento do controlo de resíduos deixados pelos campistas, observa-se o crescimento de algumas iniciativas e organizações que procuram encontrar soluções para esses materiais. *Utopia Camping*<sup>51</sup>, uma organização com sede na Alemanha criada em 2012, recolhe material de campismo abandonado em diversos festivais pela Europa, reconstrói-o e/ou repara-o, e aluga-o posteriormente. Assim, criaram um sistema sustentável de reutilização de material, simultaneamente solucionando o problema universal de acumulação de desperdícios no final de um festival. Apoiam ativamente produtores de festivais a implementar soluções sustentáveis, disponibilizando o acompanhamento necessário para tal, através de: consultoria e planeamento estratégico; gestão operacional, logística e formação de equipa; sistema de aluguer de material online e no local; estação de reparação de materiais nos festivais; recolha e transporte dos materiais; campanha de sensibilização e promoção a reutilização. Deste modo, a organização tem um papel ativo na redução da pegada ambiental dos festivais com quem faz parceria, bem como na sensibilização dos participantes.

Ainda no âmbito do abandono de materiais de campismo, frequentemente são contratadas empresas de recolha de resíduos. A logística de recolha desses desperdícios tem custos adicionais para a organização, podendo, até, estar incluída no preço do bilhete. Para efeitos de sensibilização, criam-se campanhas de controlo de desperdícios, como a *Love Your Tent*<sup>52</sup>, que estimula o público a reutilizar os materiais de campismo. É imprescindível reforçar a comunicação para que a escolha do espectador seja, por iniciativa própria, a reutilização.

O uso de plásticos descartáveis tornou-se muito usual na sociedade e, em especial, nos festivais. Em consequência, provoca enormes quantidades de resíduos. Além desse impacto visível e direto, os objetos descartáveis incentivam ao consumismo dos espectadores, bem como os coloca numa posição pouco consciente das suas consequências ambientais. A poluição causada por este material é cada vez mais preocupante e nociva ao planeta, causando estragos nos oceanos: estudos indicam que existem partículas de microplástico no sal marinho e que essas partículas podem já estar presentes no sal que é comercializado e ingerido pelos seres humanos (Karami et. al., 2017).

---

<sup>50</sup>Tradução livre da autora. No idioma original (inglês): “*We need a more radical solution by turning the problem on it’s head. Let’s make green camping the default option.*”.

<sup>51</sup>Disponível em: <https://utopia-camping.de/>, consultado a 10 de abril de 2020.

<sup>52</sup>Disponível em: <http://loveyourtent.com/>, consultado a 15 de julho de 2020.

A produção de plástico iniciou-se em meados do século XX e atinge proporções cada vez mais prejudiciais ao ambiente (particularmente as embalagens, que representam 26% do volume total fabricado) – em 1964 foram produzidas 15 milhões de toneladas de plástico, em 2014 foram produzidas 311 milhões de toneladas, prevendo-se o dobro da produção em 2036 (MacArthur et al., 2016: 7). Em festivais, como em outras atividades *Business-to-Consumer* (B2C: negócio para o consumidor), os plásticos são, na grande maioria, utilizados para empacotamento e embalagens de uso único: destes apenas 14% são reciclados, durante o processo de reciclagem só 5% do material é aproveitado para uso posterior, sendo que a sua segunda utilização tem valor reduzido em relação à primeira (MacArthur et al., 2016: 7).

Todos os anos, uma média de 8 milhões de toneladas de plástico vazam para os oceanos, onde existirão já cerca de 150 milhões de toneladas, das quais a maioria são provenientes de embalagens descartáveis – estima-se que em 2050 existirá, em termos de peso, mais plástico nos oceanos do que peixe (MacArthur et al., 2016: 7). A própria produção de plástico tem um forte impacto nas emissões de carbono a nível mundial, sendo 90% derivado de matérias-primas fósseis, perfazendo 6% do consumo de petróleo atualmente: se o fabrico e uso do material não diminuir rapidamente, em 2050 representará 20% do consumo de petróleo e 15% das emissões de carbono globais por ano (MacArthur et al., 2016: 7). Assim, de uma perspetiva alargada, o uso de plástico num festival está ligado às emissões de CO<sub>2</sub> indiretamente associadas, tornando-se um aspeto a contabilizar no cálculo da sua pegada ecológica.

É um papel fundamental dos eventos culturais procurar e promover alternativas sustentáveis para esta questão. Em festivais, tornou-se frequente utilizar recipientes e utensílios de plástico descartável – por ser mais conveniente e prático, mais rápido e, supostamente, mais barato no orçamento final do evento. Para esta opção ser contrariada, existe a possibilidade de disponibilização de produtos/materiais em recipientes coletivos. Na impossibilidade de se utilizar recipientes comuns, deve-se recorrer à alternativa dos materiais compostáveis e biodegradáveis.

Proibir a venda de garrafas de plástico descartável no recinto, em junção com a instalação de vários pontos de água potável, é uma solução tem menos custos associados é, evidentemente, menos poluente. É recomendado que se incentive o público, na comunicação e divulgação, a levar a sua própria garrafa. No caso de necessidade de venda de garrafas no local, optar pelas reutilizáveis – transmitir, sempre, que estas devem ser guardadas e utilizados no consumo durante o evento, no quotidiano e noutros eventos. O *Shambala Festival* criou a campanha *Bring a Bottle*, em que baniu totalmente a venda de garrafas, copos e utensílios de alimentação

de plástico descartável, incentivou os participantes a levar os seus próprios materiais e, com isso, obteve resultados muito positivos<sup>53</sup>.

O mesmo se aplica a copos de plástico descartável, sendo a solução introduzir o uso de copos reutilizáveis – são muitas as iniciativas que criaram estes sistemas. Para que o impacto de um copo reutilizável seja menor do que o impacto de um copo de plástico descartável, é necessário que o primeiro seja usado 3 a 5 vezes; em comparação com copos de cartão descartável, o copo reutilizável deve ser usado 9 a 14 vezes (Johnson, 2018b: 3). A sua adoção tem sido considerada das mais vantajosas para a mitigação da pegada ecológica de festivais, especialmente nos que servem várias bebidas diferentes, têm barreiras físicas bem definidas e onde o controlo de bares e outros estabelecimentos é gerido facilmente (Johnson, 2018b: 6). Apesar de acrescerem novos gastos (como os de lavagem ou estampagem), por norma os custos reduzem-se quando se opta pelo método de copo reutilizável: evita-se a compra de descartáveis e reduzem-se gastos de gestão de resíduos (Johnson, 2018b: 7).

Objetos como credenciais, pulseiras, ou outros itens de identificação do evento têm a possibilidade de ser de cartão ou pano, passando-se à reutilização dos mesmos – ao retirar a identificação da data e/ou local, podem ser utilizados de edição para edição.

Do mesmo modo, pratos, talheres e outros utensílios destinados a alimentação devem ser também de materiais compostáveis ou de metal/louça. Segundo um estudo realizado por Copeland et al. (2013), um recipiente reutilizável individual para alimentos, precisa de ser usado 15 vezes para emitir menos gases com efeito de estufa do que um descartável (devido à energia necessária para a sua produção) (Sheehan, 2017: 5). Um estudo realizado por Broca (2008) revelou que pratos de cerâmica têm um impacto ambiental menor do que pratos de poliacido láctico (PLA)<sup>54</sup> após 50 utilizações (Sheehan, 2017: 6). Porém, um outro estudo concluiu que recipientes reutilizáveis de policarbonato, quando usados 10 vezes, são menos prejudiciais ao ambiente do que recipientes compostáveis descartáveis (Wachter et al., 2013). Denison (1998 *apud* Sheehan: 2017) realizou um estudo comparativo entre as pegadas ecológicas de colheres reutilizáveis de aço inoxidável e colheres descartáveis de poliestireno ou polipropileno,

---

<sup>53</sup>Disponível em: <https://www.shambalafestival.org/designing-out-disposables/>, consultado a 22 de julho de 2020.

<sup>54</sup>Poliácido láctico: substituto dos plásticos convencionais, biodegradável e compostável; no entanto, apenas em condições muito específicas este pode entrar nesses processos, não havendo garantias de que seja biodegradável a 100%. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/738-plastico-pla>, consultado a 22 de julho de 2020.

concluindo que a colher reutilizável apenas precisa de ser usada duas vezes para ter um gasto energético igual ao de duas descartáveis (Sheehan, 2017: 6).

Um ponto essencial neste processo é a comunicação com fornecedores e/ou parceiros que fazem parte do festival. Sem sensibilização e cooperação torna-se extremamente difícil realizar esta transição. Por isso, é essencial criar parcerias com *stakeholders* que já incorporem medidas sustentáveis no seu negócio – este assunto será abordado com maior detalhe no capítulo “Parcerias e fornecedores: cooperação”.

### 3.5. Alimentação

A gestão sustentável da alimentação fornecida por um festival passa por diversos aspetos, tornando-a num dos mais importantes pontos no posicionamento de um festival no processo ecológico. Desde a alimentação da equipa, à dos espectadores; desde a escolha de fornecedores sustentáveis, aos materiais utilizados.

Todos os participantes têm um impacto ambiental quando se alimentam (Dávid, 2009: 69); por isso, é necessário ter em atenção o modo de produção dos alimentos (se são biológicos ou se utilizam produtos químicos prejudiciais ao solo, ar e saúde), a origem (se provêm de produtores locais) e a forma como os produtos são embalados, transportados e entregues (aspeto abordado no subcapítulo anterior).

Com o intuito de contribuir para o bem-estar de todos os espectadores, é necessário disponibilizar opções vegetarianas, vegan, isentas de certos componentes que provocam intolerâncias e alergias (lactose, glúten, entre outros). No mesmo sentido, é importante reduzir o consumo de carne, dado o impacto ambiental da indústria bovina e pecuária, sendo que se deve partir para uma sensibilização do público para que reduzam, também, no quotidiano, o consumo excessivo destes produtos provenientes de uma indústria extremamente prejudicial à sustentabilidade dos ecossistemas (Djekic, 2015). De acordo com Claxton (2012: 1) “*aquilo que comemos está profundamente ligado com as alterações climáticas e tem um enorme impacto na ecologia e biodiversidade que sustém a vida no planeta*”<sup>55</sup>.

Abdicar das parcerias com grandes negócios e optar por colaborações com fornecedores locais traz vários benefícios ao festival, aos participantes e aos próprios produtores: contribui-se para uma redução acentuada das emissões de CO<sub>2</sub> associadas aos quilómetros percorridos

---

<sup>55</sup>Tradução livre da autora. No idioma original (inglês): “*The food we eat is heavily implicated in climate change and has a huge impact on the ecology and biodiversity that sustains life on this planet.*” (Claxton, 2012: 1).

pelos alimentos no seu transporte e na sua produção; os ingredientes biológicos, sazonais e locais são mais saudáveis e menos poluentes; e a economia e empregabilidade locais são estimuladas (Claxton, 2012: 2).

A escolha de alimentos biológicos que não recorram a produtos químicos potencia a preservação de água nos solos, evitando possíveis períodos de seca (Claxton, 2012: 2). Além disso, os solos mais férteis têm capacidade de reter carbono da atmosfera, podendo, segundo Lal (2004), reduzir entre 5% a 15% das emissões anuais de CO<sub>2</sub>.

Simultaneamente, o controlo de quantidades dos produtos alimentares deve ser feito consoante o número médio de participantes, procurando não produzir excedentes – os desperdícios devem ser reaproveitados ou doados, sendo, no entanto, ideal evitar o excesso. É importante conter ao máximo o desperdício alimentar, sendo que a melhor solução para esse efeito é o planeamento antecipado das quantidades destinadas ao evento, sempre de forma realista consoante o número estimado de participantes. Em último recurso, é possível recorrer à doação de excedentes, por exemplo a organizações de caridade social; ou ao reaproveitamento para processos de compostagem.

O *Glastonbury Festival*<sup>56</sup> (Reino Unido) iniciou em 2004 um processo de compostagem de desperdício alimentar, conseguindo salvar 110 toneladas nesse ano; de seguida, um agricultor vizinho utilizou o composto nos seus terrenos, onde o seu gado produziu produtos alimentares (por exemplo, queijo) consumidos na edição seguinte do festival – ou seja, criou-se um ciclo fechado e autossustentável (Claxton, 2012: 3).

Segundo dados partilhados pela ONG *A Greener Festival*, por cada ano, são desperdiçadas 400 toneladas de alimentos em festivais (953.352 refeições). Em acréscimo, por cada tonelada de desperdícios alimentares são emitidas 4 toneladas de CO<sub>2</sub>. *8th Plate*, projeto que tem como objetivo a recolha de sobras alimentares em festivais e a sua distribuição por grupos vulneráveis, com o qual a ONG faz parceria, em 2018 recolheu 12 toneladas de comida em 15 festivais diferentes que, certamente, não iriam ser consumidas. Isto é, cerca 28.596 refeições foram fornecidas, aproximadamente correspondendo à redução de 48 toneladas de emissões de CO<sub>2</sub>. Para o ano de 2020, o objetivo seria recolher 100 toneladas de produtos alimentares.<sup>57</sup>

Em tom de conclusão, Beer (2009) apresenta uma análise PESTE (fatores políticos, económicos, sociais, tecnológicos e ecológicos) aplicada à alimentação (produção e consumo) no contexto da gestão de eventos, da qual se salientam os seguintes aspetos:

---

<sup>56</sup>Disponível em: <https://glastonburyfestivals.co.uk/>, consultado a 23 de julho de 2020.

<sup>57</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/8th-plate/>, consultado a 15 de julho de 2020.

- **Análise política:** o contexto governamental pode influenciar o conceito de sustentabilidade e o funcionamento da cadeia de fornecimento. Por exemplo, regras de segurança alimentar; definições e certificações legais de “orgânico”, “local” e/ou “biológico” (em Portugal, as certificações de produtos biológicos podem ser obtidas através de auditoria realizada pela SGS<sup>58</sup>, por exemplo);
- **Análise económica:** a tendência e o pressuposto de que alimentação sustentável tem custos mais elevados; é tipicamente mais acessível recorrer a fornecedores “não sustentáveis”. No entanto, o poder de compra está cada vez mais direcionado para produtos com certificações ambientais e impactes sociais positivos (geralmente em países desenvolvidos);
- **Análise social:** a cultura da alimentação está a mudar e os consumidores tornaram-se mais complexos, exigindo produtos mais sustentáveis; estando simultaneamente a oferta deste mercado a crescer. É importante ter a garantia de que a oferta alimentar num festival se enquadra num sistema de comércio justo;
- **Análise tecnológica:** o processo tecnológico de preparação e distribuição deve ser assegurado pela organização responsável pelo evento, garantindo a qualidade e segurança dos produtos. Além disso, sistemas que recorrem a pesticidas, fertilizantes e agroquímicos, ou até modificação genética, estão distantes de resultados orgânicos e/ou biológicos;
- **Análise ecológica:** essencialmente relacionada com o transporte de produtos alimentares, o gasto de energia entre a produção e o consumo que poderia ser reduzido se se optasse por produtos mais próximos do local. Verifica-se um aumento da transmissão de doenças, da degradação da cultura e da produção destinada apenas para exportação. Está também ligada com os excedentes de alimentos, representando custos adicionais para a organização de um evento, impacte ambiental e desperdício de recursos.

### **3.6. Parcerias e cooperação**

A clarificação de objetivos e políticas de sustentabilidade na comunicação com parceiros, fornecedores e outras entidades envolvidas cria uma relação de transparência que, consecutivamente, evita discrepâncias no planeamento e realização do evento. O trabalho de sensibilização de *stakeholders* essenciais contribui para a cooperação necessária no processo de gestão sustentável.

---

<sup>58</sup>Disponível em: <https://www.sgs.pt/pt-pt/agriculture-food/food/food-certification/organic-certification>, consultado a 24 de julho de 2020.

Para um evento atingir níveis de sustentabilidade significativos, todos os intervenientes devem ter o mesmo objetivo; assim, a implementação de princípios sustentáveis permite melhorias na qualidade ambiental e constitui uma vantagem competitiva (Griffin, 2009: 44). Neste sentido, é de elevada importância que a organização e as entidades parceiras cooperem e partilhem a mesma visão. Para tal, relatórios, como análises de custo-benefício, devem ser disponibilizados a todos os parceiros (Laing e Frost, 2010: 262).

De um lado, a equipa organizadora de um festival pretende estar associada a entidades que incorporem políticas e práticas sustentáveis no seu funcionamento. De outro lado, diversas entidades tencionam afiliar-se a eventos ecológicos, disponibilizando materiais, apoio financeiro e equipamentos tecnológicos para promover iniciativas “verdes” (Getz, 1997: 36). Observa-se o crescente interesse na associação de marcas e entidades a eventos de cariz sustentável (Steenbekkers, 2014: 24). Este processo de transformação sustentável cria mudanças na cadeia de fornecedores, tanto através da procura de ofertas diferentes por parte da organização, como pela alteração de produtos e serviços anteriormente disponibilizados. É um processo de influência mútua, resultando no aumento de opções ecológicas no mercado (Jones, 2014: 7-8).

A oferta de brindes a participantes é ainda frequente em vários eventos, em particular nos que envolvem parcerias com entidades com fins comerciais. O controlo sobre estas ofertas evita o consumo desnecessário de materiais possivelmente poluentes que são rapidamente descartados ou raramente usados, na maioria das vezes. Existem alternativas à visibilidade das marcas, como serviços que captem a atenção do espectador e que não o sobrecarreguem com produtos. Contudo, por motivos sociais, económicos e ambientais, a coligação entre festivais sustentáveis e entidades com fins comerciais está a decrescer, uma vez que estes recorrem cada vez mais a empresas locais e/ou com práticas ecológicas implementadas (Steenbekkers, 2014: 24).

Laing e Frost (2010: 262) destacam a importância de envolver *stakeholders* em festivais sustentáveis: “A ‘mensagem verde’ passa através da aspiração de respeitar e envolver a comunidade local, visitantes e diferentes grupos como patrocinadores e agências governamentais, através do desenvolvimento de parcerias e redes”.<sup>59</sup> Todos os produtos e serviços contratados e adquiridos por um evento vão ter um impacto na sua pegada ecológica. No processo de contacto com essas entidades destaca-se a importância de criar compromissos,

---

<sup>59</sup>No idioma original (inglês): *The green “message” flows through to a desire to respect and engage with the local community, visitors and different groups such as sponsors, venues and government agencies, through the development of partnerships or networks* (Laing e Frost, 2010: 262).

procurar transparência e cooperação, e evitar o *greenwashing*<sup>60</sup>. Assim, no âmbito da colaboração enquadrada nos objetivos de cooperação para a sustentabilidade, recorrer a acordos escritos torna-se útil no cumprimento das regras ecológicas e a sua posterior avaliação.

### 3.7. Água e saneamento

A água é um recurso essencial à vida; no entanto, é escasso. Apenas cerca de 3% dos recursos hídricos disponíveis no planeta Terra são potáveis para consumo. Destes, só 0,5% é acessível, dado que o restante se encontra em glaciares que, por sua vez, se encontram em degelo constante (WBCSD, 2013: 4). Ao mesmo tempo, 2 mil milhões de pessoas utilizam água com elevados níveis de insegurança para consumo humano e 2,5 mil milhões têm acesso muito dificultado a condições sanitárias dignas (WBCSD, 2013: 4).

A gestão da água é um dos pontos essenciais na organização de qualquer tipo de evento. Em festivais de longa duração, o gasto de água toma proporções consideráveis. Para além disso, os festivais com acesso ou com proximidade a lagos, lagoas, praias, barragens, entre outros, elevam o risco de poluição desses recursos hídricos (Dávid, 2009: 67). Pode ser causada pela utilização produtos de limpeza, higiene pessoal e outro tipo de resíduos. Em alguns casos, a acumulação de matéria orgânica na água causa eutrofização (resulta no desenvolvimento excessivo de algas e conduz a baixos níveis de oxigénio), que prejudica os organismos e a sua biodiversidade, podendo afetar negativamente a saúde humana (Dávid, 2009: 67).

De acordo com Jones (2014: 319), existem quatro categorias de água que importam indicar no contexto dos eventos:

- “*Clear water*” /Água limpa: água potável para consumo;
- “*Blue water*” /Água azul: para lavagens e higiene humana, proveniente de furos, tanques ou outros; impotável;
- “*Grey Water*” /Águas cinzentas: resultante da higiene humana ou lavagens, pode ser reutilizada para usos sanitários e rega (nos casos em que não contém produtos químicos nocivos ao solo);
- “*Brown/Black water*” /Águas negras: efluente sanitário ou alimentar, normalmente direcionada para sistemas de esgotos, sem possível reutilização.

---

<sup>60</sup>“*Greenwashing*: termo usado quando uma empresa ou organização gasta mais tempo e dinheiro alegando ser “verde” através de publicidade e marketing, do que realmente a implementar práticas de negócios que minimizem o impacto ambiental.” (Martins et al, 2014: 48).

O desperdício negligente de água é evitado através da sua gestão sustentável, facilitada por tecnologias (Dávid, 2009: 68). Deste modo, é importante fazer escolhas que minimizem ao máximo o esgotamento deste recurso:

- colocar torneiras de aspersão ou com tomadas de pressão;
- no caso dos chuveiros, instalar temporizadores (Denny, 2009: 6) e/ou escolher momentos em que o seu funcionamento é interrompido;
- sensibilizar participantes para o uso de produtos orgânicos de limpeza e higiene, podendo fornecer os mesmos;
- Garantir que a água contaminada com produtos nocivos ao solo é retida em recipientes próprios;
- Alertar para a preservação da água através de sinalização visível e apelativa nos pontos de distribuição;
- Numa perspetiva a longo prazo podem ser preparados sistemas de uso de água da chuva, para fins que não o consumo humano (Harvey, 2009: 199), por exemplo, regas e/ou utilização em sanitários.

Dependendo do tipo de evento, a água será fornecida de formas diferentes: no caso de eventos de pequena dimensão, pode ser disponibilizada em recipientes ou dando acesso a torneiras; em eventos de maior dimensão (sobretudo ao ar livre) é aconselhável que se garanta a circulação de água potável em vários pontos estratégicos e devidamente identificados.

Existe legislação a cumprir, sendo a maioria relacionada com segurança e saúde. No regulamento do Programa “Sê-lo Verde” (Ministério do Ambiente, 2020: 134) de apoio financeiro pelo Fundo Ambiental, um dos objetivos é a adoção de medidas que garantam a eficiência hídrica num grande evento, por exemplo, através do aproveitamento de águas pluviais e da reutilização de águas residuais, nunca colocando em risco a saúde pública. Além disso, o mesmo regulamento (2020: 136) impõe como um dos critérios de elegibilidade “*a disponibilização de água potável não engarrafada (...), num rácio de um ponto de água por cada 800 participantes/espectadores*”, neste caso referindo-se a eventos ao ar livre com assistência prevista de 3.000 pessoas por dia, no mínimo. A maioria dos festivais recorre a tanques de abastecimento e a redes canalizadas, permitindo a distribuição ao longo de toda a área do evento, sem comprometer os níveis normais de água na região envolvente (Denny, 2009: 1).

No processo de gestão sustentável da água utilizada e consumida num evento, é de acentuada importância calcular os gastos *per capita*, permitindo adotar medidas adequadas às necessidades do festival em questão. Por exemplo, o festival inglês *Glastonbury* (5 dias de

evento) consome, em média, 10.000.000 litros de água por edição. Sendo que acolhe cerca de 730.000 audiências (140.000 passes de 5 dias e 30.000 bilhetes de domingo), cada participante gasta uma média de 13,96 litros de água por dia (Denny, 2009: 4). É variável de evento para evento, para além de haver pouca capacidade de controlo em festivais com zonas de campismo. No entanto, gerir os recursos hídricos recorrendo a cálculos de consumo torna a tarefa mais simples e com resultados mais eficazes, podendo transmitir as informações para as diversas entidades envolvidas.

Para eventos ao ar livre e de maior dimensão, as casas de banho secas e/ou de composto orgânico são uma solução para substituir as convencionais. Para além do evidente controlo no gasto de água, estes sanitários tornam o solo mais fértil através da produção de fertilizante para compostagem. Têm maiores custos de instalação do que os sanitários químicos portáteis, porém são destacadamente mais ecológicas, o seu uso é cada vez mais frequente e assiste-se a uma preferência gradual por parte do público e dos gestores de eventos (Denny, 2009: 7). De modo a que este processo seja corretamente realizado, é aconselhável contratar uma empresa especialista, que se encarregue da construção, manutenção, desmontagem e recolha do composto orgânico.

Com o uso destes sanitários orgânicos, a gestão de águas cinzentas inicialmente referidas neste subcapítulo deixa de ter tanta relevância. O uso das mesmas para regas deve ser meticulosamente controlado, dado que não podem conter produtos químicos (muito frequentes na higiene humana). A disponibilização de produtos orgânicos ao público pode ter dificuldades de controlo em festivais de grande dimensão (Denny, 2009: 7; Jones, 2014). Em suma, quanto maior a utilização de sanitários secos num festival, menos soluções existem para as águas cinzentas (Denny, 2009: 8).

### **3.8. Gestão de energia e emissões de gases com efeito de estufa**

A gestão de fontes de energia está irremediavelmente ligada às emissões de carbono. É necessário fazer a mudança para fontes energéticas alternativas e renováveis, ao mesmo tempo que se adota uma gestão mais eficiente deste recurso, a fim de reduzir significativamente as emissões de carbono de um festival. Energia de fontes convencionais para transportes, alimentação, alojamento e audiovisuais resultam no aumento de emissões de gases com efeito de estufa, para além de maiores despesas (Dávid, 2009: 69).

Dependendo da dimensão, os eventos envolvem uma determinada quantidade de gases com efeito de estufa, por exemplo, devido à maior deslocação de transportes ou o uso de instalações

concentradas na mesma zona – aumenta as emissões de CO<sub>2</sub>, de CO (monóxido de carbono) e NO<sub>2</sub> (dióxido de nitrogénio), contribuindo para a poluição atmosférica (Dávid, 2009: 67).

A estimativa da pegada carbónica de um festival é de 2.299 toneladas de CO<sub>2</sub>, segundo a *A Greener Festival*, sendo que cada participante está na origem da produção 9kg de CO<sub>2</sub> por dia<sup>61</sup>. Este cálculo é sempre uma aproximação que tem em consideração diversos aspetos, como as viagens feitas pelos participantes, a eletricidade utilizada, combustível, resíduos, uso de água, entre outros. É complexo chegar a um resultado que componha todos os movimentos associados a um festival, pois cada espectador implica determinadas emissões de gases com efeito de estufa (Collins e Cooper, 2017: 161).

No relatório *First Step UK Music Industry Greenhouse Gas Emissions For 2007* da *Julie's Bicycle* são feitas propostas para a indústria da música no Reino Unido, também aplicáveis à indústria dos eventos em qualquer país: mudança para fontes de energia 100% renovável ou com baixas emissões de carbono; instalação de iluminação em LED nas infraestruturas dos festivais. Segundo o mesmo relatório, os geradores e transporte de mercadoria e de participantes são as principais causas de emissões de carbono (Bottrill, 2008: 48).

A energia utilizada em festivais costuma ser proveniente de geradores movidos a combustíveis como o gasóleo ou gasolina. Deste modo, biodiesel de origem sustentável e iluminação de baixa energia são investimentos com resultados ambientalmente favoráveis e imediatos (Bottrill, 2008: 51). Outro dos problemas frequentes em eventos cuja energia provém de geradores, é a utilização destes em baixa carga, comprometendo a sua eficiência através da produção de mais energia que a necessária, queimando mais combustível (Johnson, 2012: 5).

De acordo com Fleming et al. (2013), os gastos energéticos de festivais (num estudo realizado com uma amostra de 73 atividades diferentes em 18 edições de festivais entre 2009 e 2012) podem ser repartidos por três partes: palcos (iluminação, vídeo e áudio), fornecedores (alimentares, não alimentares e bares) e infraestruturas (*catering* da equipa, zona de campismo, deslocações de artistas/convidados e área de produção). O mesmo estudo (Fleming et al., 2013) apresenta quatro métodos de redução de emissões<sup>62</sup>:

- Desligar equipamentos enquanto não estão a ser usados possibilita a poupança de energia e redução de emissões de CO<sub>2</sub>e, por exemplo, durante determinadas horas da noite:
  - iluminação, redução de 200 kg de CO<sub>2</sub>e;
  - vídeo, redução de 246 kg de CO<sub>2</sub>e;

---

<sup>61</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/consultancy-research/juicy-stats-2019/>, consultado a 15 de julho de 2020

<sup>62</sup>Os dados apresentados na enumeração correspondem a um valor médio por festival.

- áudio, redução de 122 kg de CO<sub>2</sub>e;
- bares, redução de 141 kg de CO<sub>2</sub>e.
- Investir em equipamento com maior eficiência energética, como amplificadores classe D ou luzes LED:
  - iluminação, poupança de 3.230kg de CO<sub>2</sub>e;
  - áudio, poupança de 949 kg CO<sub>2</sub>e.
- Adequar a potência do gerador às necessidades energéticas do festival, reduzindo o consumo de combustível e custos associados.
- Substituir parcialmente o gerador por energia solar fotovoltaica, adequado para equipamentos de consumo estável e reduzido, utilizando reserva de energia para períodos de noite:
  - fornecedores, poupança de 268 kg CO<sub>2</sub>e;
  - bares, poupança de 159 kg CO<sub>2</sub>e.

O *Boom Festival* alimenta a sua energia através de painéis solares, geradores a diesel e um gerador de 100 kW movido a óleos vegetais. Estão em processo de transição de diesel para energia solar, tendo, atualmente, uma rede de 18 painéis, produzindo cerca de 13 kW por cada hora do dia (Johnson, 2017: 9).

A energia produzida através de movimento – energia cinética – é uma alternativa original e inovadora já experimentada pelo projeto *Reaction Sound System*<sup>63</sup>. Criado em 2009, incorporou bicicletas fixas em palcos pequenos e médios, em que foi possível o público criar e acumular energia enquanto pedalava. Seis ciclistas conseguem gerar energia suficiente para um sistema de som destinado a cerca de 2.000 pessoas (Johnson, 2017: 12). Este método tem potencial para sensibilização, mostrando aos espectadores a facilidade com que é possível produzir energia sem emissões de gases com efeito de estufa.

Procurando compensar as emissões de carbono de um evento, os métodos de *offset* são progressivamente explorados, por exemplo, com ações de reflorestação. No entanto, apenas se deve recorrer a este contra balanceamento em último caso, sendo mais importante alterar primeiro modos de gestão para reduzir as emissões de carbono. A *The Festival Woods*, outra das iniciativas da *A Greener Festival*, consiste na plantação de árvores, com o objetivo de estimular a biodiversidade, reduzir o risco de inundações e absorver dióxido de carbono através da reflorestação e, assim, contribuindo para a minimização dos efeitos do aquecimento global<sup>64</sup>.

<sup>63</sup>Disponível em: <https://bike-power.co.uk/>, consultado a 6 de agosto de 2020.

<sup>64</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/festival-wood/>, consultado a 15 de julho de 2020.

É de elevada importância fazer um cálculo da pegada ecológica causada por um evento, para ser possível atingir a sua neutralização, através de avaliação e monitorização (Collins e Cooper, 2017: 161). A avaliação de um festival é bastante relevante em projetos de *offsetting*. Por exemplo, o cálculo das emissões de CO<sub>2</sub> produzidas permitirá perceber a quantidade de árvores a ser plantadas. No entanto, é necessário reforçar que a redução de emissões de CO<sub>2</sub> é essencial na produção de um evento sustentável. Mesmo a reflorestação uma ação importante em qualquer circunstância, esta não é garantia da efetiva compensação de gases com efeito de estufa.

### **3.9. Comunicação e transmissão da mensagem ecológica**

Materiais como bilhetes, divulgação do festival e comunicação de parceiros devem ser distribuídos e disponibilizados em suporte digital ou, em alternativa, utilizando materiais recicláveis e de origem orgânica/vegetal. Da mesma forma, toda a informação sobre políticas de sustentabilidade deve estar acessível e clara (Raj e Musgrave, 2009: 6; Dodds e Graci, 2008: 5). É fundamental criar um planeamento estratégico de desmaterialização focado no “desperdício zero”, partilhando esta política com todas as entidades envolvidas (em especial fornecedores) e, se necessário, recorrer à formação (Martins et al., 2014: 44).

A comunicação e divulgação são dos aspetos com mais impacto na imagem de um evento. O seu planeamento tem que ser gerido de forma ecológica: a impressão consome energia, tinta e papel. A comunicação feita totalmente por canais digitais tem menos impactes ambientais; porém, pode ter menos alcance na publicitação do festival. As decisões são tomadas consoante a situação, o tipo de evento e o público alvo.

Toda a informação que possa ser partilhada via digital deve seguir desse modo. Quando é necessária impressão, o impacto ambiental é menor se:

- Os materiais forem impressos num formato ecológico (por exemplo, papel reciclado);
- for feita distribuição de *posters* pelo espaço e, se possível, sem referências a datas ou outras informações semelhantes, para tornar possível a reutilização nas seguintes edições do evento.

Na venda/distribuição de alimentação saudável e sustentável num festival, é necessário existirem indicações e informações disponíveis para os participantes (Parsons et al., 2012: 22). Tanto nas plataformas digitais do evento, com indicação de que tipo de produtos estarão disponíveis, como no próprio local, com informações visíveis dos ingredientes (tendo em

atenção restrições, modos alternativos de alimentação e certificações). Em adição, estimular os participantes a optarem pela alimentação sustentável disponível no local do festival pode ser agilizado através de preços reduzidos e, por exemplo, mapas/guias de pontos de venda de produtos ambientalmente amigáveis: o festival *Glastonbury* produziu um “*climate-friendly organic food guide*” (Parsons et al., 2012: 22).

Brindes e produtos de *merchandising* devem ser reconsiderados quanto ao seu material, à sua utilidade e duração do ciclo de vida (Dias, 2013: 65), como já abordado no subcapítulo “Gestão de Resíduos”.

De acordo com Martins et al. (2014: 44-45) os materiais (tanto de comunicação como de *merchadising*) devem:

- ser biodegradáveis, orgânicos, recicláveis e reutilizáveis;
- garantir o respeito dos Direitos Humanos e comércio justo, por exemplo, através da certificação AS 8000: Sistemas de Gestão da Responsabilidade Social;
- ter certificações como *Forest Stewardship Council, Program for Endorsement of Forest Certification, Ecolabel* ou outras equivalentes.

Seguindo as recomendações da *Julie’s Bicycle* para a gestão sustentável de *Major Outdoor Events*, é necessário:

- Para sinalização, evitar materiais de difícil reciclagem (como plástico, PVC ou poliestireno) ou que não possam ser usados em edições seguintes;
- utilizar tintas de origem vegetal ou de impressão de base aquosa;
- utilizar têxteis de origem orgânica e de comércio justo, com corantes naturais e/ou tintas de impressão de base aquosa.

Em Portugal, o Festival Andanças adotou o sistema por “carimbo” para substituir a habitual *t-shirt* de *merchandising*: começou por carimbar *t-shirts* de comércio justo, passando para serigrafia em peças de roupa própria de cada participante e posteriormente adotou o carimbo por estampagem. Complementando, a caneca Andanças não tem data, a fim de ser reutilizada de edição para edição (Martins et al., 2014: 47).

Os festivais são um meio eficaz para influenciar o público, sensibilizá-lo e provocar mudanças de atitude e comportamento. Ganham um enorme potencial educativo, ao acolher uma quantidade considerável de espectadores, colocando-os em conjunto no mesmo local por determinado período de tempo. Os comportamentos em coletivo têm sempre resultados mais eficazes e em maior escala. É uma oportunidade para sensibilizar e educar de forma não formal, incorporando hábitos sustentáveis no espectador que irá, conseqüentemente, levá-los para o seu

quotidiano. Assim, comunicar os esforços ambientais através da divulgação do festival permite envolver o público (satisfazendo as suas preferências e sensibilizando-o) e os parceiros (criando cada vez mais interesse na afiliação ao evento). A passagem da mensagem ecológica é tanto feita através de apresentações, conversas, *workshops*, conferências ou divulgação, como pela temática presente nas instalações ou alimentação fornecida no evento (Laing e Frost, 2010: 263). Sharpe (2008: 219) destaca a capacidade dos festivais para serem um veículo de mudança social.

O envolvimento de crianças é das mais eficazes formas de transmissão da mensagem ecológica e com resultados gratificantes. Envolver escolas ou grupos comunitários com ações ambientais no âmbito do festival (Brooks et al., 2007: 31), não só tem resultados evidentes no local, como confere uma componente educativa ao estimular comportamentos ecológicos nas camadas geracionais mais jovens.

Propor a artistas e convidados que promovam a consciência ecológica é também um motor para colaboração do público e de mudança de comportamentos (Brooks et al., 2007: 33). A programação do evento ganha valor se incluir momentos educativos, através de atividades na temática da sustentabilidade. Deste modo, são transmitidos conhecimentos e fornecidas ferramentas ao público, obtendo resultados práticos e evidentes.

## CAPÍTULO 4 – CASOS DE ESTUDO

### 4.1. Recolha de dados qualitativos

De modo a contribuir para o conhecimento sobre a gestão de sustentabilidade ambiental de festivais em Portugal, tomou-se como relevante a inclusão de três casos de estudo que de seguida serão aprofundados: Greenfest, Rodellus e Tradidanças. Foram analisados através de entrevistas semiestruturadas, sendo que das mesmas se entende quais as categorias da sustentabilidade ambiental com maior investimento, bem como detetadas as imprecisões de planeamento. Após a análise de conteúdo de cada um dos casos, é feito um levantamento de conclusões relevantes.

### 4.2. Greenfest

#### 4.2.1. Organização geral

Pedro Norton de Matos, entrevistado no âmbito do presente trabalho, é mentor do Greenfest. Como economista luta pelos valores da economia circular e dos três pilares da sustentabilidade. Dedicar-se à consultoria e formação, à certificação em mentoria e *coaching* para executivos, e leciona a unidade curricular de Empreendedorismo na Universidade Católica.

O Greenfest teve a sua primeira edição no ano de 2008 no Centro de Congressos do Estoril. Identifica-se como o “*maior movimento de sustentabilidade do país*”, no qual se “*celebra o que de melhor se faz nas vertentes Ambiental, Social, Económica e Cultural*”<sup>65</sup>. Desde 2018, através de uma parceria com a Câmara Municipal de Braga, passou a realizar-se também no Mosteiro de Tibães. Em 2019 alterou o local associado à Câmara Municipal de Cascais para a Faculdade Nova SBE<sup>66</sup>. No ano de 2020, devido à pandemia causada pelo vírus COVID-19, o festival, que estava agendado para maio, foi adiado para 25 a 27 de setembro (Mosteiro de Tibães) e 20 a 22 de novembro (Nova SBE).

Quanto à dimensão da equipa, Pedro Norton de Matos afirma ser “*variável*”, com uma “*base de 3 ou 4 pessoas*”, que vai crescendo à medida que se juntam voluntários e parceiros, tornando-se também possível com “*todas as ferramentas virtuais (...) ter uma equipa mais alargada*”. Relativamente aos bilhetes do evento, diz já terem “*experimentado várias modalidades*”; sendo que as entradas foram gratuitas em 2019, devido à vontade de dinamizar

---

<sup>65</sup>Disponível em: <https://www.greenfest.pt/>, consultado a 23 de agosto de 2020.

<sup>66</sup>Disponível em: <https://www2.novasbe.unl.pt/pt/>, consultado a 23 de agosto de 2020.

o Mosteiro de Tibães e envolver os alunos da Nova SBE; Pedro Norton de Matos assegura que o festival “*tem o seu ADN nestes locais*”.

A temática do festival é variada, procuram “*servir diferentes públicos, (...) diferentes grupos etários e grupos de interesse*” através de formatos como tertúlias, palestras, conferências, *world café*, *workshops*, *pitches*, música, peças de teatro, *stand up comedy*, atividades ligadas à saúde e bem-estar (desporto, dança, *mindfulness*). Pedro Norton de Matos declara não ser uma “*entidade certificadora*”, procurando sempre “*conteúdos que se adequam ao festival*” e evitando veementemente *greenwashing* e *social washing*. Para a edição deste ano o Greenfest prepara uma “*hibridização do evento físico e digital*” (motivado pelas restrições associadas à pandemia), para a qual o entrevistado declara que conseguirá “*o melhor dos dois mundos, o físico que é insubstituível, o digital que não tem quase pegada ecológica*”.

O mentor do festival considera de extrema importância existir um planeamento de todos os passos a dar, “*perceber a sequência e consequência*”. Assim, incorpora na produção do Greenfest diretrizes de sustentabilidade: “*procuramos ter menor impacto possível, medimos esses objetivos (...), aliás, no apoio que tivemos do fundo ambiental, eles próprios fizeram auditoria e avaliação, e ficaram admirados com o pouco lixo que tínhamos feito*”.

#### **4.2.2. Transportes**

No âmbito do transporte de público, o Greenfest faz parceria com os Comboios de Portugal (CP), “*tanto na linha Norte, como na de Cascais*”. Para além disso, os Transportes Urbanos de Braga (TUB) criam, durante o evento no Mosteiro de Tibães, um *shuttle* que parte “*desde a estação, passa pela universidade, pelo centro da cidade e vem até Tibães*”. Naturalmente, há participantes que se deslocam de carro e, por isso, a equipa do festival preocupa-se em incentivar nos seus meios de comunicação ao *car sharing*, à bicicleta, ou outros transportes ambientalmente amigáveis.

Mais uma vez, a hibridização do evento trará, certamente, benefícios no que toca à intervenção de convidados estrangeiros, “*poupando nas viagens de avião, diminuindo a pegada ecológica do festival*”. Pedro Norton de Matos referiu que será possível incorporar na plataforma *online* participantes que se encontrem fora do país: “*desta readaptação podem nascer conteúdos mais ricos*”.

### 4.2.3. Local, comunidade e estruturas

Um dos objetivos para o futuro do festival comunicados por Pedro Norton de Matos durante a entrevista é passar de *“evento a movimento (...) ter sinergias entre os dois eventos, ser algo mais continuado”*, pluralizando a zona Norte e Sul do país, para além da hibridização que já está a ser preparada. Afirmou, ainda, que *“quer na Nova SBE, quer no Mosteiro de Tibães, os espaços estão a (seu) favor”*.

Começou por especificar o caso do Mosteiro de Tibães, confirmando que têm possibilidade de fazer um evento com um *“forte componente exterior”* e passou a explicar o contexto histórico do local: *“O Mosteiro tem uma história simbólica, era da ordem Beneditina. Na sua época áurea, entre Portugal e o Brasil era o mosteiro ‘mãe’. Os monges eram praticantes da economia circular, no próprio desenho e circuito. Por exemplo da cozinha, por inclinação, todos os desperdícios alimentares iam por um canal, serviam de alimento aos animais e para fazer composto para as hortas”*. É um espaço museológico com *“preocupação com a sustentabilidade”* e já com determinadas regras para *“não gerar resíduos”*, por exemplo. O mentor do evento reforça que *“no Mosteiro há toda uma alma de sustentabilidade já impregnada nas paredes. É uma responsabilidade acrescida, mas é muito natural num local como este, que convida à preservação da natureza, por terem também um enorme espaço verde de 40 hectares”*.

A Nova SBE, escolhida como espaço para o festival em conjunto com a Câmara Municipal de Cascais (coorganizadora), é a faculdade mais recente do país e *“tratando-se de um projeto novo, a faculdade procurou implementar princípios de sustentabilidade na sua construção e funcionamento”*.

O envolvimento da comunidade por parte do Greenfest acontece em vários níveis, como com a participação de escolas, por exemplo a Escola de Hotelaria do Estoril e a Profitecla que acompanham o trabalho audiovisual e/ou de acreditação, dando-lhes uma *“experiência que lhes é útil para a vida profissional”*.

Realiza programas de voluntariado que permitem a participação de comunidades locais ou outras interessadas. No caso de Braga, o mentor explicou que juntam *“todas as comunidades em associações de migrantes, convidando-os para trazerem música, artesanato (...), também com os lares locais”*.

Sendo um festival que acontece em centros urbanos, as questões de alojamento não se colocam da mesma forma que se colocariam num evento em ambiente rural. Os casos em que é necessário alojamento são bastante pontuais e, normalmente, são feitas parcerias com hotéis ou pousadas da juventude.

É frequente a reutilização de materiais para decoração, por exemplo. O mentor adiantou que através de parceiros lhes são emprestados “cenários”: “*cartões canelados, tubos (...), bobinas de fibra ótica ou cabos elétricos, bancos de cortiça, separadores*”. Para além disso, o material que utilizam pode ser também emprestado a outros projetos.

Pedro Norton de Matos referiu a utilização de 100 bancas de madeira certificada que utilizam todos os anos, acrescentando que “*já ultrapassam a vida de um gato (...), procuramos muito este tipo de relação com os materiais e recomendamos também aos nossos expositores essa reutilização e que, por exemplo, não tragam plástico*”. Usam, também, produtos naturais que são a “assinatura” do evento, como plantas emprestadas e relva natural reutilizável.

Ao questionar o mentor acerca dos materiais de escritório, informou que não possuem um espaço próprio: “*trabalhamos virtualmente, em espaços de ‘cowork’, às vezes em espaços de parceiros*”.

#### **4.2.4. Gestão de resíduos**

A filosofia do festival é sempre, afirma o entrevistado, a de deixar o local como foi encontrado. Deste modo, utilizam materiais reutilizáveis ou compostáveis, como talheres, copos, decoração, entre outros. Todos os resíduos são devidamente reciclados; no entanto, Pedro Norton de Matos reforça que estes praticamente não existem no fim do festival: “*temos essa preocupação*”.

Alargam essa sensibilização à escolha dos materiais por parte dos parceiros. O público age consoante o ambiente que o envolve: através de sinalização apropriada e boas práticas frequentes e visíveis, as atitudes contagiam-se. O mentor informou que, com o apoio do Fundo Ambiental (“Sê-lo Verde”), a avaliação final concluiu que a gestão dos resíduos é efetivamente cuidada.

#### **4.2.5. Alimentação**

O Greenfest tem contacto direto com temas como o bem-estar e a nutrição. As suas demonstrações (os denominados *show cooking*) e as suas instalações alimentares respeitam os princípios da alimentação saudável e variada. Têm as cozinhas vegan e vegetariana representadas. No entanto, Pedro Norton de Matos elucidou que não são “*fundamentalistas*” nem “*entidade certificadora*”, mas têm “*bom senso na oferta*” e evitam quando surjam propostas que “*vão contra os valores sustentáveis*”.

O caso da Nova SBE apresenta já algumas soluções de concessionários para refeições com uma oferta diversificada. Deste modo, “*nas últimas duas edições na Nova, o ‘catering’ foi das entidades que já lá estavam*”, sendo que a equipa do Greenfest trabalhou para que esses concessionários “*fizessem a ponte com as entidades que fazem recolha de alimentos*” e que “*não usassem plástico, pelo menos durante o festival*”. No caso do Mosteiro de Tibães, as duas *roulottes* que se encarregaram da alimentação tinham já uma grande relação com a sustentabilidade, tanto no âmbito da variedade da oferta, como no controlo de desperdícios.

#### **4.2.6. Água e saneamento**

A venda de garrafas de água em recipientes de plástico foi abolida do festival, contando com parceiros que disponibilizam garrafas de vidro. Os dispensadores de água estão também distribuídos pelos espaços. No que toca a cuidados sanitários, o festival tem pouco controlo, dado que se realiza em espaços que já têm essas instalações.

#### **4.2.7. Comunicação e educação**

Pedro Norton de Matos declarou procurar “*ativamente o ‘feedback’ do público e dos parceiros*”, criando-se assim uma melhoria constante de edição para edição. Elaboram um manual do expositor com um “*conjunto de boas práticas, em que se dão algumas dicas e orientações, como se deve estar presente com a menor pegada possível*”, apelando muito à redução, responsabilidade e reutilização. Entende-se uma relação próxima da organização do festival com os seus participantes, a transmissão das preocupações ecológicas e dos valores associados.

O *merchandising* que têm é “*fundamentalmente dos parceiros*”. Visto que a marca Greenfest já tem algum reconhecimento, nunca sentiram necessidade de explorar esse aspeto mais comercial. O entrevistado acrescenta: “*Uma coisa é certa, tudo o que possamos vir a fazer terá sempre uma mensagem forte, nunca será algo de usar e deitar fora, terá sempre utilidade e um ciclo de vida duradouro*”.

Posicionam a sua divulgação essencialmente em *outdoors* e múpis disponibilizados pelas Câmaras Municipais com as quais colaboram. Têm deixado de investir em materiais físicos de comunicação, motivados por questões ecológicas e económicas, mas também por uma razão interessante, como refere Pedro Norton de Matos: “*Temos uma rede de embaixadores, pessoas que pela sua notoriedade e vivência, que defendem os valores da sustentabilidade, muitas vezes*

*quando falam ou recomendam o festival acabam por ser os melhores prescritores, têm credibilidade e é um trabalho natural”.*

O Greenfest tem um forte pendor educativo, não só de sensibilização, como também de ação; promovem-no através das suas atividades, sendo uma *“plataforma que se baseia nesses princípios, partilhando boas práticas, inspirando”*. Têm uma atitude pedagógica com os parceiros, recomendando que tragam materiais *“didáticos, lúdicos e reutilizáveis”*. A sensibilização passa também para os visitantes, os quais são variáveis: *“um misto entre famílias (aos fins de semana) e empresas e escolas (aos dias de semana)”*. As suas atividades diversas transmitem a mensagem sustentável para o público, *“com particular atenção ao mais jovem”*.

Têm espaços que promovem a partilha de ideias e projetos inovadores na área da sustentabilidade, o festival acaba por ser uma plataforma: *“Por exemplo, o ‘GreenTrends’ consiste em 1 hora de ‘pitches’ (de 7 ou 8 minutos) de oradores, que vêm falar de tendências ‘green’, dando a conhecer projetos, com conteúdos muito ricos. O mérito de um festival é organizar conteúdos relevantes que estão dispersos pelo país para diferentes públicos. Contribui para a cultura da sustentabilidade, das boas práticas, também o facto de se criarem muitas parcerias que resultam de conhecimentos feitos através de eventos.”*

Pedro Norton de Matos terminou a entrevista declarando: *“Fomos adaptando e sendo mais coerentes, percorrendo o caminho e avançando, procuramos não ter contradições na forma de estar”*.

### **4.3. Rodellus**

#### **4.3.1. Organização geral**

Hernâni Silva, entrevistado para a presente dissertação, faz parte da equipa de produção do festival Rodellus, que acontece em Ruilhe (Braga) pela associação sem fins lucrativos Rodellus. O festival e a associação regem-se pelo lema *“Sem Medo do Campo”*. A dimensão da equipa é de cerca de 20 pessoas, 13 das quais fazem parte dos órgãos sociais da associação.

Essencialmente, investem num cartaz com bandas de *rock*. Organizam concertos à tarde (das 15h às 18h) e à noite (das 21h às 4h/5h), com bilhetes diários a 12€ e passes gerais a 20€. É um evento anual no penúltimo fim de semana de julho e prolonga-se por 3 dias. A primeira edição data de 2015, este ano preparavam-se para a sexta edição; porém, dadas as circunstâncias criadas pela pandemia, foi adiado para 2021.

Por dois anos consecutivos (2019 e 2020) foram nomeados para o prémio *Best Contribution to Sustainability* pelo *Iberian Festival Awards*. Ultimamente tiveram apoio do Fundo Ambiental no âmbito do programa “Sê-lo Verde”. Com este apoio têm várias metas a cumprir, “*como a pegada carbónica*”. Procuram e delinham estratégias, toda a equipa contribui para a gestão da sustentabilidade do evento, como afirma o entrevistado: “*todos temos ideias e enquadrámos no festival*”.

#### **4.3.2. Transportes**

Para além de uma parceria com a CP, na qual se reduzem preços, Hernâni Silva informou que têm também uma parceria com os TUB e que já tiveram com uma aplicação de boleias. Existe uma estação de comboio a 100 metros de distância do recinto, facilitando bastante o transporte dos participantes: “*Infelizmente, ainda há muita gente a vir de carro*”. Com o objetivo de sensibilizar, fazem diversas publicações nos meios de comunicação, incentivando a utilização de transportes públicos “*pela questão ecológica e também pelas parcerias*”. À noite, para transportar campistas para o parque, o festival disponibiliza *transfers* coletivos.

#### **4.3.2. Local, comunidade e estruturas**

Com capacidade máxima para 2.000 pessoas, o festival acontece num local “*completamente rural, numa aldeia a 12km de Braga*”. A associação recuperou um terreno abandonado, o qual vão aumentando de edição para edição, reabilitando o seu ecossistema.

De modo a envolver a comunidade local, beneficiando ambas as partes, o Rodellus realiza programas de voluntariado, nos quais as populações das freguesias próximas participam. Associam-se, também, a Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), às quais doam alguns produtos.

O festival inclui um parque de campismo ocasional montado propositadamente para alojar o público que pretenda acampar, usufruindo das instalações (como balneários) de um campo de futebol. Segundo o entrevistado, é a uma curta distância do recinto e, como já referido, a organização disponibiliza um *transfer* noturno para que a deslocação seja facilitada.

Hernâni Silva deixou claro que os materiais e estruturas que utilizam são sempre reutilizados: “*os palcos são móveis e montados todos os anos, (...) as vedações são em madeira, tiramos num ano e no ano seguinte usamos de novo*”. Usam o que podem para decoração, “*tecidos, pneus de bicicleta e de carro*”.

O entrevistado partilhou um facto interessante, do qual se entende que se a decoração não for reutilizável, é biodegradável: “*Por exemplo, há dois anos, a entrada do festival era vedada a feijão-verde*”. Desta decoração original foram colhidos centenas de quilos.

#### **4.3.3. Gestão de resíduos**

A sinalização para a separação de resíduos está devidamente colocada e visível, afirma o entrevistado, “*é um dos requisitos do ‘Sê-lo Verde’*”. Utilizam o EcoCopo, que Hernâni Silva elogiou ativamente, partilhando que “*a diferença é incrível*” em termos de resíduos que ficam no recinto. Confessou ter prescindido dos serviços de recolha de resíduos de Braga, visto não haver necessidade para tal – a equipa encarrega-se da limpeza com facilidade.

#### **4.3.4. Alimentação**

O festival possui uma horta comunitária biológica no interior do recinto, cujos produtos têm vários destinos, como as IPSS, a alimentação dos artistas, equipa e voluntários: “*claro que os festivaleiros vão passando e vão levando alguma coisa*”.

Um dos lemas do Rodellus é “*trazer correntes urbanas para o campo*”. Colaboram com bancas de *street food*, sempre incluindo, porém, algum serviço local: “*a pegada nestas situações é quase nula*”. Têm a preocupação de que uma das bancas, no mínimo, tenha opções vegan e vegetarianas.

#### **4.3.5. Água e saneamento**

A incorporação de casas de banho de composto orgânico foi outra das afiliações ambientalmente favoráveis do festival, tendo o entrevistado acrescentado que “*faz toda a diferença, em termos de limpeza e de higiene*”. Além disso, o local do evento possui um “*ponto de água potável de nascente*” do qual usufruem, pelo que não existe necessidade de instalação ou contratação de serviços exteriores para esse fim.

#### **4.3.6. Comunicação e educação**

De acordo com o produtor, é feito trabalho de sensibilização através dos meios de comunicação, com o objetivo de o festivaleiro “*ser o mais ecológico possível*”. No parque de campismo colocam várias sinaléticas informativas com o mesmo propósito.

Quanto a materiais físicos de divulgação, Hernâni Silva afirma ainda ter que os produzir, infelizmente, como *flyers* em papel. Embora procurem que essa comunicação seja posicionada em mûpis e *outdoors*, dentro do recinto do festival não existem esse tipo de materiais, “*é biodegradável ao máximo*”. O *merchadising* é algo em que não colocam grande investimento, declarou o entrevistado, não indo além da produção de *t-shirts* para venda.

As atividades educativas são uma área em que o evento ainda não teve oportunidade de investir; porém, tenciona percorrer esse caminho: “*durante os dias de festival tentamos sempre ter um ‘workshop’ de agricultura, mas ainda não conseguimos, está nas nossas mentes; este ano tencionávamos projetar filmes*”. Contudo, durante o ano, a Associação Rodellus, realiza atividades com crianças, por exemplo, de reflorestação.

“*Ainda estamos a crescer (...), aos poucos estamos cada vez mais ecológicos*”, declarou Hernâni Silva.

#### **4.4. Tradidanças**

##### **4.4.1. Organização geral**

Filipa Pereira, entrevistada no âmbito do presente trabalho, pertence à Associação Turística e Agrícola da Serra da Arada (ATASA) e é a principal produtora do festival Tradidanças: “*nas semanas anteriores ao evento inicia-se um envolvimento de mais pessoas em algumas matérias*”. É um festival recente, tendo registado a sua primeira edição em 2017 e apenas em 2018 se passou a focar nas tradições (com maior dedicação à dança). Durante 4 dias, que este ano iriam passar a 5 (foi adiado para 2021 devido à pandemia), as principais atividades do evento são: oficinas de dança, bailes, laboratório da tradição, conversas de balneário, concertos, viagens de tradição e natureza, Espaço Lúdico-Intergeracional (ELI), oficinas de instrumentos musicais, artes de rua, gastronomia local e vegetariana, feira de artesãos, relaxamentos e oficinas de desenvolvimento pessoal<sup>67</sup>. No palco principal, Palco Serra, por volta das 22h sobe um artista/banda todas as noites. A par, existem as tendas de baile, nas quais à tarde são realizadas oficinas de dança e à noite os diferentes grupos atuam alternadamente.

Em 2019 conseguiram a aprovação do “Sê-lo Verde”, depois de uma tentativa em 2018 para um apoio de uso eficiente de água. Assim, o ano passado puderam colocar em prática muitas das suas ideias. Sendo Filipa Pereira, praticamente, o único membro da equipa a tempo inteiro, o planeamento de gestão sustentável do evento é feito com ajuda de elementos externos:

---

<sup>67</sup>Disponível em: <http://www.tradidancas.pt/>, consultado a 25 de agosto de 2020.

*“acaba por ser um festival de relações familiares, uma vez que ainda não temos sustentabilidade financeira”*. Todo o planeamento tem sido feito no âmbito do Fundo Ambiental, visto ainda não terem tido disponibilidade para *“crescer de forma mais autónoma”*.

A entrada no festival é repartida em diversos valores: bilhetes diários (varia consoante o dia da semana) e gerais (varia consoante o momento da compra); preço para jovem e adulto; valor para residentes locais (município de S. Pedro do Sul e sócios da ATASA), para parceiros (municípios de Lafões, território das Montanhas Mágicas<sup>68</sup> e entidades parceiras) e público geral. Assim, os bilhetes gerais variam entre 15€ e 50€, e os diários entre 6€ e 14€.

#### **4.4.2. Transportes**

O transporte até S. Pedro do Sul pode ser feito através de Rede Expressos e é essencialmente assim que o público se desloca até ao local, embora ainda haja uma parte que escolhe o automóvel. A organização do festival disponibiliza *transfers* que vão até Carvalhais, passando por termas locais: *“uma rede de transporte que acontece naqueles dias e nos anteriores ao evento para dar resposta à fluência de público”*.

Filipa Pereira revelou que para a edição de 2020 tinham preparado um conjunto de informação para colocar no *site*, que mostrasse os meios de transporte do mais ecológico para o menos: *“para promover que as pessoas usassem os transportes mais sustentáveis”*.

Dada a ligação com o Festival Andanças, a entrevistada transmitiu terem *“herdado”* alguns elementos do mesmo. Um deles foi um grupo de pessoas interessadas em chegar ao festival de bicicleta (que no Andanças se deu o nome de *“Pedalanças”*), assim, entraram em contacto e a organização do evento criou um apoio semelhante: os *“Tradipedalanças”*, disponibilizando *“estruturas e uma redução do preço, para promover a vinda nesse formato”*.

#### **4.4.3. Local, comunidade e estruturas**

Carvalhais é um local de ambiente rural; no entanto, o espaço onde grande parte do evento se realiza é um campo de futebol. Em média, o festival acolhe cerca entre 4.500 e 5.000 pessoas por dia.

O Festival Tradidanças tem um impacte ativo na comunidade local e no território que o envolve. A entrevistada afirma que *“quando as pessoas vêm para o festival, sabem que à volta do evento existem sítios naturais, com cascatas e piscinas, que são muito típicas da região”*.

---

<sup>68</sup>Disponível em: <http://montanhasmagicas.pt/pt/>, consultado a 25 de agosto de 2020.

Os conhecidos “*poços*”, “*grandes lagoas frescas*”, são bastante dinamizados pelo evento. Na zona de Carvalhais, o único que existe tem o nome de Pregão do Sino. Entende-se que “*associada ao evento está sempre a paisagem e todo o território*”, sendo muito frequente o público visitar outros locais, alargando a estadia “*para usufruir das aldeias*”.

Os programas de voluntariado permitem que haja também envolvimento da população. Embora seja aberto a qualquer pessoa, são os “*jovens locais*” que mais aderem. Por conhecerem bem o território, é possível orientar e encaminhar o público para as zonas mais interessantes da região.

Filipa Pereira reforçou que o festival tem “*uma vertente muito ligada às tradições*”. Explicou que nas manhãs do evento organizam viagens de autocarro para levar espectadores a conhecer determinados pontos do território: “*a ideia é que se promova a visita a lugares que se podem visitar noutras alturas do ano, tentamos sempre envolver as pessoas do território no festival*”. A comunidade participa ativamente, tanto nestas viagens como, por exemplo, na restauração: “*quer por serem agricultores, quer por fazerem broa tradicional, vamos ‘vendendo’ as cidades*”.

O evento disponibiliza parque de campismo para os espectadores que possuem bilhete geral, dividido em: zona para caravanas, campismo geral e silencioso. A produtora indicou que “*é algo que existe desde o Andanças*”, com instalações sanitárias permanentes. Não existe necessidade de transportes, visto ser muito perto do recinto.

A produtora pretende que os materiais utilizados durante o festival sejam reutilizados sempre. O palco (utilizado no Palco Serra) pertence ao município e é propositadamente montado para o evento. As tendas anteriormente referidas, para oficinas e bailes, e os estrados que se colocam no interior das mesmas, são alugados. A decoração variada, na qual se incluem “*painéis grandes*” que são guardados em espaços na Junta de Freguesia e utilizados todos os anos.

#### **4.4.4. Gestão de resíduos**

Por ser um festival recente, a entrevistada mencionou algumas falhas relacionadas com a gestão de resíduos, que ainda não foram resolvidas por completo. Uma delas deveu-se à falta de cinzeiros na edição de 2018, que, entretanto, foi já solucionada: “*fizeram-nos uma crítica e nós emendámos, vamos fazendo sempre um ajuste consoante o que identificamos e o que o público nos diz*”.

Outro dos lapsos ocorreu com a “*recolha seletiva dos resíduos*”, Filipa Pereira transmitiu que houve um atraso na mesma e que se criou alguma acumulação de resíduos junto aos seus contentores. Posto isto, a equipa equaciona ter um veículo elétrico para transporte dos desperdícios: “*portanto, estamos a lidar com dificuldades associadas às práticas que um festival exige, que ainda não estão tão implementadas nem têm uma resposta tão imediata, porque precisamos de trabalhar ainda*”.

Por não venderem garrafas de água e copos de plásticos descartáveis, conseguem ter algum controlo sobre a quantidade de resíduos gerados.

#### **4.4.5. Alimentação**

O Festival Tradanças acolhe no seu recinto “*restaurantes e tasquinhas*”. Os primeiros precisam de instalações para preparar refeições no local e os segundos levam os produtos confeccionados. Filipa Pereira mostrou que tenta sempre “*ter uma diversidade grande*” e que têm “*público com muito interesse em comida vegetariana e vegan*”.

Como é perceptível em outras ramificações do evento, a oferta regional é sempre valorizada. O mesmo se verifica com a alimentação, há “*mais interesse em restaurantes de confeção regional*”. Porém, na maioria das vezes, os estabelecimentos da região não têm estruturas preparadas para recintos deste tipo e, assim, o evento partilha nos seus meios de comunicação a localização dos espaços. Para além disso, têm também uma série de *roulottes* diversificadas de cozinha internacional. A entrevistada declara: “*é muito difícil perceber a quantidade de restauração que podemos deixar entrar para que seja interessante ao negócio, ainda estamos no processo de encontrar este equilíbrio*”.

A ATASA tem o seu próprio espaço de cozinha regional e, adicionalmente, existe uma cantina (numa escola profissional junto ao recinto), no qual se disponibilizam refeições “*não só para artistas e voluntários, mas também para o público*”. Filipa Pereira procura que todos os produtos utilizados nestes espaços sejam de produtores locais e biológicos. A entrevistada explicou que fizeram já uma colaboração entre os espaços alimentares e uma associação de produtos biológicos de S. Pedro do Sul.

Quanto à gestão dos desperdícios alimentares, “*é um passo ainda por dar*”. Fazem a recolha das sobras “*de preparação e pós-refeição*”, colocando-os num contentor específico para compostagem, “*mas não houve medição de quantidades*”.

#### **4.4.6. Água e saneamento**

Através do “Sê-lo Verde”, instalaram no recinto e na zona de campismo “*um ponto de distribuição de água por cada 800 pessoas*”. As instalações sanitárias utilizadas pertencem ao campo de futebol e ao parque de campismo e, estando já instaladas, o festival ainda não sentiu necessidade de recorrer a casas de banho secas.

#### **4.4.7. Comunicação e educação**

O programa do festival é sempre impresso em formato físico, em formato mapa desdobrável. Filipa Pereira sente que ainda não é possível investir em programas totalmente digitais: “*nos dias do festival o público quer desligar-se do telemóvel*”. Fazem impressão de alguns outdoors e múpis, para ajudar “*a divulgação por outras zonas do país*”.

Têm as típicas canecas (muito frequentes no festival *Andanças*), que acabam por funcionar também como material de *merchadising*. Além disso, vendem *t-shirts* e chapéus.

Promovem sempre o *feedback* dos participantes, deixam o contacto para sugestões e comentários “*no sentido de dar resposta*”, sendo também algo que as partes envolvidas fazem naturalmente.

Faz parte da programação do festival integrar atividades ao longo de toda a tarde, desde as oficinas de dança às conversas de balneário. Têm o espaço ELI, dedicado essencialmente a crianças, com uma oferta cultural variada.

Realizam oficinas com temáticas ligadas à sustentabilidade: “*compostagem, permacultura, culinária vegetariana*”. As conversas de balneário, referidas anteriormente, consistem em “*apresentações e conversas*” sobre “*arqueologia, botânica, agricultura biológica, entre outros*”, num espaço com possibilidade de projeção. Deste modo, a sensibilização acontece tanto no campo teórico, através da transmissão de conhecimentos relacionados com a sustentabilidade ambiental, como no domínio prático, fornecendo ferramentas aos participantes para a aplicação dessas aprendizagens em outros momentos do quotidiano.

### **4.5. Discussão dos resultados**

A análise incide sobre três festivais portugueses com marcadas diferenças entre si. O Greenfest concentra-se na divulgação de projetos de cariz sustentável, ocorrendo em envolventes urbanas, incorpora na sua programação uma vertente educativa: este ano enfatiza a questão da *Retoma Sustentável no Pós-Pandemia*. O Rodellus, festival de música em contexto rural, caracteriza-se

pela convivência direta com a natureza e a aplicação de processos de gestão ambientalmente sustentável no seu funcionamento. O Tradidanças, assente nas danças tradicionais, funde-se inteiramente com a comunidade que o envolve e promove a oferta da mesma, que é marcada pelos seus recursos biológicos (São Pedro do Sul foi recentemente considerada Bio Região<sup>69</sup>).

Tendo como fundamento a teoria desenvolvida no presente trabalho, a esta adicionando as três diferentes entidades e as respetivas entrevistas, pretende-se analisar os desafios enfrentados no percurso para a gestão sustentável dos festivais, e explorar as prioridades e adversidades reveladas pelo discurso dos entrevistados.

Tal como ficou explícito na presente dissertação, as parcerias têm grande relevância na gestão sustentável. É comum aos três casos de estudo a colaboração com redes de transporte público, com o objetivo de disponibilizar hipóteses de deslocação mais ecológicas (CP, TUB e Rede Expressos). Com o propósito de sensibilização, o público é incentivado nos meios de comunicação (essencialmente redes sociais e *sites*) a optar pelo *car sharing*, a bicicleta, o comboio. Denotou-se pelo discurso dos entrevistados a dificuldade no controlo das escolhas dos espectadores neste aspeto. Grande parte do público desloca-se no seu veículo próprio por comodidade e conveniência, sendo assim destacada a importância de fazer chegar informação sobre práticas ecológicas que os participantes devem adotar.

Relativamente aos locais escolhidos para a realização dos eventos, evidenciam-se dois aspetos. O primeiro, bastante claro no Greenfest, consiste no posicionamento do festival em locais com princípios de sustentabilidade implementados (caso da Nova SBE) ou com histórico de valores sustentáveis (caso do Mosteiro de Tibães). O segundo aspeto assenta no investimento e na valorização da área envolvente que, no Tradidanças se apresenta como um projeto mais abrangente de fomento do território e da comunidade, e que, no Rodellus se manifesta como reabilitação de um terreno abandonado e o respetivo ecossistema.

Os programas de voluntariado são transversais aos três festivais. No caso particular do Tradidanças, que aproveita o conhecimento da população local sobre a região, a envolvente territorial é intensamente explorada. Deste modo, é possível potenciar os três pilares da sustentabilidade: social, ao integrar a comunidade na realização do evento; ambiental, ao advertir para a preservação da natureza; económico, ao dinamizar o comércio local. Em zonas urbanas, como acontece com o Greenfest, o envolvimento comunitário torna-se menos evidente e, talvez, menos prioritário.

---

<sup>69</sup>Disponível em: <http://www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=400>, consultado a 14 de setembro de 2020.

A reutilização de estruturas e materiais é um processo indubitável. Este é, de facto, cumprido pelos casos estudados:

1. Através da colaboração com outras entidades, com alugueres, empréstimos e doações. O Greenfest faz esta gestão com os seus parceiros ao partilhar cenários; para além dos próprios expositores trazerem os seus materiais decorativos, aos quais o produtor remete um manual do expositor, com *“um conjunto de boas práticas, em que se dão algumas dicas e orientações, como se deve estar presente com a menor pegada possível”*. No que respeita às estruturas utilizadas para os palcos, por exemplo, o Tradidanças recorre ao município, que faz a montagem todos os anos.

2. Recorrendo ao armazenamento para posterior utilização. No caso do Rodellus, os palcos e vedações, são reutilizados de edição para edição; no Tradidanças, tendas, estrados, painéis, todos os materiais são guardados; no Greenfest as bancas de madeira *“já ultrapassam a vida de um gato”*.

3. Com criatividade. Bastante característico do Rodellus, os materiais decorativos são já reutilizados (como tecidos e pneus) ou até comestíveis (como a vedação de feijão-verde).

As questões de alojamento adquirem mais relevância em festivais com zonas de campismo, como acontece com o Rodellus e o Tradidanças. O espaço dedicado aos campistas redobra a atenção dos organizadores, na medida em que também devem ser aplicadas medidas ambientalmente favoráveis, nomeadamente através de sinalização que sensibilize os comportamentos do público, que influencie os materiais utilizados pelos campistas, entre outros cuidados a ter com o meio natural envolvente.

Transversalmente aos três casos de estudo, entendeu-se que a utilização do EcoCopo ou da caneca (no caso do Tradidanças) é um passo essencial no controlo de resíduos: todos os entrevistados mostraram a sua satisfação com esta opção, bem como enaltecem o facto de não venderem garrafas de água de plástico descartável no recinto. No final do festival, a diferença é muito visível. A correta sinalização da reciclagem foi também indicada como um aspeto eficaz na gestão de resíduos; porém, foi manifestada maior dificuldade na recolha dos resíduos, nomeadamente pela produtora do Tradidanças, que considerou esse processo logisticamente mais exigente.

A alimentação integrada nos festivais passa uma parte significativa da mensagem, valores e objetivos da entidade organizadora. Cabe aos gestores a escolha da inclusão ou criação de negócios alimentares com princípios ecológicos, sustentáveis e locais. Não obstante, por vezes essa seleção pode enfrentar desafios relacionados com o poder de compra do público ou com o próprio orçamento do evento. Hernâni Silva, no Rodellus, soluciona as refeições da equipa e

outros participantes (incluindo doações a IPSS) através da horta comunitária, enquadrando a agricultura biológica no recinto.

É imperativo defender os valores da sustentabilidade e disponibilizar uma oferta variada. Pedro Norton de Matos afirma ter “*bom senso na oferta*”, mas não ser “*entidade certificadora*”.

Promover a oferta local contribui diretamente para o pilar social da sustentabilidade. Todavia, favorece o pilar ambiental ao reduzir deslocamentos e ao usar produtos biológicos (usualmente quando se recorre a pequenos agricultores/fornecedores). Posto isto, o Tradidanças denota bastante investimento na alimentação regional, incluindo-os no recinto do evento ou divulgando a sua localização original.

Hernâni Silva, para além dos elogios ao EcoCopo, evidenciou agrado pelos resultados da implementação de casas de banho secas. Os outros dois casos acontecem em recintos com instalações e, por isso, apesar de implicar pouco controlo sobre as mesmas, não sentiram ainda necessidade de aderir aos sanitários orgânicos.

Conjuntamente, o papel da comunicação no sucesso da sensibilização do público passa por vários níveis:

1. A divulgação de boas práticas, dos valores da sustentabilidade, nos meios digitais. Pode dar-se o exemplo do manual do expositor do Greenfest ou da sua assídua comunicação de projetos de cariz sustentável nas redes sociais.

2. A gestão da comunicação física. Reconhece-se a inviabilidade de prescindir dos materiais físicos de divulgação, podendo prejudicar a visibilidade e alcance do evento. Por conseguinte, é importante investir no posicionamento estratégico, recorrendo a *outdoors* e múpis (os três casos estudados recorrem a este método). O Greenfest, como já falado, tem uma rede de embaixadores que divulgam naturalmente o festival através da palavra; Pedro Norton de Matos afirma ser uma das estratégias de divulgação e fidelização de público. Inversamente, o Tradidanças e o Rodellus sentem ainda necessidade de ter materiais físicos (como *flyers* e programas) que facilitem a captação e circulação de espectadores.

3. O *merchadising*. É preferencial que os produtos vendidos ou oferecidos com o objetivo de publicitar a imagem de um festival tenham um ciclo de vida longo e não sejam descartáveis.

4. Comunicar por sinalização e avisos sensibilizadores no recinto e nas zonas de campismo. Os materiais dentro do espaço do festival devem transmitir preocupações ecológicas ou, como no caso do Rodellus, ser “*biodegradável ao máximo*”; isto é, a inexistência de materiais também passa uma determinada mensagem. Ainda no âmbito da comunicação com os participantes, a disponibilização de canais para *feedback* são um passo significativo na progressiva melhoria das práticas do evento.

O caráter educativo é dos que marca mais acentuadamente o impacto de um evento numa comunidade, determinado grupo ou indivíduo. O conhecimento em matérias de sustentabilidade ambiental pode ser transmitido de várias formas, desde os *workshops* às conversas. Potenciar e divulgar projetos ecológicos, como é hábito do Greenfest, traz soluções para o quotidiano do espectador, apresenta possibilidades de consumo sustentáveis que, eventualmente, fossem mais difíceis de tomar conhecimento.

Interagir diretamente com a natureza é também uma via eficaz para transmitir ferramentas e conhecimento aos participantes, contribuindo para a sua relação com o meio natural. O Rodellus pretende integrar na sua programação atividades deste tipo, tendo já realizado durante o ano ações de reflorestação, e visto já terem material para essas dinâmicas: a horta comunitária. Neste âmbito, o Tradidanças incorpora oficinas ligadas a métodos agrícolas ecológicos.

Em tom de conclusão, pelos dados retirados das entrevistas e respetiva análise, é perceptível que a gestão ambiental sustentável de um festival, sendo em ambiente urbano ou rural:

1. É um processo longo, no qual se enfrentam obstáculos de várias naturezas, obrigando ao replaneamento de estratégias.
2. Não se dissocia da gestão da sustentabilidade económica e social, visto ser necessário investimento financeiro em métodos mais ecológicos de organização e realização, e também um enquadramento e envolvimento adequado no contexto social em que se insere o festival.



## CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou investigar a gestão de sustentabilidade ambiental associada a festivais. Seguindo os objetivos delineados no início da dissertação, foram reunidos aspetos conclusivos de particular interesse, que deixam espaço para futuras questões de investigação.

Um dos primeiros aspetos que o estudo levantou foi a incapacidade de aprofundar cada uma das componentes da sustentabilidade que causam impactos: os transportes; o local e a comunidade; a gestão de resíduos; a alimentação; as parcerias e cooperação; a água e saneamento; a gestão de energia e as emissões de gases com efeito de estufa; a divulgação, os materiais de comunicação e a transmissão da mensagem ecológica. Todas estas áreas têm possibilidade de ser estudadas separadamente e com mais profundidade em diferentes investigações académicas. Deste modo, clarifica-se que a extensão do objeto de estudo compõe uma das limitações da dissertação.

A interdependência entre os três pilares da sustentabilidade está também presente na gestão de festivais. Como referido anteriormente, as dimensões económica e social foram abordadas superficialmente, percebendo-se que:

- o pilar económico tem, naturalmente, uma presença ativa em todas as ações de um festival. A adoção de métodos, recursos e parcerias ambientalmente sustentáveis pode ter efeitos positivos na sustentabilidade económica, ainda que muitas vezes seja necessário investimento inicial;
- o pilar social tem uma posição particularmente influente em decisões que digam respeito ao local, pelas possíveis repercussões na dinâmica social da comunidade envolvente; à alimentação, e às parcerias e cooperação, por haver capacidade para dinamizar negócios locais.

No âmbito da sensibilização do público, constatou-se ao longo do trabalho que a educação não formal integrada em eventos pode tomar várias formas: por via da divulgação nos meios de comunicação – a própria imagem e mensagem transmitida influenciam os comportamentos dos participantes –; e através de atividades que promovam valores ecológicos, forneçam conhecimento e ferramentas práticas. As vantagens em associar a educação para a sustentabilidade a um festival predominam dos dois lados: dissemina-se a consciência ecológica de forma eficaz, em ambientes não formais e de coletividade; o evento associa-se à questão ambiental, o que demarca a sua imagem dentro de uma indústria vasta e competitiva e, evidentemente, traz benefícios para o local e comunidade que o envolve.

Destaca-se um ponto importante: as parcerias. A cooperação entre entidade organizadora, fornecedores, prestadores de serviços, participantes, entre outros envolvidos, tem por base uma

relação de transparência e de compartilhamento de objetivos. É evidenciada a importância de metas e objetivos claros e estabelecidos, tanto na cadeia de fornecimento (sobre a qual a norma ISO 20121 se foca bastante), como ao longo de toda a equipa responsável pela organização do festival.

Ao mesmo tempo, observa-se a nível nacional e internacional a tendência para premiar e financiar eventos que adotam métodos de gestão de sustentabilidade; como a secção *Contribution to Sustainability* dos *Iberian Festival Awards*<sup>70</sup>, os prémios *A Greener Festival Award*<sup>71</sup>, os prémios *The Sustainable Event Awards*<sup>72</sup>, o apoio financeiro “Sê-lo Verde” do Fundo Ambiental, entre outras iniciativas públicas e privadas.

Enquanto o presente trabalho já se encontrava em curso, a pandemia causada pelo vírus COVID-19 atravessou o planeta, alterando consideravelmente o paradigma cultural e dos festivais em particular. A grande maioria viu as edições adiadas para o ano de 2021. Uma parte adotou outras estratégias, muito concentradas na componente digital. Esta transformação profunda também remodelou o curso da dissertação. A primeira mudança evidente assentou na impossibilidade de fazer observação no terreno, que teria contribuído para análises mais completas e precisas. A segunda manifestou-se na primeira entrevista aos casos de estudo, a Pedro Norton de Matos (Greenfest). Residiu no questionamento de estratégias digitais e nas suas vantagens para a redução de pegada ambiental, bem como a consequente alteração da experiência cultural e coletiva dos festivais, ficando o interesse para investigações posteriores.

No campo empírico, os três casos de estudo têm diferenças entre si, tanto em termos de temáticas, como no tipo de local/espço em que ocorrem. No entanto, verificaram-se semelhanças em resultados a determinadas medidas. Por exemplo, a abolição da venda de garrafas de água em recipientes de plástico ou a adoção de copos/canecas reutilizáveis em todo o recinto, produziu o mesmo efeito: a redução significativa de resíduos no final do evento. O trabalho de sensibilização sobre o modo de deslocação dos participantes é transversal aos três festivais, bem como a disponibilização de opções de transporte público e coletivo através de parcerias. De qualquer modo, os três casos deparam-se com um problema comum: a utilização do automóvel.

---

<sup>70</sup>Disponível em: <https://www.talkfest.eu/post/2019/11/28/iberian-festival-awards-2020-conhe%C3%A7a-todos-os-nomeados-e-vote?lang=pt>, consultado a 20 de outubro de 2020.

<sup>71</sup>Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/agf-awards/a-greener-festival-award/>, consultado a 20 de outubro de 2020.

<sup>72</sup>Disponível em: <https://sustainableeventawards.com/2020/en/page/home>, consultado a 20 de outubro de 2020.

Apesar da urgência em combater as consequências da crise climática, o processo de gestão de sustentabilidade ambiental em festivais é longo e gradual. Destaca-se a importância de um planejamento rigoroso para que o percurso seja focado em objetivos sustentáveis. Para atingir a sustentabilidade requer-se investimento, empenho e comprometimento de toda a equipa e das entidades envolvidas.



## BIBLIOGRAFIA

- ACORDIA, Charles, e Michelle WHITFORD. Festival attendance and the development of social capital. *Journal of Convention & Event Tourism*. Taylor & Francis Group, 2007, pp. 1-18.
- ALLEN, Myles, et al. *Aquecimento Global de 1,5°C*. Suíça: Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, 2018.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Calheiros da Silva. *O papel dos festivais de cinema portugueses na atração de turistas*. Tese de Doutorado, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, 2016 [consult. 2020-05-05].
- ALMEIDA, João Ferreira de. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, pp. 193-222.
- ANDRADE, Daniela, e Isabel MACARENCO. Responsabilidade Social e Ambiental para Desenvolvimento Sustentável: A Dimensão Comunicacional. *Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba: 2009.
- AROWOSHEGBE, Amos Ojo, Uniamikogbo EMMANUEL, e Atu GINA. Sustainability and triple bottom line: An overview of two interrelated concepts. *Igbinedion University Journal of Accounting* [Em linha]. 2016, 2, pp. 88-126 [consult. 2020-05-05] Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322367106\\_SUSTAINABILITY\\_AND\\_TRIPLE\\_BOTTOM\\_LINE\\_AN\\_OVERVIEW\\_OF\\_TWO\\_INTERRELATED\\_CONCEPTS](https://www.researchgate.net/publication/322367106_SUSTAINABILITY_AND_TRIPLE_BOTTOM_LINE_AN_OVERVIEW_OF_TWO_INTERRELATED_CONCEPTS)
- ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development*. Organização das Nações Unidas, 2015.
- AUSTALIA/PACIFIC SDSN. *Getting started with the SDGs in universities: A guide for universities, higher education institutions, and the academic sector*. Australia, New Zealand and Pacific Edition, 2017.
- AZEVEDO, Luiza Elayne et al. Responsabilidade socioambiental como temática de eventos. *XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Caxias do Sul: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.
- BABBIE, Earl. How to design a research project. Em: Earl Babbie. *The practice of social research*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1989.
- BACHA, Maria de Lourdes, Jorgina SANTOS, e Angela SCHAUN. *Considerações teóricas sobre o conceito de Sustentabilidade*. VII Simpósio de excelência em gestão e tecnologia, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70, 2018. Extra Coleção. ISBN: 9789724415062.
- BARRETT, Mike, et al. *Living planet report - 2018: Aiming higher*. Suíça: WWF, 2018. ISBN: 978-2-940529-90-2.
- BOIRAL, Olivier. Global warming: should companies adopt a proactive strategy? *Long Range Planning*. Elsevier, 2006, 39, pp. 315-330.
- BOTTRILL, Catherine, et al. *First step: UK music industry greenhouse gas emissions for 2007: Executive summary*. Julie's Bicycle, 2008. ISBN: 1 874370 45.
- BOWDIN, Glenn, et al. *Events management*. 2nd ed. Estados Unidos da América: Routledge, 2011. ISBN: 978-0-7506-6533-9.
- BROCA, Mita. A comparative analysis of the environmental impacts of ceramic plates and biodegradable plates (made of corn starch) using the Life Cycle Assessment tool. *Office of sustainability*. Site de Tufts University, 2008.
- BRODRIBB, J. Mission Earth. *New Scientist Magazine*. 1997.
- BROOKS, Sarah, Dan O'HALLORAN, e Alexandre MAGNIN. *The Sustainable Music Festival – A Strategic Guide*. Suécia: 2007.

- BROWNE, Alison L., Tullia JACK, e Russell HITCHINGS. ‘Already existing’ sustainability experiments: Lessons on water demand, cleanliness practices and climate adaptation from the UK camping music festival. *Geoforum*. Elsevier, 2019, 103, pp. 16-25.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem. Our common future—Call for action. *Environmental Conservation*. 1987, 14, pp. 291-294.
- BRYMAN, Alan. *Social Research Methods*. 4ª ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. ISBN: 978-0-19-958805-3.
- BUTTERWORTH, Jamie, et al. *Towards the Circular Economy: Accelerating the scale-up across global supply chains*. Geneva: World Economic Forum, 2014.
- CHIRIELEISON, Cecilia, Alessandro MONTRONE, e Luca SCRUCCA. Event sustainability and sustainable transportation: a positive reciprocal influence. *Journal of Sustainable Tourism*. Routledge, 2020, 28 (2), pp. 240-262 [consult. 2020-07-19]. ISSN: 0966-9582. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09669582.2019.1607361?journalCode=rus20>
- CHIRIELEISON, Cecilia, e Luca SCRUCCA. Event sustainability and transportation policy: A model-based cluster analysis for a cross-comparison of hallmark events. *Tourism Management Perspectives*. Itália: Elsevier, 2017, 24 (2), pp. 72-85.
- CLAXTON, Hannah. *Food, Food, Glorious Food – we will become what we eat* [Em linha]. 2012 [consult. 2020-07-14]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/food-and-water/>
- COLLINS, Andrea, e Crispin COOPER. Measuring and managing the environmental impact of festivals: The contribution of the Ecological Footprint. *Journal of Sustainable Tourism*. Routledge, 2017, 25 (1), pp. 148-162. ISSN: 0966-9582.
- COLLINS, Andrea, e Dimitris POTOGLU. Factors influencing visitor travel to festivals: challenges in encouraging sustainable travel. *Journal of Sustainable Tourism*. Routledge, 2019, 27 (5), pp. 668-688. ISSN: 0966-9582.
- COMISSÃO EUROPEIA. *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social e ao Comité das Regiões*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2014.
- COMISSÃO EUROPEIA. Desenvolvimento sustentável na Europa para um mundo melhor: Estratégia da União Europeia em favor do desenvolvimento sustentável. *Proposta da Comissão ao Conselho Europeu de Gotemburgo (Bruxelas, 15 de maio de 2001)* [Em linha]. Bruxelas: 2001 [consult. 2020-05-06]. Disponível em: <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/50d8ed8f-7a7d-44f4-a5bb-27aba0b13bd5/language-pt>
- COMISSÃO EUROPEIA. *Pacto Ecológico Europeu*. Comissão Europeia. Disponível em: [https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal\\_pt](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_pt), 2019
- COPELAND, Audrey M., Alison A. ORMSBY, e Andrea M. WILLINGHAM. Assessment and comparative analysis of a reusable versus disposable to-go system. *Sustainability: The Journal of Record*. Research and Solutions, 2013, 6 (6), pp. 353-358.
- COSTA, Carlos, e Miguel HENRIQUES. The development of a systematic approach to government involvement in international tourist events. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. 2004, 2(1), pp. 68-78.
- CUPETO, Carlos, et al. *Guia Agenda 21 Local: Um desafio para todos*. Agência Portuguesa do Ambiente, 2007.
- DA SILVA, Eduardo Yuji Kinjo, e Andrea SANDER. Os Impactos Ambientais que um Grande Evento Ocasional na Região em que é Realizado e as Ações Sustentáveis para Minimizá-los, na Visão de um Gestor de Eventos. *Revista Metodista de Administração do Sul*. Brasil: 2017, 2 (2), pp. 143-184.

- DENISON, Richard A. Environmental comparison of reusable ceramic mugs vs. disposable cups made from polystyrene or virgin bleached paperboard. *The Alliance for Environmental Innovation*. 1998a.
- DENISON, Richard A. Environmental comparison of reusable spoons made from stainless steel vs. disposable spoons made from polystyrene or polypropylene. Não publicado. 1998b.
- DENNY, Stew. *The Basics* [Em linha]. 2009 [consult. 2020-07-14]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/food-and-water/>
- DE SOUSA, Daniel Vieira. O conceito de impacto ambiental no quadro do conceito de sustentabilidade. *Caminhos de Geografia*. Brasil: UFU, 2006, 7 (18), pp. 179-182. ISSN: 1678-6343.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. 2006.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e prática*. São Paulo: Gaia, 1992.
- DIAS, Marina Lourenço Nunes. *Contributo para modos de gestão de sustentabilidade de eventos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, 2013.
- DJEKIC, Ilija. Environmental impact of meat industry – current status and future perspectives. *Procedia Food Science*. Elsevier, 2015, 5, pp. 61-64.
- DODDS, Rachel, e Sonya GRACI. *Green Festivals and Events, a How to...*The Icarus Foundation, 2008.
- DE BRITO, Marisa P., e Elena CAVAGNARO. *Strategies for sustainable events*. Celth/NHTV, 2016.
- DE MOOR, Joost. Alternative globalities? Climatization processes and the climate movement beyond COPs. *International Politics*. 2020, pp. 1-18.
- DE MOOR, Joost, et al. *Protest for a future II: Composition, mobilization and motives of the participants in Fridays For Future climate protests on 20-27 September, 2019, in 19 cities around the world* [Em linha]. 2020 [consult. 2020-05-05]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/339487182\\_Introduction\\_Fridays\\_For\\_Future\\_-\\_an\\_expanding\\_climate\\_movement](https://www.researchgate.net/publication/339487182_Introduction_Fridays_For_Future_-_an_expanding_climate_movement)
- ELKINGTON, John. *Cannibals with Forks*. Reino Unido: Capstone, 1997. ISBN: 1-900961-27-X.
- ELKINGTON, John. Enter the Triple Bottom Line [Em linha]. 2004 [consult. 2020-03-05]. Disponível em: <https://www.johnelkington.com/archive/TBL-elkington-chapter.pdf>
- FLEMING, Paul, Ben MARCHINI, e Christopher MAUGHAN. *Reducing Electricity Related Greenhouse Gas Emissions at Music Festivals*. Reino Unido: 2013.
- FREITAS, Mário. Educação Ambiental e/ou Educação para o Desenvolvimento Sustentável? Uma análise centrada na realidade portuguesa. *Revista Iberoamericana de Educación*. 2006, 41, pp. 133-147.
- GETZ, Donald, et al. *Event management & event tourism*. Cognizant Communication Corp., 1997.
- GETZ, Donald. *Event studies: theory, research and policy for planned events*. Reino Unido: Elsevier, 2007.
- GETZ, Donald. Event tourism: Definition, evolution, and research. *Tourism management*. Canadá: Elsevier, 2008, 29, pp. 403-428.
- GETZ, Donald. Policy for sustainable and responsible festivals and events: institutionalization of a new paradigm. *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events* [Em linha]. Fevereiro de 2009, pp. 61-78 [consult. 2020-03-05]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19407960802703524>
- GIBSON, C., e C. WONG. Greening rural festivals: Ecology, sustainability and human-nature relations. Em: C. GIBSON e J. CONNELL, eds. *Festival places – Revitalising rural Australia*. Bristol: Chanel View Publications, 2011, pp. 92-105.

- GLOBAL REPORTING INITIATIVE. *Sustainability Reporting Guidelines & Event Organizers Sector Supplement*. Amsterdão: GRI, 2012.
- GOMES, Patrícia Pereira Vasques, André BERNARDO, e Gilson BRITO. Princípios de sustentabilidade: uma abordagem histórica. *XXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Porto Alegre: 2005.
- GPP: GABINETE DE PLANEAMENTO, POLÍTICAS E ADMINISTRAÇÃO GERAL. *Erosão do solo*. Portugal: PRRN – Programa para a Rede Rural Nacional, 2010. Disponível em:  
[https://www.gpp.pt/index.php?option=com\\_content&id=255&lang=pt&layout=edit&view=article](https://www.gpp.pt/index.php?option=com_content&id=255&lang=pt&layout=edit&view=article)
- HAMMOND, Geoffrey P. ‘People, planet and prosperity’: the determinants of humanity's environmental footprint. *Natural Resources Forum*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, pp. 27-36.
- HARRISON, Helena, et al. Case study research: Foundations and methodological orientations. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*. 2017.
- HEDIGER, W. Sustainable development and social welfare. *Ecological Economics*. 2000, 32(3), pp. 481–492.
- HUCKLE, John, Stephen STERLING, e Stephen R. STERLING (ed.). *Education for sustainability*. Earthscan, 1996.
- ISO 20121: 2012. Event sustainability management systems – Requirements with guidance for use. 1ª ed. 2012.
- JACKSON, Tim. *Prosperity without growth? The transition to a sustainable economy*. Sustainable Development Commissioner, 2009.
- JAŠÍKOVÁ, Veronika, Vladimír BUREŠ, e Petra MAREŠOVÁ. The certification as a tool for environmental management of social events. *Energy & Environment*. República Checa: Faculty of Informatics and Management, 2011, pp. 328-334. ISBN: 978-960-474-274-5.
- JOHNSON, Chris. Reusable bar cup guide for events. *Drastic on Plastic*. Raw Foundation, 2018b.
- JOHNSON, Chris. *The Making Waves Guide to Plastic-Free Festivals and Events*. Raw Foundation, 2018a.
- JOHNSON, Chris. *The Powerful Thinking Guide 2017: Smart Energy for Festivals and Events*. *Powerful Thinking*. 2017.
- JOHNSON, Chris. *The Power Behind Festivals: A guide to sustainable power at outdoor events*. *Powerful Thinking*. Green Festival Alliance, 2012.
- JOHNSON, Chris. *The Show Must Go On: Environmental Impact Report and Vision for the UK Festival Industry*. *Powerful Thinking*. 2015.
- JONES, Meegan. *Sustainable event management: A practical guide*. Routledge, 2014.
- JULIE’S BICYCLE. *Julie’s Bicycle Practical Guide: Waste Management at Outdoor Events* [Em linha]. Reino Unido: Arts Council England, 2015. [consult. 2020-07-10]. Disponível em: <https://juliesbicycle.com/resource-waste-outdoor-events-2015/>
- JUTBRING, Henrik. Social marketing through a music festival: Value perceived by festival visitors who reduced meat consumption. *Journal of Social Marketing*. 2018, 8, pp. 237-256.
- KARAMI, Ali, et al. The presence of microplastics in commercial salts from different countries. *Scientific Reports* [Em linha]. Springer Nature, 2017, 7 [consult. 2020-07-15]. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/315896114\\_The\\_presence\\_of\\_microplastics\\_in\\_commercial\\_salts\\_from\\_different\\_countries](https://www.researchgate.net/publication/315896114_The_presence_of_microplastics_in_commercial_salts_from_different_countries)
- LAL, Rattan. Soil carbon sequestration impacts on global climate change and food security. *Science* [Em linha]. Estados Unidos da América: American Association for the

- Advancement of Science, 2004, 304 (5677), pp. 1623-1627 [consult. 2020-07-14]. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/304/5677/1623>
- LAING, Jennifer, e Warwick FROST. How green was my festival: Exploring challenges and opportunities associated with staging green events. *International Journal of Hospitality Management*. 2010, 29, pp. 261-267.
- LAYRARGUES, Philippe P. Educação no processo da gestão ambiental: criando vontades políticas, promovendo a mudança. *Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, Erechim*. 2002, pp. 127-144. ISBN: 968-23-2141-7.
- LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder*. México: Siglo XXI, 1998.
- LIMA, Gustavo da Costa. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. *Ambiente & sociedade*. 1999, 5, pp. 135-153.
- LIU, Chyong-Ru, et al. Sustainability indicators for festival tourism: A multi-stakeholder perspective. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism* [Em linha]. Routledge, 2019, 20 (3), pp. 296-316 [consult. 2020-07-09]. ISSN: 1528-008X. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1528008X.2018.1530165?journalCode=wqah20>
- MACARTHUR, Dame Ellen, Dominic WAUGHROY, e Martin R. STUCHTEY. *The new plastics economy, rethinking the future of plastics*. Geneva: World Economic Forum, 2016.
- MANSO, José R. Pires. A economia da cultura: Vetor estratégico de desenvolvimento para Portugal. *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*. Universidade da Beira Interior, 2014.
- MARANDOLA JR, Eduardo, e Yoshiya Nakagawara FERREIRA. Da educação ambiental à consciência ecológica: horizontes geográficos. *GEOGRAFIA (Londrina)*. 2010, 11, pp. 283-296.
- MARTINS, Ana, et al. *Guia para Eventos Sustentáveis*. Portugal: BCSD Portugal, 2014. ISBN 978-989-98060-0-9.
- MARTINS, Antonio, Teresa MATA, e Carlos COSTA. Education for sustainability: challenges and trends. *Clean Technologies and Environmental Policy*. 2006, 8, pp. 31-37.
- MASCARENHAS, Maria Paula Vilhena, e Cristiana dos A. Fernandes COSTA. *Responsabilidade Social e Ambiental das Empresas: uma perspectiva sociológica*. 2011.
- MINISTÉRIO DO AMBIENTE. *Liderar a Transição [Plano de Ação para a Economia Circular em Portugal: 2017-2020]*. Lisboa: Ministério do Ambiente, 2017.
- MOKHTAR, S'harin Binti, e Yin-Shin DENG. Attributes of Sustainable Event. *Internacional Journal of Environmental Science and Development*. 2015, 6 (11).
- MONCK, Geoff. *Tree Protection at Festivals* [Em linha]. 2009. [consult. 2020-07-14] Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/land-damage/>
- MONTEIRO, Thel Augusto, et al. Consciência ecológica e atitudes dos consumidores: um estudo exploratório sobre seus impactos diante de produtos e marcas. *Revista de Administração da UNIMEP*. 2012, pp. 183-198.
- MOORE, Teresa. Campsite Waste, A Single Use Plastics Problem. *IQ magazine* [Em linha]. 2019, 82 [consult. 2020-04-02]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/green-festival-initiatives/campsite-roundtable/>
- PACKED, Jam. *Part 1: Audience Travel Emissions from Festivals*. 2009.
- PARSONS, Kelly, et al. *Good Food for Festivals Guide* [Em linha]. Ethical Eats e Food Legacy, 2012 [consult. 2020-08-02]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/green-initiatives/the-good-food-for-festivals-guide/>
- PIRES, Eliane Cristine Raab. *As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2004. ISBN 972-745-077-6.

- PNUA: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O AMBIENTE. Give Your Large Event a Small Footprint. *Sustainable Events Guide*. Nairobi: PNUA, 2012. ISBN: 978-92-807-3277-1.
- PORTUGAL. Ministério do Ambiente. *Ambiente e Ação Climática: Fundo Ambiental*. Lisboa: Diário da República, 2020.
- QIN, Dahe, et al. Climate change 2013: the physical science basis. *Contribution of Working Group I to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Reino Unido: Cambridge University Press, 2014.
- RAJ, Razaq, e James MUSGRAVE. *Event management and sustainability*. C. SMITH-CHRISTENSEN, K.A. GRIFFIN, L. DÁVID, D. TASSIOPOULOS, D. JOHNSON, J. MENDES, M. GUERREIRO, P. VALLE, S. BEER, E. HARVEY. Estados Unidos da América: Cabi, 2009. ISBN: 978 1 84593 524 5.
- REIGOTA, Marcos. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. *Educação e Pesquisa*. 2010, 36, pp. 539-570.
- REIGOTA, Marcos, et al. Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. *Rio de Janeiro: Dp&A*. 1999.
- RIBEIRO, Tatiana Dinis, Pedro António FERREIRA, e Maria João VAZ. Creating shared value in Rock in Rio business model case study. Em: *2018 13th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI) (13 a 16 de Junho de 2018, Caceres, Espanha)* [Em linha]. Espanha: IEEE, 2018, pp. 1-6 [consult. 2020-06-04]. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/8399348>
- RICH, Samantha Rozier, et al. Measuring the Economic, Social, and Environmental Impacts of Special Events: A Mixed Methods Approach. Em: *2011 ttra Internacional Conference (19 a 21 de Junho de 2011, Ontário, Canadá)*. Canadá: Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally, 2011, 59.
- RICHARDSON, Neil. Corporate social responsibility or sustainability in music festivals. *International Journal of Organizational Analysis* [Em linha]. Reino Unido: Esmerald Publishing Limited, 2019, 27 (5), pp. 1257-1273 [consult. 2020-05-11]. ISSN: 1934-8835. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJOA-03-2018-1368/full/html>
- RICHMOND, Alexia. *A Critical Analysis of the Impacts of UK Music Festivals on the Environment Using Three Comparative Case Studies*. Tese de Doutoramento, Cardiff Metropolitan University, 2017.
- RIECKMANN, Marco. *Education for sustainable development goals: Learning objectives*. UNESCO Publishing, 2017.
- SAAYMAN, Melville, e Chris VAN HEERDEN. Sustainability of a national arts festival: An application of a data envelopment analysis approach. *Tourism Economics*. África do Sul: SAGE, 2018, 24 (5), pp. 576-592.
- SAAYMAN, Melville (ed.). *Introduction to Sports Tourism and Event Management, An*. AFRICAN SUN MeDIA, 2012.
- SANTOS, Márcia Oliveira. *Responsabilidade Ambiental nas Organizações: a busca pelo diferencial competitivo*. 2007.
- SHARPLEY, Richard. *Tourism, tourists and society*. Routledge, 2018.
- SHERWOOD, Peter. *A triple bottom line evaluation of the impact of special events: The development of indicators*. Tese de Doutoramento, Victoria University, 2007.
- SIMÕES, Maria Leonor Ferreira. *Os Eventos e a Atractividade e Competitividade Turística das Cidades: O Caso de Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2012.

- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Crise Ambiental e Condição Humana Três Questões Fundamentais. *Metamorfoses. Entre o colapso e o desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005a, 171-181.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Os desafios da crise global e social do ambiente. *Metamorfoses. Entre o colapso e o desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005b, 19-35.
- STETTLER, Stephanie L. *Sustainable event management of music festivals: An event organizer perspective*. Dissertação de mestrado, Portland State University, 2011.
- SEERS, Juliet. *RMIT Sustainable Events Guide* [Em linha]. Melbourne: RMIT University, 2017. [consult. 2020-06-14]. Disponível em: <http://mams.rmit.edu.au/go5yt43n3hf2.pdf>
- SHARPE, Erin K. Festivals and social change: Intersections of pleasure and politics at a community music festival. *Leisure Sciences* [Em linha]. Taylor & Francis Online, 2008, 30 (3), pp. 217-234 [consult. 2020-07-03]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01490400802017324>
- SHEEHAN, B. *Greenhouse gas impacts of disposable vs reusable foodservice products*. Technical Report Rethink Disposable, 2017.
- SILVA, Sílvia Biscaia, Nélia Martins VIEGAS, e Luís Alberto Rodrigues Ribeiro CAIADO. A Importância do “Festival MED” para o desenvolvimento Cultural e Turístico de Loulé. *Tourism & Management Studies* [Em linha]. Portugal: Redalyc, 2011, 1, pp. 806-818 [consult. 2020-08-10]. ISSN: 2182-8458. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388743867073>
- SOUZA, Marcos Eduardo de. Fatores que influenciam a digestão anaeróbia. *Revista DAE*. 1984, 44 (137), 88-94.
- STEENBEKKERS, Nanneke. *Sustainability in music festivals*. Tese de Doutorado, NHTV Breda University of Applied Sciences, 2014.
- TAVARES, Bruno Ribeiro. *O Ambiente e as Políticas Ambientais em Portugal: contributos para uma abordagem histórica*. Tese de Doutorado, Universidade Aberta, 2013.
- TAVARES, Maria Gizelda de Oliveira, Eliecilia de Fátima MARTINS, e Gislene Margaret Avelar GUIMARÃES. A educação ambiental, estudo e intervenção do meio. *Revista Iberoamericana de Educación*. 2003, pp. 1-10.
- TEIXEIRA, Leopoldo Brito, et al. Processo de compostagem, a partir de lixo orgânico urbano, em leira estática com ventilação natural. *Embrapa Amazônia Oriental-Circular Técnica*. Brasil: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2004, 33 (1). ISSN 1517-211X.
- TÖLKES, Christina, e Elias BUTZMANN. Motivating pro-sustainable behavior: The potential of green events — A case-study from the Munich Streetlife Festival. *Sustainability* [Em linha]. Alemanha: MDPI, 2018, 10 (3731) [consult. 2020-07-10]. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/10/10/3731>
- TURISMO DE PORTUGAL. *Estratégia Turismo 2027 – Liderar o Turismo do Futuro*. 2018.
- VERCALSTEREN, A., et al. *Comparative LCA of 4 types of drinking cups used at events; Eco-efficiency analysis of 4 types of drinking cups used at events*. Bélgica: OVAM, 2007.
- WACHTER, Benton, et al. A life cycle analysis and cost comparison of dining ware in the Alfred packer grill. *Fine dining zero waste: Evaluation and recommendations for achieving CUSG zero waste goals at the Alfred packer Restaurant and Grill*. Estados Unidos da América: Environmental Studies Program, 2013.
- WBCSD Water. Why watershed approaches are important to business sustainability. *Sharing water: Engaging business*. World Business Council for Sustainable Development, 2013.
- WEBSTER, Emma. *Association of Independent Festivals Six-Year Report 2014*. Live music Exchange, 2014.

YIN, Robert K. *Case study research: Design and methods*. Londres: Ed. Sage Publications, 1994.

ZWS: ZERO WASTE SCOTLAND. *How to Plan And Deliver Environmentally Sustainable Events*. Resource Efficient Scotland, 2015.

### Webgrafia

AGÊNCIA LUSA. Boom Festival começa no domingo e espera 30 mil pessoas de 147 nacionalidades. Em: *Observador* [Em linha]. Observador, 2018 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://observador.pt/2018/07/20/boom-festival-comeca-no-domingo-e-espera-30-mil-pessoas-de-147-nacionalidades/>

AGÊNCIA LUSA. Boom Festival de Idanha-a-Nova recebe novo prémio internacional de sustentabilidade. Em: *Diário de Notícias* [Em linha]. Diário de Notícias, 2019 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/boom-festival-de-idanha-a-nova-recebe-novo-premio-internacional-de-sustentabilidade-10748978.html>

AGÊNCIA LUSA. Boom Festival tem um impacto económico de 55,3 milhões de euros. Em: *Público* [Em linha]. Público, 2020 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/06/p3/noticia/boom-festival-impacto-economico-553-milhoes-euros-1903093>

AGÊNCIA LUSA. Em 2018 realizaram-se 311 festivais de música em Portugal, mais 39 do que em 2017. Em: *Observador* [Em linha]. Observador, 2019 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://observador.pt/2019/03/21/em-2018-realizaram-se-311-festivais-de-musica-em-portugal-mais-39-do-que-em-2017/>

AGÊNCIA LUSA. Festivais de música tiveram mais de 2,5 milhões de espectadores em 2017. Em: *Diário de Notícias* [Em linha]. Diário de Notícias, 2018 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/festivais-de-musica-tiveram-mais-de-25-milhoes-de-espectadores-em-2017-9034498.html>

AGÊNCIA LUSA. Medidas de festivais para poupar recursos e energia terão financiamento até 60%. Em: *Observador* [Em linha]. Observador, 2017 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://observador.pt/2017/02/13/medidas-de-festivais-para-poupar-recursos-e-energia-terao-financiamento-ate-60/>

AGÊNCIA ZERO. O Rock in Rio Lisboa 2018 em números. Em: *Event Point* [Em linha]. Event Point, 2018 [consult. 2020-05-05]. Disponível em: <http://www.eventpointinternational.com/pt/item/12-radar/3002-o-rock-in-rio-lisboa-2018-em-numeros>

AKATU. *Em busca de eventos verdes e sustentáveis* [Em linha]. Equipa Akatu, 2011 [consult. 2020-04-07]. Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/em-busca-de-eventos-verdes-e-sustentaveis/#sthash.ypbgVWTD.dpuf>

AMBIENTE MAGAZINE. *Boom conquista “A Greener Festival Award” pela sexta edição consecutiva* [Em linha]. Ambiente Magazine, 2019 [consult. 2020-04-08]. Disponível em: <https://www.ambientemagazine.com/boom-conquista-a-greener-festival-award-pela-sexta-edicao-consecutiva/>

APA: AGÊNCIA PORTUGUESA DO AMBIENTE. Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – 1972. Em: *Desenvolvimento Sustentável* [Em linha]. APA, 2020 [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=140>

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DO AMBIENTE. *Desenvolvimento Sustentável* [Em linha]. APA, 2020 [consult. 2020-03-17]. Disponível em: <https://apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=140>

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DO AMBIENTE. *ENEA* [Em linha]. APA, 2020 [consult. 2020-04-04]. Disponível em: <https://enea.apambiente.pt/>

ASSOCIATION OF INDEPENDENT FESTIVALS. *Association of Independent Festivals* [Em linha]. AIF, 2020 [consult. 2020-06-18]. Disponível em: <https://aiforg.com/>

A GREENER FESTIVAL. *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-03-03]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/>

A GREENER FESTIVAL. *A Greener Festival Award*. Em: *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-10-20]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/agf-awards/a-greener-festival-award/>

A GREENER FESTIVAL. *Festival Woods*. Em: *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/festival-wood/>

A GREENER FESTIVAL. *Juicy Stats 2019*. Em: *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-07-14]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/consultancy-research/juicy-stats-2019/>

A GREENER FESTIVAL. *Resources*. Em: *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-04-03]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/knowledge-base/#Research2013>

A GREENER FESTIVAL. *What We Do – Green Initiatives – 8th Plate*. Em: *A Greener Festival* [Em linha]. AGF, 2020 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://www.agreenerfestival.com/8th-plate/>

BOOM FESTIVAL. *Boom Festival* [Em linha]. Boom Festival, 2020 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://boomfestival.org/>

BRAMÃO, Ricardo. *Annual Report Festivais de Música 2019 | Impacto económico, ranking, raio-x à sua tipologia, número e público*. Em: *Aporfest* [Em linha]. Aporfest, 30 de dezembro de 2019 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.aporfest.pt/single-post/2017/10/11/257-festivais-portugueses-j%C3%A1-anunciados-para-2017>

CÂMARA MUNICIPAL DE S. PEDRO DO SUL. *Bio Região – Enquadramento*. Em: *São Pedro do Sul: Capital do Termatismo* [Em linha]. Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, 2020 [consult. 2020-09-14]. Disponível em: <http://www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=400>

CLIMATE STRIKE. *Climate Strike* [Em linha]. Climate Strike, 2015 [consult. 2020-05-05]. Disponível em: <https://www.climatestrike.net/>

COMISSÃO EUROPEIA. *Pacto Ecológico Europeu*. Em: *Comissão Europeia* [Em linha]. Direção-geral da Comunicação, 2020 [consult. 2020-05-14]. Disponível em: [https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal\\_pt](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_pt)

COMISSÃO EUROPEIA. *What is EMAS?* Em: *European Commission Environment* [Em linha]. Comissão Europeia, 2017 [consult. 2020-06-24]. Disponível em: [https://ec.europa.eu/environment/emas/index\\_en.htm](https://ec.europa.eu/environment/emas/index_en.htm)

CONSELHO EMPRESARIAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o BCSO Portugal*. Em: *BCSD Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável* [Em linha]. BCSO, 2020 [consult. 2020-03-18]. Disponível em: <https://www.ods.pt/>

CONSELHO EMPRESARIAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. *Sustentabilidade*. Em: *BCSD Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável* [Em linha]. BCSO, 2020 [consult. 2020-03-17]. Disponível em: <https://www.bcsdportugal.org/sustentabilidade/sustentabilidade>

CONSELHO EUROPEU. *Acordo de Paris sobre as alterações climáticas*. Em: *Conselho Europeu, Conselho da União Europeia* [Em linha]. Conselho Europeu, 2020 [consult. 2020-03-18]. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/climate-change/paris-agreement/#>

ECO ACTION PARTNERSHIP. *Love Your Tent* [Em linha]. Reino Unido: Eco Action Partnership, 2020 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <http://loveyourtent.com/>

ECO COPO. *Eco Copo – Copos Reutilizáveis* [Em linha]. Eco Copo, 2020 [consult. 2020-06-07]. Disponível em: <https://ecocopo.copopalhinhas.pt/>

ECYCLE. Plástico PLA: alternativa biodegradável e compostável. Em: *eCycle* [Em linha]. eCycle, 2020 [consult. 2020-07-22]. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/738-plastico-pla>

EIGHTH PLATE. *Eighth Plate* [Em linha]. Eighth Plate, 2019 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <http://www.eighthplate.org.uk/>

ENVIRONMENT GLOBAL FACILITIES. *Deposição em Aterro Sanitário* [Em linha]. Environment Global Facilities, 2020 [consult. 2020-07-20]. Disponível em: <https://www.egf.pt/pt/areas-de-negocio/tratamento-e-valoriza%C3%A7%C3%A3o-de-res%C3%ADduos/deposi%C3%A7%C3%A3o-em-aterro-sanit%C3%A1rio/deposicao-em-aterro-sanitario/>

EUROSONIC NOORDERSLAG. *Eurosonic Noorderslag* [Em linha]. ESNS, 2020 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://esns.nl/>

FESTIVAL MED. *Festival Med* [Em linha]. Festival Med, 2019 [consult. 2020-08-11]. Disponível em: <http://www.festivalmed.pt/pt/>

FESTIVAL REPUBLIC. *Festival Republic* [Em linha]. Festival Republic, 2020 [consult. 2020-06-18]. Disponível em: <https://www.festivalrepublic.com/>

FONSECA, Ricardo Jorge. Há cada vez mais pessoas nos festivais de verão. Em: *JN* [Em linha]. JN, 3 de fevereiro de 2018 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/festivais-a-abarrotarnos-alive-e-rock-in-rio-sao-os-mais-rapidos-a-captar-bandassao-plataformas-de-excelencia-9094459.html>

FRIDAYS FOR FUTURE. *Fridays for Future* [Em linha]. Fridays for future, 2020 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://fridaysforfuture.org/>

GLASTONBURY FESTIVAL. *Glastonbury Festival* [Em linha]. Glastonbury Festival, 2020 [consult. 2020-06-18]. Disponível em: <https://www.glastonburyfestivals.co.uk/>

GREENFEST. *Greenfest 2020* [Em linha]. Greenfest, 2020 [consult. 2020-03-20]. Disponível em: <https://www.greenfest.pt/>

GUERRA, Luís. Os números dos festivais em Portugal em 2017. Em: *Blitz* [Em linha]. Luís Guerra, 2017 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://blitz.pt/principal/update/2017-08-28-Os-numeros-dos-festivais-em-Portugal-em-2017>

INFO PORTUGAL SA. *Montanhas Mágicas* [Em linha]. Portugal: InfoPortugal, 2015 [consult. 2020-08-25]. Disponível em: <http://montanhasmagicas.pt/pt/>

INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL. Festivais em Portugal. Em: *ICA Instituto do Cinema e do Audiovisual* [Em linha]. ICA, 2020 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.ica-ip.pt/pt/agenda/festivais-em-portugal/>

INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL. *ICA Instituto do Cinema e do Audiovisual* [Em linha]. ICA, 2020 [consult. 2020-05-04]. Disponível em: <https://www.ica-ip.pt/pt/>

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR ORGANIZATION. ISO 14001:2015 Environmental management systems – requirements with guidance for use. Em: *ISO* [Em linha]. ISO, 2015 [consult. 2020-06-24]. Disponível: <https://www.iso.org/standard/60857.html>

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR ORGANIZATION. *ISO 20121: Event Sustainability Management System* [Em linha]. ISO, 2012 [consult. 2020-03-08]. Disponível em: <http://www.iso20121.org/>

IPCC. *The Intergovernmental Panel on Climate Change* [Em linha]. IPCC, 2020 [consult. 2020-05-02]. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/>

JULIE'S BICYCLE. Sustainable Events Guides with Manchester City Council. Em: *Julie's Bicycle* [Em linha]. Julie's Bicycle, 2020 [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://juliesbicycle.com/sustainable-events-guides-with-manchester-city-council/>

NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS. *Nova Sbe* [Em linha]. Nova SBE, 2020 [consult. 2020-08-23]. Disponível em: <https://www2.novasbe.unl.pt/pt/>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Department of Economic and Social Affairs. Sustainable Development* [Em linha]. ONU, 2019 [consult. 2020-03-19]. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Millenium Development Goals. Em: *ONU* [Em linha]. ONU, 2015 [consult. 2020-03-17]. Disponível em: <https://www.un.org/millenniumgoals/>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Thundering youth on power to act now. Em: *Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente* [Em linha]. ONU, 2019 [consult. 2020-03-19]. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/pt-br/node/24644>

POWERFUL THINKING. Fact Sheets. Em: *Powerful Thinking* [Em linha]. [consult. 2020-06-09]. Disponível em: <http://www.powerful-thinking.org.uk/resources/fact-sheets/>

REACTION. *Bike-Power* [Em linha]. Reaction [consult. 2020-08-06]. Disponível em: <https://bike-power.co.uk/>

RESEARCH AND DEGROWTH (R&D). Definition. Em: *Research and Degrowth (R&D)* [Em linha]. R&D, 2020 [consult. 2020-04-01]. Disponível em: <https://degrowth.org/definition-2/>

SGS. Certificação Produtos Biológicos. Em: *SGS* [Em linha]. SGS, 2020 [consult. 2020-07-24]. Disponível: <https://www.sgs.pt/pt-pt/agriculture-food/food/food-certification/organic-certification>

SHAMBALA FESTIVAL. Bring a Bottle. *Shambala Festival* [Em linha]. Shambala, 2020 [consult. 2020-07-22]. Disponível em: <https://www.shambalafestival.org/designing-out-disposables/>

SHAMBALA FESTIVAL. *Shambala Festival* [Em linha]. Shambala, 2020 [consult. 2020-06-18]. Disponível em: <https://www.shambalafestival.org/>

SUSTAINABLE EVENT AWARDS. *The Sustainable Event Awards* [Em linha]. Sustainable Event Awards, 2020 [2020-10-20]. Disponível em: <https://sustainableeventawards.com/2020/en/page/home>

SUSTAINABILITY FOR ALL. What are carbon sinks? Em: *Sustainability For All* [Em linha]. Acciona, 2019 [consult. 2020-06-25]. Disponível em: <https://www.activesustainability.com/climate-change/carbon-sinks-what-are/>

TALKFEST. Iberian Festival Awards 2020. Em: *Talkfest'20 International Music Festivals Forum* [Em linha]. Talkfest, 2019 [consult. 2020-10-20]. Disponível em: <https://www.talkfest.eu/post/2019/11/28/iberian-festival-awards-2020-conhe%C3%A7a-todos-os-nomeados-e-vote?lang=pt>

TRADIDANÇAS. *Tradidanças* [Em linha]. Tradidanças, 2020 [consult. 2020-03-02]. Disponível em: <http://www.tradidancas.pt/>

TSF. Boom Festival com impacto económico de 56 milhões de euros em Idanha-a-Nova. Em: *TSF* [Em linha]. TSF, 2020 [2020-06-03]. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/boom-festival-com-impacto-economico-de-56-milhoes-de-euros-em-idanha-a-nova-11783245.html>

UTOPIA CAMPING. *Utopia Camping* [Em linha]. Utopia Camping Solutions [consult. 2020-04-10]. Disponível em: <https://utopia-camping.de/>

WASTE AND RESOURCES ACTION PROGRAMME. *WRAP* [Em linha]. Reino Unido: WRAP, 2020 [consult. 2020-07-16]. Disponível em: <https://www.wrap.org.uk/>

[sem autor disponível]. Embedded energy. Em: *Appropedia* [Em linha]. Appropedia, 2020 [consult. 2020-07-20]. Disponível em: [https://www.appropedia.org/Embedded\\_energy](https://www.appropedia.org/Embedded_energy)